

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Michel Alexandre Fillus

**O desenvolvimento do ego infantil expresso
nas imagens oníricas de crianças**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
NÚCLEO DE ESTUDOS JUNGUIANOS

SÃO PAULO
2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Michel Alexandre Fillus

**O desenvolvimento do ego infantil expresso
nas imagens oníricas de crianças**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa. Dra. Ceres Alves de Araújo.

SÃO PAULO
2013

Banca Examinadora

*Ao Marcos,
meu afilhado que me inspira sempre*

*À Luciene
pelo valor da amizade.*

"Em relação a todos os atos de iniciativa e de criação, existe uma verdade fundamental cujo desconhecimento mata inúmeras ideias e planos esplêndidos: a de que no momento em que nos comprometemos definitivamente, a providência move-se também. Toda uma corrente de acontecimentos brota da decisão, fazendo surgir a nosso favor toda sorte de incidentes e encontros e assistência material que nenhum homem sonharia que viesse em sua direção. O que quer que você possa fazer ou sonhe que possa, faça. Coragem contém genialidade, poder e magia. Comece agora."

Goethe

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a DEUS, que em sua infinita misericórdia permitiu-me chegar até aqui, sendo providente em todos os detalhes, protegendo-me, guiando-me, enchendo-me de força, coragem e alegria. Seu amor é vivo!

Quero agradecer aos meus pais, Miguel e Marizeti, que não mediram esforços para me ajudar, do modo que lhes foi possível, a realizar esse sonho. Agradeço aos meus irmãos Marcos, Micheli e Marina que me acompanharam e torceram por mim.

Ao meu afilhado Marcos, a quem dedico esse trabalho, e ao meu sobrinho Mateus por serem as crianças que eu amo muito e que me inspiram sempre!

À jacqueline, minha companheira, pela muita paciência nesse processo. Saiba que sou muito abençoado pela oportunidade em tê-la por minha namorada. Amo você!

À Ceres Alves de Araújo agradeço, primeiramente, pela sua orientação excelente. Esteja certa de que sua generosidade e exemplo me ajudaram a desenvolver mais que conhecimento, tornando-a para mim um referencial de profissionalismo e de ser humano. Seu modo gentil e atencioso foram para mim a sua marca indelével nesse processo.

À Jussara Janowski, por me iniciar na obra de Jung e por partilharmos juntos de tantas orientações, supervisões, leituras, conversas e amizade. Obrigado por indicar os caminhos que me trouxeram até aqui, sintase “culpada” por esse êxito! Agradeço também por aceitar com muito carinho o meu convite em integrar a banca de defesa.

À Denise Ramos e ao Francisco Assumpção pelas suas colaborações em minha banca de qualificação e na defesa e pela atenção dispensada para que esse trabalho obtivesse validação científica.

À Liliana Wahba por ter me ajudado em tantas questões, pela sua cordialidade e pelas suas aulas que foram importantíssimas para o fundamento teórico da pesquisa.

Ao Durval Faria pelas aulas e por aceitar compor a minha banca de defesa. Também agradeço aos demais professores do curso Ida Kublikowski e Edna Kahhale.

À CAPES, pela bolsa de estudos que me foi concedida, sem a qual não poderia concluir este mestrado.

À Maristela Vantroba pela correção dos textos.

Agradeço às professoras Francielle, Prislaine e Silvana pela colaboração com a coleta de dados e à Ir. Maria, diretora, e à Patrícia, secretária de educação, por autorizar a pesquisa com os alunos da escola.

À Nina Castrezana por ser amiga de verdade, companheira de todas as horas e generosa em me ajudar sempre. Quem encontrou um amigo, encontrou um tesouro!

Às sempre companheiras de curso e de viagem Kaká e Rafa: a amizade e os risos ficarão eternizados.

À Ana Rios, pela imensa ajuda com textos, referências e cordialidade. À Lyana Aragão pelo intercâmbio entre universidades. E aos demais colegas de curso: Paula, Fernando, Glaucia, Caio, Fernanda, Olavo, Helena, Ana Carolina, Filomena, Simone, Lilian, Gladys e Gil por todos os bons momentos partilhados.

A vida me presenteou com muitos amigos, mas não vou mencionar todos aqui pois tenho medo de esquecer de alguém. Por isso, sintam-se todos muito importantes e queridos para mim, direta ou indiretamente, vocês fazem parte do que eu sou.

A todos os meus amigos do Sheliah, que sempre estiveram comigo. A todos os amigos frutos do JNL e os espalhados pelo Paraná, e por outros estados, o meu muito obrigado, vocês são sensacionais!

As crianças, participantes da pesquisa, eu agradeço de forma especial, pois sem vocês esse trabalho não seria possível. Sou grato por permitirem que eu adentrasse nesse espaço secreto do sonho. Sua força e energia são para mim a chance do vir a ser mais completo e melhor.

Agradeço aqui no final, para ressaltar, à Luciene Vasconcelos, a quem também dedico este trabalho, pela correção ortográfica e principalmente por materializar a certeza de que Deus coloca pessoas maravilhosas em nosso caminho. Lu, se eu estou concretizando esse sonho, foi porque você apostou naquilo que eu ainda não sabia que podia fazer. Nunca poderei agradecer à altura do que fez e representa para mim; talvez, somente, com a imensa admiração que tenho por ti. Também estendo esse agradecimento à família Vasconcelos, Luiz, Luizinho e Gilka, pelo acolhimento de sempre e permissão para que eu me sentisse parte da família.

OBRIGADO A TODOS!

RESUMO

FILLUS, Michel A. **O desenvolvimento do ego infantil expresso nas imagens oníricas de crianças**. 2013. 161 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

O presente estudo teve por finalidade observar a expressão onírica de crianças, selecionando desse meio, para uma análise mais apurada, as imagens concernentes aos arquétipos, evidenciados nas produções infantis, e que são importantes no processo de desenvolvimento do ego e ampliação da consciência na infância. Considera-se que os arquétipos são padrões básicos de organização psíquica, sem conteúdo *a priori*, presentes desde o nascimento, que mediam a experiência da criança em torno de temas fundamentais da vida humana e são preenchidos por conteúdos advindos da vivência pessoal. A população foi composta por 55 crianças, divididas em dois grupos, entre quatro a cinco anos de idade, matriculadas em uma escola pública municipal situada na região metropolitana de Curitiba. Foram realizadas atividades de coleta do material onírico das crianças, em turno escolar, utilizando-se do desenho como veículo para a exposição do relato do sonho. O método de análise foi o qualitativo, criando-se categorias de análise a partir do material obtido, baseando-se em pressupostos da Psicologia Analítica. Concluiu-se que a atividade com os sonhos é canal eficaz para observar a dinâmica inconsciente das crianças, compreendendo aspectos da trajetória do desenvolvimento do ego e da expansão da consciência. Observou-se que o conteúdo do sonho na infância não é aleatório, mas possui sentido, estando presentes evidências dos arquétipos materno, paterno e fraterno, importantes na estruturação da personalidade, com suas funções específicas. Como elemento organizador das experiências iniciais de autonomia e símbolo do ego, o arquétipo do herói foi observado de forma difusa, correspondendo ao que se denominou “espectro do herói”, incluindo as formações simbólicas inconscientes que se traduzem em imagens de amparo e diferenciação, recursos colaborativos, aspectos instintivos, imagens de enfrentamento e resistência e indicativos de individualidade.

Palavras-chave: desenvolvimento infantil, arquétipos, herói, ego, Psicologia Analítica.

ABSTRACT

FILLUS, Michel A. **The development of the infantile ego expressed in dream images of children**. 2013. 161 p. Masters Dissertation. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

The present study aimed to observe the expression of children dream, this means selecting for a more accurate analysis, the images pertaining to the archetypes, evidenced in children's productions, which are important in the process of ego development and expansion of consciousness in childhood. It is considered that the archetypes are basic patterns of psychic organization, without content a priori, present from birth, that mediate the experience of children around fundamental issues of human life and are filled with content coming from personal experiences. The population consisted of 55 children, divided into two groups, with four to five years of age, enrolled in a public school located in the metropolitan region of Curitiba. Activities were collecting the dream material of children in school hours, using design as a vehicle for the exhibition of the story of the dream. The method of analysis was qualitative, creating categories of analysis from the material obtained, based on assumptions of Analytical Psychology. It was concluded that the activity with dreams proved to be an effective channel to observe the unconscious dynamics of children, including aspects of the developmental trajectory of ego and consciousness expansion. It was observed that the content of the dream in childhood is not random, but has a sense of being present evidence archetypal mother, father and brother, important in the structuring of the personality, with its specific functions. How organizing element of the initial experiences of autonomy and symbol of the ego, the archetype of the hero was observed in a diffuse form, corresponding to what was named "Hero of the spectrum", including the symbolic unconscious formations that translate into images of shelter and differentiation, collaborative features, aspects instinctive images of confrontation and resistance indicative of individuality.

Keywords: child development, archetypes, hero, ego, Analytical Psychology.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. O ADVENTO DA PSIQUE E O ALVORECER DO EGO INFANTIL	20
2.1. “Gênesis”: os princípios fundamentais arquetípicos.....	20
2.2 “E Deus fez o homem”: a ampliação da consciência e o desenvolvimento complexo do ego.	30
2.3 Aspectos do processo de individuação na criança de quatro a cinco anos de idade.	37
3. DA PSICOLOGIA DO SONHO AO UNIVERSO ONÍRICO INFANTIL.....	44
3.1. O sonho na perspectiva da Psicologia Analítica	44
3.2. Revisão de literatura sobre os sonhos de crianças e considerações.....	49
4. A ABORDAGEM SIMBÓLICA E OS RECURSOS EXPRESSIVOS.....	56
5. OBJETIVOS.....	60
5.1. Objetivo Geral.....	60
5.2. Objetivos específicos.....	60
6. MÉTODO	60
6.1. Características do estudo	60
6.2. Local	60
6.3. Participantes	61
6.4. Instrumentos	61
6.5. Procedimento de coleta de dados	61
6.6. Procedimento de Análise dos dados	63
6.7. Cuidados éticos	67
7. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	68
7.1. Dados demográficos.....	68
7.2. Elementos oníricos	71
7.2.1. Humanos	71
7.2.2. Animais	93
7.2.3. Natureza	102
7.2.4. Figuras fantásticas	111
7.2.5. Meios de transporte	120
7.2.6. Casa	121
7.2.7. Ação	123
7.3. Evolução da estrutura dramática do sonho	126
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
9. REFERÊNCIAS	144
ANEXOS.....	156

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição do elemento “Humanos” em categorias, por grupo e em número de ocorrência e % em produções válidas considerando o relato.....	72
Tabela 2: Distribuição do elemento “Humanos” em categorias, por grupo e sexo, em número de ocorrência e % em produções válidas considerando o relato.....	72
Tabela 3: Distribuição do elemento “Animais” na categoria doméstico, em número de ocorrência e % em produções válidas, por grupo e sexo, considerando o relato.....	94
Tabela 4: Distribuição do elemento “Animais” na categoria não domésticos, em número de ocorrência e % em produções válidas, por grupo e sexo, considerando o relato.....	94
Tabela 5: Distribuição do elemento “Animais” na categoria pré-históricos, em número de ocorrência e % em produções válidas, por grupo e sexo, considerando o relato.	94
Tabela 6: Distribuição do elemento “Natureza” em tipos, por grupo, e em número de ocorrência e % em produções válidas, considerando relato e o desenho.....	103
Tabela 7: Distribuição do elemento “Natureza” no sexo feminino, em tipos, por grupo, e em número de ocorrência e % em produções válidas considerando relato e desenho.	103
Tabela 8: Distribuição do elemento “Natureza” no sexo masculino, em tipos, por grupo, e em número de ocorrência e % em produções válidas considerando relato e desenho.	104
Tabela 9: Distribuição do elemento “Figuras Fantásticas”, por grupo e sexo, em número de ocorrência e % em produções válidas considerando o relato.....	112
Tabela 10: Distribuição do elemento “Meios de Transporte” em tipos, por grupo e sexo, e em número de ocorrência e % em produções válidas considerando o relato.....	120
Tabela 11: Distribuição do elemento “casa” em tipos, por grupo e sexo, e em número de ocorrência e % em produções válidas considerando o relato.....	121

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição de população por sexo e grupo etário.....	68
Gráfico 2: Número de produções válidas por grupo.	69
Gráfico 3: Número de produções inválidas por sexo e grupo.	69
Gráfico 4: Distribuição do elemento “Ação” em categorias, por sexo, e em número de ocorrência em produções válidas considerando o relato.	124
Gráfico 5: Estrutura dramática do sonho distribuídas em categorias, por grupo, e em número de ocorrência em produções considerando o relato.....	126
Gráfico 6: Estrutura dramática do sonho distribuídas em categorias, por grupo e sexo, e em número de ocorrência em produções considerando o relato.....	127
Gráfico 7: Categorias de evolução do sonho em número de séries, por grupo, considerando o relato.	134
Gráfico 8: Categorias de evolução do sonho em número de séries, por grupo e sexo, considerando o relato.	135
Gráfico 9: Itens de evolução distribuídos em categorias, por grupo, e em número séries.	136
Gráfico 10: Itens de evolução distribuídos em categorias, por grupo, e em número séries.	137

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Desenho do sonho sujeito #J.....	79
Figura 2: Desenho do sonho sujeito #Jl.....	80
Figura 3: Desenho do sonho sujeito #Ls.....	82
Figura 4: Desenho do sonho sujeito #Sf.....	82
Figura 5: Desenho do sonho sujeito #Hy.....	83
Figura 6: Desenho do sonho sujeito #Em.....	84
Figura 7: Desenho do sonho sujeito #Gr.....	85
Figura 8: Desenho do sonho sujeito #An.....	88
Figura 9: Desenho do sonho sujeito #Mcl.....	89
Figura 10: Desenho do sonho sujeito #KaM.....	90
Figura 11: Desenho do sonho sujeito #Ay.....	90
Figura 12: Desenho do sonho sujeito #An.....	100
Figura 13: Desenho do sonho sujeito #An.....	101
Figura 14: Desenho do sonho sujeito #KJ.....	101
Figura 15: Desenho do sonho sujeito #Nt.....	123
Figura 16: Desenho do sonho sujeito #V.....	128
Figura 17: Desenho do sonho sujeito #G.....	128
Figura 18: Desenho do sonho sujeito #Md.....	129
Figura 19: Desenho do sonho sujeito #En.....	130
Figura 20: Desenho do sonho sujeito #Vt.....	130
Figura 21: Desenho do sonho sujeito #Th.....	131
Figura 22: Desenho do sonho sujeito #BdR.....	132
Figura 23: Desenho do sonho sujeito #VdL.....	132
Figura 24: Desenho do sonho sujeito #VdL.....	133

1. INTRODUÇÃO

A psicologia mantém elos de comunicação com várias áreas do conhecimento que são favoráveis e indispensáveis para que a compreensão do processo de desenvolvimento humano adquira uma perspectiva sistêmica e integral. Observar o universo inconsciente das crianças fornece dados a respeito do processo de desenvolvimento e fenômenos relativos à infância. Com o surgimento das primeiras escolas de pensamento, tido como psicológico, o entendimento da infância assumiu um papel importante no estudo da estruturação psíquica que culminaria com uma maior atenção dos processos mentais ligados a essa faixa etária.

O estudo do desenvolvimento, em particular o infantil, sempre me interessou; entretanto o trabalho direto com crianças não. Ao assumir a função de psicólogo escolar em um centro de educação infantil entrei em contato direto com as crianças e seu universo. As mesmas conquistaram-me, intrigaram-me, emocionaram-me e, desde então, aliou-se o trabalho com as crianças e a necessidade de produzir conhecimento em torno do tema no âmbito da psicologia.

Estudar e, deste modo, contribuir para o conhecimento a respeito do desenvolvimento do ego e da ampliação da consciência infantil, como da personalidade total, revisando conceitos e considerando o avanço de áreas do conhecimento ligadas à psicologia é pertinente para a compreensão da infância. A produção de literatura específica na área pode contribuir também para os segmentos que interagem com a criança, seja na clínica, na educação ou na sociedade em geral.

O presente trabalho é fundamentado nos pressupostos da psicologia analítica. De acordo com Pieri (2002), na psicologia junguiana o paradigma centrista e determinista cede lugar ao paradigma da complexidade e diversidade dinâmica. O paradigma junguiano faz parte dos assim chamados 'paradigmas qualitativos', por sua ênfase no aspecto interpretativo e compreensivo dos fenômenos. Por paradigma

junguiano entende-se “o corpo de conhecimentos propostos por C. G. Jung, ampliado e atualizado pelos pós-junguianos e sua aplicação prática. Esse corpo consiste em concepções ontológicas, pressupostos epistemológicos e propostas de atitude perante o mundo e o ser humano” (PENNA, 2009, p.55).

A psicologia analítica enfatiza a dinâmica dos processos inconscientes e seus desdobramentos. As possibilidades de escuta desse mundo analógico podem dar-se de variadas formas, entre elas no sonho. Tal possibilidade, nas crianças, pode ser ampliada com outros recursos, como o desenho, tornando a observação dos conteúdos inconscientes mais clara e efetiva, configurando, ainda, um ato de criação.

No entendimento junguiano os sonhos são um meio de comunicação eficaz entre o inconsciente e o consciente, manifestando-se, de forma natural e genuína, via símbolo. Este é uma ponte epistemológica para que o ego acesse o inconsciente e, no caso de um trabalho de pesquisa com crianças, para que o ego do pesquisador possa conhecer os conteúdos inconscientes dos participantes. Como autorretrato espontâneo, o sonho é uma espécie de radiografia psíquica que informa de dentro para fora, figurando uma possibilidade de relação dialética entre o consciente e o inconsciente. É válido ressaltar que:

A investigação psicológica na psicologia analítica considera os fenômenos em seu âmbito individual (sonhos, fantasias, experiências pessoais) e coletivo (mitos, contos de fadas, obras de arte, acontecimentos sociais e políticos), desde que revestidos de valor simbólico, seja para o indivíduo ou a coletividade que os produz e os vivencia psicologicamente (PENNA, 2009, p.88).

Apesar do tema dos sonhos ser clássico para a psicologia analítica, os sonhos das crianças e suas relações com o desenvolvimento infantil têm sido pouco discutidos por autores pós-junguianos e sem, na maior parte dos casos, a sistematização de uma pesquisa específica.

Partindo do pressuposto de que a criança desde o início possui uma psique individual, apesar de dependente e entrelaçada no inconsciente parental, é possível obter as primeiras imagens oníricas da criança com o advento da linguagem e da habilidade de representação a partir do desenvolvimento da função simbólica. As imagens obtidas por meio do relato e da representação gráfica são ilustrações

analógicas que remetem ao intenso fervilhar de aquisições, adaptações, ampliações e construções que o sujeito realiza. Estando na base do desenvolvimento, esses conteúdos por sua vez indicam o funcionamento de padrões básicos de organização mental, arquetípicos, que aos poucos são recheados de conteúdos advindos da relação do sujeito com seu mundo circundante, com suas experiências primordiais. Jung em seus seminários sobre os sonhos infantis ressalta aspectos particulares dos sonhos em crianças, compreendendo que “estes primeiros sonhos provêm da totalidade da personalidade e revelam diversos aspectos seus que não encontramos mais adiante, quando a vida nos força a fazer diferenciações unilaterais” (JUNG, 2011, p. 29).

A idade de quatro a cinco anos representa um momento no qual o sujeito já possui o domínio da linguagem falada e um vocabulário relativamente satisfatório. Particularmente, a partir dos quatro anos há uma independência maior em relação às figuras parentais, que têm a função de auxiliar e mediar a exploração da criança, colaborando com sua emancipação e autonomia. O ego com progressiva autonomia passa a vigorar como centro da consciência e, como fator integrador, possibilita a continuidade da noção de espaço-tempo, de dentro e fora, de continuidade do ser que já tem um nome e se auto-intitula “EU”.

A tarefa da criança é realizar a transição da inconsciência, da coletividade, da indiferenciação, do aconchego na família e do vínculo estreito com a mãe característicos da primeira infância para um estágio no qual se inicia a conscientização, a diferenciação, objetividade, a saída para o mundo e a separação da família (JUNG, 2011, pg. 433).

O processo de desenvolvimento observável nas produções simbólicas expressas pelas crianças, explicita os padrões básicos e dinâmicos inconscientes: os arquétipos. Os arquétipos, correlatos aos instintos, são experimentados subjetivamente pelo sujeito como impulsos básicos. Eles são princípios básicos de organização psíquica, em torno de temas humanos fundamentais. Para as crianças tais princípios básicos são a fundação da estruturação psíquica, gerando sistemas arquetípicos, que organizam e aglutinam imagens e conteúdos, em torno dos temas, por exemplo, da mãe, do pai, dos irmãos e, também, do herói.

Assim, os arquétipos evidenciados no desenvolvimento infantil têm por finalidade organizar a dinâmica psicológica da criança, auxiliando-a na sua trajetória de desenvolvimento. Todos os temas são importantes, por exemplo: o arquétipo materno está ao apego, cuidado e regulação das necessidades psíquicas e fisiológicas; já o arquétipo paterno vigora como princípio da lei, da diferenciação e da cultura; e o arquétipo fraterno organiza as experiências de dividir, negociar, de ampliar a relação com os iguais e empatizar com eles.

Como fator primordial que impulsiona o desenvolvimento do ego e a ampliação da consciência, o arquétipo do herói na infância pode ser considerado simbolicamente uma representação de uma força motriz agindo para auxiliar o ego infantil na adaptação ao mundo externo, na organização do mundo interno e no fortalecimento de sua individualidade. Organiza, inclusive, a necessidade de exploração, de afirmação e de reagir aversivamente da criança.

A presente pesquisa visa analisar o conteúdo e a dinâmica inconsciente de uma determinada população infantil, através do seu universo onírico e, selecionar as imagens concernentes aos arquétipos, importantes para o desenvolvimento do infante e para a sua estruturação psíquica. As análises dos dados podem fornecer uma série de informações relevantes para a realidade local e para o estudo do desenvolvimento infantil na psicologia analítica, subsidiando novas pesquisas e intervenções.

É relevante que o processo de desenvolvimento humano seja observado desde os primeiros anos da infância, considerando tanto os fenômenos psicológicos comuns a maioria das crianças, quanto a subjetividade das mesmas na sua condição não generalizável. Dar voz ao que elas têm a dizer, e das formas que lhes são possíveis, mobilizam possibilidades de escuta, transformação e mudança. Desta forma, explorar a imagem simbólica que advém de forma inconsciente assume maior importância. Observar, registrar e integrar as produções artísticas e intuitivas infantis pode fornecer possibilidades de observar o desenvolvimento da personalidade e a odisséia egóica para sua estabilização no mundo.

As primeiras manifestações de autonomia infantil, nas várias áreas do comportamento, demarcam o modo pelo qual o desenvolvimento do ego é observável externamente. A constituição da autonomia psicológica da criança pode ser observável

simbolicamente no nascimento do herói, indicando o modo pelo qual o ego infantil integrará as vivências do mundo interno e externo, administrando as transformações próprias do amadurecimento, sucedendo etapas e interagindo com outros elementos da psique.

Considerando que o ego da criança desenvolve-se entre seu mundo interno e externo, é possível presumir que a diminuição de determinados padrões em detrimento de outros, a inserção de novos elementos psíquicos e a superação dos obsoletos, sejam comuns ao processo de desenvolvimento e que esses dados possam ser observados empiricamente. Na presente pesquisa, a observação e análise do conteúdo arquetípico, expressos nos dados colhidos, considerará esse movimento. Compreender a riqueza das possibilidades de imaginação e novas conexões abre uma porta pela qual se pode elaborar os eventos e situações vividas na vida concreta e na vida interior, via símbolo. A análise das produções oníricas das crianças poderá confirmar esta possibilidade, já atuante na infância, repleta de expectativas de vir a ser.

A presente dissertação está organizada da seguinte forma: o primeiro capítulo está subdividido em três subcapítulos: primeiramente discutir-se-á sobre os arquétipos como fundamento mais básico na vida psíquica, considerando proposições atuais em consonância com áreas do conhecimento ligadas à psicologia do desenvolvimento; na segunda parte, discutir-se-á o processo de desenvolvimento do ego e da ampliação da consciência; e, finalmente, na terceira parte, a fundamentação será estendida ao processo de individuação e ao seus aspectos simbólicos que podem estar presentes na faixa etária a que se destina esta pesquisa, coadunando com os conteúdos atualmente veiculados às crianças que fazem parte do seu universo de imagens.

No segundo capítulo é proposta uma revisão sobre o modo pelo qual a psicologia analítica compreende o fenômeno onírico e a respeito dos sonhos infantis, listando as principais publicações sobre o tema.

O terceiro capítulo trata dos recursos expressivos e como eles podem, epistemologicamente, contribuir para que o pesquisador possa conhecer e, assim, inferir sobre o inconsciente de outrem.

A seguir são descritos os objetivos e detalhado o método da pesquisa. Após, há o capítulo de resultados e discussão, apresentando e explorando os dados obtidos e os relacionados com as referências selecionadas.

Por fim, as considerações finais pretendem sintetizar as conclusões advindas dos resultados da pesquisa. Convido o leitor a acompanhar o raciocínio aqui exposto, tecendo suas próprias conclusões sobre o tema e, também, sobre como a criança interior de cada um de nós pode estar presente em nossa jornada na qual somos chamados à existência, irrevogável e inegavelmente humana.

2. O ADVENTO DA PSIQUE E O ALVORECER DO EGO INFANTIL

2.1. “Gênesis”: os princípios fundamentais arquetípicos.

O desenvolver é uma característica de todos os seres vivos, dotando os mesmos de capacidades, habilidades e de uma série de diferenciações que garantem sua sobrevivência no mundo. O desenvolvimento está intrinsecamente ligado à noção de processo, cuja etimologia deriva do latim “*procedere*” que indica uma ordem de ações que se estruturam em função de um objetivo, no sentido de avanço e de “ir para frente” – *pro+cedere* (CUNHA, 2010). Nas ciências humanas, na qual inserimos a psicologia, considera-se que o desenvolvimento é multifacetado e não apenas uma sucessão cronológica de eventos interligados por uma meta, sendo, portanto, compreendido como uma junção de sistemas, áreas, padrões, relações e interferências que formam um corpo vivo e em constante transformação. Trata-se o processo de desenvolvimento enquanto trajetória, não o definindo em estágios ou etapas.

A perspectiva da psicologia analítica irá pressupor que no início do desenvolvimento o sujeito não é tábula rasa, mas traz um repertório básico para a sobrevivência e algumas características de funcionamento que o especifica enquanto ser humano. Jung [1990 (1909)] escreve:

O homem não nasceu tabula rasa, apenas nasceu inconsciente. Traz consigo sistemas organizados e que estão prontos a funcionar numa forma especificamente humana, (...) denominei este modelo instintivo, congênito e preexistente (...) de arquétipo. Esta é a imagem carregada com o dinamismo, que não podemos atribuir a um ser humano individual (p. 305, §728-9).

Jung [2008(1936)] salienta a sua escolha pelo termo coletivo, pois há uma camada inconsciente universal presente em todos os seres humanos. Os arquétipos são padrões ou motivos universais do inconsciente coletivo, definidos como autorretrato do instinto ou como forma sem conteúdo e representam a possibilidade de um certo tipo

de percepção e ação. Devido a sua profundidade o acesso a esses conteúdos somente é possível através de uma linguagem simbólica e não de forma direta. Em outra citação Jung [2008(1936)] opina que:

Na minha opinião é um grande equívoco supor que a alma¹ do recém nascido seja tábula rasa, como se não houvesse nada dentro dela. Na medida em que a criança vem ao mundo com um cérebro diferenciado, predeterminado pela hereditariedade e portanto individualizado, ela responde aos estímulos sensoriais externos, não com quaisquer predisposições, mas sim com predisposições específicas, que condicionam uma seletividade e organização da apercepção que lhe são próprias (individuais). (...) Não se trata portanto de ideias herdadas, mas de suas possibilidades. Não se trata também de heranças individuais, mas gerais, como se pode verificar pela ocorrência universal dos arquétipos (p. 78, §136).

Percebe-se nessa expressão de Jung a sua tentativa em explicar as ideias em relação à gênese da psique. Atualmente algumas de suas colocações estão revistas a luz dos conhecimentos da neurobiologia. Entretanto, a ideia básica de que não somos seres desprovidos de esquemas básicos ao nascer continua em vigor. Hark (2000, p.21) complementa essa concepção afirmando que “os arquétipos são sistemas de disposição que ordenam e implicam a vivência psíquica, estruturando a forma de manifestação das imagens”.

Os pós junguianos expandiram os conhecimentos da Psicologia Analítica, apresentando possibilidades teóricas relativas à infância, visto que o foco da pesquisa de Jung estava no desenvolvimento na segunda metade da vida. Os autores Fordham e Neumann contribuíram para a psicologia do desenvolvimento de forma significativa e, apesar de divergências teóricas, os mesmos apresentam um ponto de concordância no que se refere à criança como um ser dotado, desde o princípio, de individualidade e não sendo apenas um sujeito simbiótico no inconsciente parental (FORDHAM 2000, NEUMANN 1999).

¹ O termo “alma” é recorrente na obra junguiana e é referido, simbolicamente, como sinônimo de psique. O termo foi mantido para não alterar a redação original do autor.

Segundo a Escola Inglesa Clássica de Psicologia Analítica, o nascimento psicológico da criança emerge da singularidade de seu Self², que em contato com o mundo, estrutura a psique infantil e possibilita seu desenvolvimento. Integrando uma nova noção de Self, como um sistema que se relaciona com o ambiente, o mesmo não seria uma entidade totalmente fechada, mas dinâmica. Fordham reitera que a

concepção de Self como entidade primária, a soma dos sistemas parciais, e a introdução da ideia de que eles podem deintegrar-se e voltar a integrar-se ao Self poderia explicar a possibilidade de tratar uma criança pequena como uma unidade à parte dos pais (2000, p.86).

O arquétipo como *continuum* envolvendo a psique e o corpo lança as bases para a formação das imagens psíquicas e a integração contínua de novos elementos. Segundo Fordham (2000) o processo de nascimento psíquico ocorre da seguinte forma: ao nascer o bebê experimenta uma realidade que desencadeia uma resposta deintegrativa³, como projeção desse Self originário. A resposta ambiental, localizada inicialmente no corpo e nas suas funções básicas passa a registrar dados do ambiente, junto do impulso do Self em direção à vida. As sequências deintegrativas e reintegrativas estabilizam-se e aos poucos assumem uma função importante em momentos específicos; é possível inferir um paralelo dessa função com noção de organizadores de Sptiz (1979), que representam momentos “chave” de novas possibilidades psíquicas.

O continente materno é fundamental para que as descargas deintegrativas possam ser reintegradas novamente à psique. O par afetivo (mãe e filho) fará com que aos poucos as descargas motoras, que representam o infravermelho do espectro arquetípico (ou seja, em um nível corporal de manifestação) sejam compreendidas e aceitas, integrando o mundo parcial da criança, passando a desenvolver a porção psicológica do arquétipo. Fordham (2000, p.84) sintetiza que o este é uma “entidade

² O termo Self, em letra maiúscula, é uma convenção utilizada pelos pós-junguianos indicando a noção de um centro organizador, padronizador, e, ao mesmo tempo, a totalidade da psique.

³ O conceito de deintegração, proposto por Fordham, corresponde ao movimento autônomo do Self, o centro organizador da psique, em subdividir-se, apresentando-se ao meio. Reintegração é outro conceito, que se refere ao movimento de internalizar às reações do meio, fruto das descargas deintegrativas, criando assim um acervo de impressões que, quando aglutinadas, formarão a base do ego. Deintegração/reintegração formam um par inseparável de fenômenos.

psicossomática que possui dois aspectos: um está estreitamente ligado aos órgãos físicos; o outro, às estruturas psíquicas inconscientes”. O componente físico é fonte de pulsões libidinais e agressivas; o psíquico é a origem das formas de fantasia por meio das quais o arquétipo atinge representação incompleta na consciência. Essa relação contém a individualidade da mãe e da criança, juntamente dos fenômenos relacionais, embrenhada dos conteúdos vividos de forma projetiva pela mãe, relacionando-se com sua criança interior e com o mundo do matriarcado. Visto que esse apego e investimento psíquico é alimento indispensável ao nascimento do outro, a qualidade do par mãe-bebê é fundamental para que as experiências primeiras possam favorecer o desenvolvimento pleno do infante.

Aos poucos esses objetos parciais fragmentários poderão ser reconhecidos de forma unitária, como partes de um mesmo objeto, unificando essas impressões fragmentárias. A formação simbólica, bem como a noção de sua autoimagem separa a criança do universo essencialmente materno;

seu sentido de Self se amplia à medida que sua imagem corporal se estabelece e pode ser abstraída, imaginada, simbolizada e aparentemente dissolvida. Mas continua saudável, uma vez atingido o controle sobre as excretas, a alimentação e a musculatura (FORDHAM, 2000, p.113).

O tratamento de crianças em análise junguiana foi por determinado período uma opção de complicada realização, pois em seu sentido original Jung conferia às demandas infantis a chancela da psique parental. Estando muito próxima dos pais e sem um ego suficientemente sólido, Jung considerava que os problemas da criança não viriam dela, mas da intersubjetividade parental. Supostamente a criança nessa definição não teria “problemas” individuais.

Os esforços dos pós junguianos, alguns com influências psicanalíticas, revelaram que a criança era mais que uma extensão da psique dos pais e, desde o início, revelava uma tendência a se organizar em torno de sua individualidade. É válido considerar que a teoria de Fordham é um importante passo diante da possibilidade de elaboração de um construto teórico que compreenda a infância como um espaço de individualidade e de individuação.

Os conceitos de deintegração e integração de Fordham podem ser aplicados de maneira condizente, pois afirmam que a criança possui uma capacidade própria para se dirigir ao meio com as demandas deintegrativas do Self, que por sua vez integra ao sistema psíquico as interferências relacionais e ambientais formando as bases de experiência e vida psíquica do infante.

O arquétipo do Self não é uma forma imagética, redutiva e mágica de organização mental. É uma informação psíquica, básica, que rege princípios de estruturação psíquica. A influência do universo arquetípico no desenvolvimento da criança precisa ser considerada pautando-se na relação dos conhecimentos provindos de áreas correlatas à psicologia.

O conceito de arquétipo desenvolvido por Jung é um dos mais complexos construtos em virtude de sua alta abstração. Ao tratar do arquétipo em si e de sua manifestação na ontogênese humana, adentra-se no campo metaforicamente chamado de virtual ou o aspecto arquiteto e engenheiro da psique humana.

Saiz e Amézaga (2008) propõem “padrões de organização” que ordenam a experiência humana com o mundo e se fundamentam tanto na biologia quando nos pressupostos de funcionamento psicológico.

Podemos dizer que o cérebro é uma das estruturas que corporifica o padrão de organização autopoietica que define a organização sistêmica dos seres vivos. Assim o cérebro é uma estrutura cognitiva enquanto a mente é o processo de cognição que se identifica com o processo da vida (p.53).

Os mesmos autores salientam que o arquétipo pode ser entendido, em termos do conhecimento atual, como padrões de organização, sendo que a gênese dos sistemas arquetípicos tem seu fundamento nestes padrões. Maturana (1998) compreende que o padrão de organização de um ser vivo é definido pela forma de relação entre os seus componentes, que determinará suas características básicas, válido isto desde as formas mais elementares de vida ao ser humano.

O arquétipo pode ser considerado um ordenador da dinâmica do sistema cérebro-psique. Esse sistema é interacionista, pois assim como o cérebro é base para a formação da psique, assim também a psique pode ajudar a formar o cérebro. Com a interferência dos fatores ambientais, habilidades e capacidades surgirão dessa inter-

relação graças à plasticidade do sistema nervoso. A plasticidade será mediada pelos padrões de organização caracteristicamente humanos. Sendo arquetípicos, os mesmos organizam o conjunto cérebro-psique, derivando os sistemas arquetípicos com sua funcionalidade determinada (SAIZ E AMÉZAGA, 2008, p. 53).

No aspecto filogenético, o arquétipo é uma informação muito básica de funcionamento e organização psíquica. Na ontogênese há a constituição e manifestação dos sistemas arquetípicos e suas múltiplas formas, conteúdos e aculturações. De forma esquemática considera-se que os padrões básicos de organização geram uma auto organização do conjunto cérebro-psique. O genoma e a maturação, associados às primeiras relações com o ambiente e a aprendizagem, dariam forma aos sistemas arquetípicos.

Saiz e Amézaga (2008, p.58) afirmam que “as investigações atuais possibilitam refletir sobre o aparecimento e a formação do arquétipo em termos de relações entre genes, esquemas imagéticos e modelos representacionais”. Assim, os genes agem como disparadores de padrões de comportamento, iniciando a formação dos esquemas de imagens. Complementando essa consideração, Maturana afirma que:

Nada ocorre em um ser vivo que sua constituição genética fundamental não permita como uma possibilidade epigênica; também não ocorre nada em um ser vivo que sua constituição se não se dá com ele uma história de interações na qual este se realize em uma epigênese particular (1998, p.53).

Knox (2004) chama a atenção para a tendência dos teóricos na psicologia analítica em atribuir inatismo aos conteúdos psíquicos, principalmente quanto à formação de imagens. Por vezes é considerado pelos mesmos que o ser humano já nasceria com um acervo de imagens herdadas, fruto da acumulação das sucessivas experiências de seus antepassados. Knox defende, então, que existe uma tendência do ser humano em formar imagens, o que é diferente de as herdar. A autora cita as pesquisas relacionadas ao código genético, o qual se acreditava ter 100 mil genes e, para a surpresa dos cientistas, na realidade há uma cota de 30 mil genes. Portanto, não há “espaço” suficiente no código genético capaz de condensar imagens herdadas ou

outro conteúdo simbólico que poderia ser codificado psicologicamente em experiência subjetiva.

É importante apontar que não se trata de que o próprio padrão esquematizado esteja guardado enquanto informação no gene, mas que o algoritmo para focar atenção num padrão particular de informação seja ativado por certos estímulos altamente específicos.[...] O exemplo óbvio de um processo similar nos humanos é a atenção que a criança presta e o reconhecimento do padrão básico da face humana, desde as primeiras semanas de vida. A criança humana não tem um modelo da face humana guardado nos seus genes, mas tem instruções genéticas (algoritmos) para prestar atenção particular a qualquer padrão semelhante a uma face que apareça em seu campo visual, e esta é a única informação inata necessária (KNOX, 2003, p. 49-50).

Uma das citações de Jung [2008(1939)] a respeito do tema alia-se a essa definição quando ele afirma que “os arquétipos são determinados apenas quanto à forma e não ao conteúdo, e no primeiro caso de um modo muito limitado.” (...) e acrescenta que ele poderia ser comparado ao “sistema axial de um cristal, que pré forma, de certa forma, sua estrutura no líquido mãe, apesar de ele próprio não possuir uma existência material” (p.91, §155).

Considerando as pesquisas de Knox (2004), esquemas básicos de capacidade organizadora estariam atuando desde os primeiros momento de vida, os chamados “esquemas de imagens”. A autora salienta que estes são a forma mais antiga e mais primitiva de representação de estruturas conceituais mapeadas a partir de estruturas espaciais (p.08).

O arquétipo, como esquema de imagem, oferece um andaime inicial para este processo, mas o conteúdo é fornecido pela experiência real, particularmente a das relações intensas com os pais e outras figuras importantes. Padrões repetidos de experiência são armazenados sob a forma de modelos internos de trabalho na memória implícita. Este tipo de memória não é acessível à consciência, mas age fora da consciência, estruturando a nossa percepção do mundo, interpretando-o à luz dos padrões de gestalt generalizadas de conhecimento implícito (p.10).

Knox (2004) salienta que o cérebro e a mente possuem uma relação interacionista, ou seja, os mecanismos neurológicos sustentam a organização do cérebro e, por outro lado, necessitam de uma compreensão dos conteúdos mentais e de suas estruturas. A autopoiese do ser humano molda a sua rede de sinapses pelo potencial plástico do cérebro humano.

Para Maturana e Varela (2007, p.78) a hereditariedade se define como a “invariância transgeracional de qualquer aspecto estrutural numa linhagem de unidades historicamente conectadas”. Os mesmos autores ressaltam que a importância dada a genética não é sinônimo de cópias de genomas; a hereditariedade é mais do que a transmissão de informações, pois se considera a capacidade autopoietica do indivíduo.

Saiz e Amézaga (2005) compreendem que o comportamento é uma “propriedade emergente de um padrão de organização de uma rede neuronal” (p.102) e que o padrão de organização determina a configuração das relações entre diferentes partes constitutivas de uma rede neuronal que interagem entre si para possibilitar a emergência dos processos psíquicos. Os mesmos autores sintetizam:

Retomando o proposto por Jung e, a luz das investigações atuais, podemos afirmar que o que se herda não são conceitos, nem imagens, mas mecanismos automáticos muito básicos que vem determinados geneticamente e, em seguida, na interação entre o organismo e o meio, como um todo, possibilitam a emergência destes padrões de organização denominados arquétipos. Falamos de propriedades emergentes para deixar claro que não nos referimos, neste nível explicativo de definições, a propriedades latentes (p.104).

O processo pelo qual o sujeito adapta-se e se diferencia do coletivo é dialogicamente constituído pelo papel do outro. Por um lado a criança está imersa em um mundo coletivo, pois o substrato psíquico é o inconsciente coletivo. Devido sua capacidade arquetípica os esquemas imagéticos, que como uma força centrípeta unem os conteúdos constantemente assimilados, integram um mosaico psíquico, cujo espectro tal como o caleidoscópio forma-se além de uma consciência constituída. Por outro lado o caminho pelo qual o sujeito constitui-se necessita estar conectado ao que convencionamos de realidade externa, da qual emerge o conjunto de regras e preceitos sociais, os revestimentos culturais, os papéis e os lugares que estão de antemão reservados à criança. A via é de mão dupla e paradoxalmente retesa as capacidades

do sujeito, ora conformando-se às necessidade adaptativas, ora adaptando-se ao seu imperativo interior. Afinal, é somente na experiência tipicamente humana que a criança poderá e terá condições de iniciar sua jornada rumo à individuação.

O homem nasce dependente de um outro de mesma espécie para garantir sua sobrevivência e, devido a sua complexidade, o seu desenvolvimento é contínuo. Jacoby (2010, p.60) afirma a esse respeito que “todo o processo depende, em todo caso, da interação entre a prontidão arquetípica e um ambiente facilitador”.

O germe de um ego saudável repousa como possibilidade desde o início da vida da pessoa. A tendência arquetípica que todos os seres humanos teriam de formar um complexo do ego revela que ele não é apenas fruto do seu meio. Afinal, “se as funções do ego não houvessem sido dispostas já como potenciais no bebê, ele não poderia desenvolvê-las ou encontrá-las disponíveis em uma determinada idade” (JACOBY, 2010, p. 60).

Ao situar os aspectos do ser humano como universais ou situacionais (culturais) amplia-se o entendimento do desenvolvimento do ego e da consciência humana como uma inter-relação desses universos. Os padrões tidos como universais não são sofisticados, mas básicos, indicando certas tendências objetivas de organização mental. Esses moldes que configuram o modo humano de funcionar, pautado na biologia e nos processos sociais, adquirem uma perspectiva sistêmica e progridem alinhando a constituição da psicológica da criança.

Os padrões básicos são chamados por Lichtenberg (1992) de sistemas motivacionais, como um constructo aproximado da noção de arquétipo. Esses sistemas motivacionais seriam:

- Necessidade de regulação psíquica das necessidades fisiológicas;
- Necessidade de apego e, mais tarde, de afiliação;
- Necessidade de exploração e de afirmação;
- Necessidade de reagir aversivamente por meio do antagonismo ou do afastamento;
- Necessidade de prazer sensual.

Cumpre salientar que as descrições a respeito dos determinantes básicos do comportamento humano não são novidades, pois desde a antiguidade essas formulações têm sido substituídas por outras, com uma nova linguagem, mas com praticamente o mesmo conteúdo. A descrição acima fornece termos mais atuais para discorrer sobre os princípios básicos, que ajudam a traduzir conceitos muito abstratos ou simbólicos, comuns às produções na psicologia analítica, em termos psicológicos. Portanto, neste trabalho, o termo “sistemas motivacionais” não substituirá o conceito de arquétipo.

O arquétipo seria responsável pelos processos incipientes, arquetais do funcionamento psicológico do ser humano. Sendo uma virtualidade e possuindo uma certa organização apriorística, tende a funcionar de forma autônoma, com uma força proporcional a sua característica de fator básico. A respeito de sua qualidade apriorística, vale-se considerar que esse adjetivo expressa sua possibilidade de estar em potencial desde o nascimento do sujeito, não sendo incorporado e, portanto, qualificando o bebê de possibilidades de funcionamento e não o considerando uma “tabula rasa” como bem mencionou Jung, já explicitado neste estudo.

A partir de um fundamento arquetípico, o ego e a consciência passam a se desenvolver. Com a finalidade de aprofundar as considerações a este respeito, o próximo subcapítulo foi escrito.

2.2 “E Deus fez o homem”: a ampliação da consciência e o desenvolvimento do ego.

Na trajetória do desenvolvimento humano é esperado que o indivíduo desenvolva um ego e que haja uma relação com a consciência. Ego e consciência são termos intrinsecamente relacionados, porém diferentes. A objetividade de definições a respeito do tema parece inicialmente uma obviedade, mas se transforma em seu contrário na medida em que se exige uma metalinguagem, ou seja, o “eu” descrevendo a si mesmo.

Compreendendo o que se define por eu, Jung [1994(1951)] discorre:

Entendemos por eu aquele fator complexo com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam. É este fator que constitui como que o centro do campo da consciência, e dado que este campo inclui também a personalidade empírica, o eu é o sujeito de todos os atos conscientes da pessoa. Esta relação de qualquer conteúdo psíquico com o eu funciona como critério para saber se este último é consciente, pois não há conteúdo consciente que antes não se tenha apresentado ao sujeito (§ 1, p.1).

Jung denomina o eu de complexo, que se relaciona com todos os conteúdos conscientes da pessoa, um núcleo de significado pessoal que realiza a importante tarefa de existir, de integrar os polos internos e externos da experiência humana e de tornar o homem com características humanas: o único ser que consegue pensar sobre si mesmo e sobre sua experiência comunicando-a através dos recursos de comunicação, como o idioma.

Para Hark (2000, p.46) o ego é “como centro da consciência apenas um fragmento e uma parte de toda a personalidade”. E ainda menciona:

O ego é responsável pela conservação da personalidade e por sua continuidade e identidade pessoal. É com o ego que acontece a prova da realidade ao nosso redor e dentro de nós. É no ego que percebemos a tensão e os contrastes entre a consciência e o inconsciente. O ego

tenta, continuamente, assimilar os conteúdos inconscientes e traduzi-los em possibilidades de experiência para a consciência (p.46).

Pieri (2002) define:

Enquanto complexo de representações conscientes, o EU contém tudo aquilo que o sujeito sabe sobre si próprio, ou seja, todas as características do seu modo de ser que ele aceita porque estão de acordo com os princípios, com os ideais, e os valores do contexto social em que o próprio sujeito se reconhece (p. 187).

Stein (2004, p.26-7) complementa que o ego tem uma função dinâmica importante enquanto centro da consciência, pois “é o centro de energia que movimenta os conteúdos da consciência e os organiza por ordem de prioridade”. O ego também “é o lócus da tomada de decisões, do livre arbítrio e o agente individualizante na consciência humana”. Qualifica que “um ego forte é aquele que pode obter e movimentar de forma deliberada grandes somas de conteúdo consciente”.

Juntamente do conceito de ego, o termo consciência estará presente pois ambos coexistem e estão relacionados, conforme Jung [2009a(1921)] define:

Entendo por consciência a referência dos conteúdos psíquicos em relação ao ego, enquanto o ego a entender como tal. Relações com o ego por ele não entendidas como tais são inconscientes. A consciência é a função ou atividade que sustenta a relação dos conteúdos psíquicos com o ego. A consciência e a psique não são idênticas, já que a psique representa a totalidade dos conteúdos psíquicos, dos quais nem todos têm necessariamente relação direta com o ego, isto é, uma relação tal que lhes conferisse a qualidade de consciente (p.401, § 758).

A respeito do termo consciência, a definição do dicionário junguiano sintetiza:

Termo utilizado tanto como adjetivo, para qualificar um conteúdo ou um estado psíquico, quanto como substantivo, para indicar a consciência (*Bewusstsein*) como componente do psíquico. Em um e em outro caso, o termo ocorre sempre fazendo referência, embora de vários modos e em vários planos, ao seu oposto, isto é, ao inconsciente. O par consciente-inconsciente constitui uma das antinomias psicológicas fundamentais. Também no seu uso substantivado, o termo assume uma

valência epistemológica, isto é, o caráter de um constructo teórico (PIERI, 2002, p.124).

O fenômeno da consciência é para Stein (2004, p.24) um estado de vigília, estar desperto, atento, observando e registrando os eventos internos e externos. Complementa que “strictu sensu, a consciência humana não depende em absoluto no tocante a sua qualidade essencial, de idade ou desenvolvimento psicológico” e que o antagonista da consciência é o sono profundo, o coma, ou a morte.

Segundo Damásio:

Consciência é o termo abrangente para designar os fenômenos mentais que permitem o estranho processo que faz de você o observador ou o conhecedor das coisas observadas, o proprietário dos pensamentos formados de sua perspectiva, o agente em potencial (2000, p. 169).

Torna-se necessário, neste momento, diferenciar dois conceitos de consciência. O primeiro, e mais antigo, é a capacidade de ter uma função reflexiva, que no radical de sua palavra expressa “com conhecimento”, muito próximo da noção de consciência do eu, de quem eu sou, da consciência moral (EDINGER, 1984). O segundo é a consciência neurológica que define a capacidade desperta da pessoa, com aquilo que se passa no psiquismo naquele momento, captando os estímulos e, por isso, capacitando o ego a exercer suas funções. Para este trabalho, traduzindo em termos junguianos, considera-se a primeira como função reflexiva do ego e a segunda como definição de consciência utilizada nesta pesquisa.

De acordo com os autores citados, nas definições de ego e consciência, é possível propor a seguinte alegoria para ampliar o que se entende pelo funcionamento do par ego/consciência neste estudo: compreende-se que a consciência seria o foco de luz, o palco iluminado que proporciona o protagonismo dos conteúdos psíquicos. Por exemplo, o ego seria o protagonista de um drama e a consciência seria o técnico em iluminação, iluminando os conteúdos que protagonizam, iluminando aspectos que são relevantes, mas não sendo detentora dos conteúdos em si. Coerentemente o foco de luz pode ser treinado para iluminar mais, desde que o ego não proteste a luz apenas

para si. Essa alegoria pode resumir a compreensão da metalinguagem empregada à consciência.

Quando o senso comum afirma que um sujeito tomou consciência, ou compreende melhor a vida, em termos psicológicos ele estaria informando que um sujeito integrou aspectos à sua personalidade consciente, ou seja, o ego. O termo ampliação da consciência pode ser entendido como a possibilidade da consciência perceber fatos utilizando-se da totalidade das funções de ego e permitindo que outras informações de sua psique, seja na forma de fantasia ou outro fenômeno psicológico, coexistam com o ego. Ampliar a consciência considera a relativização do próprio ego e a reconciliação de aspectos opostos, de possibilidades de apreensão, integração de informações contidas nos complexos, a serviço da individuação.

A ampliação da consciência e o funcionamento do ego permitem ao sujeito o contato com o mundo concreto, com a resolução das demandas de adaptação e de diferenciação. A adaptação também corresponde ao mundo interno e aos impulsos básicos de sobrevivência que exigem do ego uma atitude e uma forma de compreensão ampliada.

Um aspecto importante no desenvolvimento do sujeito refere-se à capacidade da função reflexiva, aliando ego e consciência. Nesse funcionamento é plausível considerar que a inter-relação do ego e da consciência estará em desenvolvimento e seguirá uma trajetória cuja expectativa é atingir níveis mais ampliados de compreensão e de relação com mundo interno e externo. Isto é o que determinados autores na psicologia analítica denominam de “níveis ampliados de consciência”, que neste trabalho não é denominado deste modo.

O desenvolvimento da individualidade da criança depende da diferenciação de um ego, que integre as exigências do meio externo e interno. Ego e consciência são um par inseparável e não menos importante que as demais instâncias da personalidade. Um deus não existe sem a veneração de um homem.

Para Stein (2004), desde o início da vida o ego está presente nos comportamentos que tenham intencionalidade. São fragmentos que aos poucos vão se reunindo, no contato do sujeito com o meio. O ambiente é fundamental na formação do ego. Samuels (1989, p.170) expressa que “a criança, uma pessoa separada, tem que

chegar a um acordo com seus pais para sobreviver, enquanto eles (os pais), por sua vez, terão que se adaptar a sua individualidade”.

O ego infantil desenvolve-se através de colisões com o meio ambiente, defrontando-se com estímulos ambientais e seu ímpeto para a ação. Frustrações, saciações, comportamentos bem-sucedidos são realidades experimentadas desde cedo pela criança. Jung afirma que “como ponto de referência do campo da consciência, o eu é o sujeito de todos os esforços de adaptação na medida em que estes são produzidos pela vontade” [JUNG, 1994(1951), p.05, §11].

Para o ego diferenciar-se é necessário experimentar limites e frustrações, compreender que suas ações possuem consequências e que o mesmo não é onipotente. Assim, o ego emerge e se humaniza e, ao mesmo tempo, mantém a integridade da personalidade total na sua relação saudável com o Self.

O despertar do ego pode ser observado pelas pessoas ao redor da criança, havendo a certeza de que um ser humano está presente. É no reconhecimento das coisas, das pessoas, nas primeiras marcas da memória que vemos o estabelecimento do ego, culminando com o momento em que o mesmo é anunciado através do pronome “eu”. Jung [2009b(1930)] no seu texto “as etapas da vida humana” descreve a forma pela qual o ego nasce e ganha forma:

A primeira forma de consciência acessível à nossa observação e ao nosso conhecimento parece consistir, simplesmente, em perceber a conexão entre dois ou mais conteúdos psíquicos. Neste nível, por conseguinte, a consciência ainda está inteiramente ligada à percepção de algumas conexões e, por isso, é puramente esporádica e seu conteúdo não é mais lembrado posteriormente. É fato comprovado que não existe memória contínua nos primeiros anos de vida. Quando muito, o que existe são ilhas de consciência, que são como luzes isoladas ou objetos iluminados dentro de uma noite imensa. Mas estas ilhas de memórias não são aquelas conexões mais antigas que foram apenas percebidas; elas contêm uma nova série muito importante de conteúdos, isto é, aqueles conteúdos que pertencem ao próprio sujeito percipiente, o chamado eu. Inicialmente esta série é apenas percebida, como as séries originais de conteúdos, e é por essa razão que a criança, quando começa a falar de si própria, logicamente o faz na terceira pessoa. Só mais tarde, quando a série de conteúdos do eu ou o chamado complexo do eu, adquire energia própria – provavelmente como resultado de exercícios – é que surge o sentimento da subjetividade ou da egoicidade. Este é, provavelmente, o momento em que a criança começa a falar de si na primeira pessoa. Provavelmente é

nesse estágio que tem início a continuidade da memória. Essencialmente ela seria, portanto, uma continuidade das reminiscências do eu (§755 p.339).

As habilidades de exploração do mundo por iniciativa e possibilidade própria permitem o maior domínio da criança em relação ao mundo concreto e, ao mesmo tempo, impulsionam sua atividade de simbolização. Obviamente, o estágio mais inicial de identidade é o que lança as bases para a formação do eu. O ego da criança é fruto da dinâmica deintegrativa / integrativa, que possibilita a integração de marcas mnêmicas.

A entidade estabilizadora é inicialmente apenas o Self, mas logo o ego contribui e garante que as sequências dinâmicas no Self não se revelem improdutivas e circulares, mas sejam alteradas pela atividade do ego, o que por sua vez aumenta sua força. Assim a estruturação da psique é provocada, em grande medida, pelo ego. Sem ele, existiriam apenas reações deintegrativas arquetípicas, repetitivas e estas, apesar de adaptativas, não conduziriam a estruturas interativas permanentes (FORDHAM, 2000, p. 87).

Ego e Self coexistem e são unidades inter-relacionadas. O termo interpenetração pode ser considerado útil quando se busca uma forma de explicar a relação entre esses dois fatos psicológicos. Ambos necessitam de uma porosidade ótima que permita uma comunicação. É importante que o ego não cristalize sua couraça a ponto de negar que exista algo além de si, e, também, desenvolva um modo de proteção para não sucumbir diante das demandas do inconsciente. “Por definição o eu está subordinado ao si-mesmo e está para ele assim como qualquer parte está para o seu todo. O eu possui o livre-arbítrio, mas dentro dos limites do campo da consciência”. [JUNG, 1994(1951) §9, p.05].

É comum que no processo de desenvolvimento a criança estabeleça vínculos de subsistência com o outro, pois, desde a concepção há a necessidade de um “outro continente”. Conforme a criança avança em idade, ela passará a se relacionar com o amor e a lei. Ou seja, se por um lado o afeto dedicado à criança contém, afaga e protege, por outro é instaurada a lei a fim de regular os próprios impulsos, autorizando-a no mundo. Em sua trajetória o ego infantil precisa reunir energia para se estabelecer, correspondendo às exigências do meio e de sua individualidade.

A criança culmina o desenvolvimento do ego quando o mesmo pode ser considerado amadurecido; entretanto, o desenvolvimento enquanto meta de individuação é para toda a vida. Fordham (2000) define uma série de características do ego amadurecido, enumeradas abaixo:

1. Percepção: dos estímulos através do sistema nervoso;
2. Memória: é um elemento essencial e pode ser alterado por interferências emocionais;
3. Organização de conteúdos mentais: o ego organiza os conteúdos com os recursos das atitudes (introversão e extroversão) e funções (pensamento, sentimento, sensação e intuição), além de também mobilizar a fantasia;
4. Controle sobre a mobilidade;
5. Teste de realidade;
6. Fala;
7. Defesas: defesas estão para auxiliar no trato de conflitos que geram efeitos emocionais. Há defesas mais primitivas que outras;
8. Capacidade de renunciar às funções de controle e organização do ego: necessidade do ego de reconhecer suas limitações.

Além dessas características, a capacidade de refletir sobre si mesmo é fundamental na medida em que a criança experimenta seus impulsos ou as continências e interdições do meio. A aquisição de modelos de identificação é fundamental para a formação de ideais e de modos de afirmação enquanto sujeito. A internalização da moral e da reflexão ética é uma função importante que o ego precisa realizar.

A consciência humana e a lapidação do ser são comparadas por Jung ao esforço do ferreiro em moldar a peça de ferro: deve-se cortá-lo, deixá-lo incandescente, moldá-lo, resfriá-lo, aquecê-lo novamente e repetir incansavelmente esse processo até que o ferro se transforme naquilo que o ferreiro almeja que ele se transforme. Esse lapidar é um processo não apenas egóico, mas integral.

O esforço teórico até aqui empreendido pauta-se na elaboração de considerações plausíveis sobre o modo pelo qual a criança desenvolve seu ego e

amplia sua consciência. Possivelmente, as mesmas considerações serão aplicadas às interpretações na análise de dados com base nos símbolos evidenciados nas produções infantis. A seguir, será abordado o tema da individuação e sua particularidade na infância, pois o desenvolvimento do ego contém uma meta, expressa por um sistema que se organiza para atingir a maturidade.

2.3 Aspectos do processo de individuação na criança de quatro a cinco anos de idade.

A grande busca de Jung consistia em conhecer a si mesmo e o significado da vida, denominando esse objetivo da vida psíquica de individuação, o que não acontece instantaneamente, mas se apresenta como um processo. Na compreensão de um conceito básico da psicologia junguiana, Jung [2009a(1921)] considera que:

A individuação, em geral, é um processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. É um processo de diferenciação que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual. É uma necessidade natural; e uma coibição dela por meio de regulamentos, preponderantes ou até exclusivamente de ordem coletiva, traria prejuízos para a atividade vital do indivíduo [§853(825), p.426].

Na trajetória pessoal o indivíduo é requisitado a cumprir determinadas tarefas rumo ao desenvolvimento de suas potencialidades e de uma compreensão ampliada de sua existência. Este processo, que Jung denominou como sendo o meio pelo qual se pode atingir níveis mais ampliados de relação consigo e com o mundo, esteve por certo tempo atrelado como missão para a segunda metade da vida. Os pós junguianos como Fordham (2000) consideram que o indivíduo é um ser uno desde seu nascimento, apesar de sua precariedade inicial de sobrevivência. Portanto, a individuação está presente em toda a vida do sujeito, mudando seu foco de atuação conforme as exigências dos momentos da vida.

Jung [2009b(1930)] descreveu a primeira metade da vida como aquela orientada para o estabelecimento do indivíduo face às exigências de sobrevivência, de constituição de um ego, uma persona, de um contrato social e de um funcionamento majoritariamente extrovertido perante a vida. Esse funcionamento não pode ser confundido com a atitude psicológica, mas representa o compromisso do sujeito com necessidades temporais (estudos, solidificação de uma carreira, criação dos filhos, entre outros).

Classicamente, a primeira metade da vida – do nascimento a meia-idade – é representada pelo herói. O estabelecimento de um ego sólido e capaz de enfrentar os desafios constantes da vida e de responder de forma saudável às necessidades adaptativas são metas da fase.

O ego é considerado o centro da consciência e, atuando além de suas funções básicas, torna-se participante ativo no processo de individuação que compreende, desde o seu início, as fases de maturação e dinamismos heróicos da infância. O herói é um símbolo que designa a luta da criança para se tornar uma pessoa inteira. Marques (2009, p.24) afirma que o mito do herói é a manifestação simbólica do processo de desenvolvimento do ego, pois é a “expressão simbólica de sua saída de um estado de indiferenciação do inconsciente e sua afirmação como um centro de consciência”.

Brandão (1993) chama a atenção ao motivo do herói suscitado em várias culturas, sumamente na grega. Etimologicamente a palavra herói teria significados como “ele guarda”, conserva, defende, vela sobre, guardião, o que nasceu para servir (p.13). Campbell (1990) destaca os rituais em determinadas culturas em que a criança deve morrer para sua infância e nascer para um mundo adulto, sendo uma transformação psicológica, básica, rumo à maturidade. Evoluir de uma condição de dependência (submissão, irresponsabilidade) para uma existência responsável em si mesma e autoconfiante é um drama de morte e ressurreição. “Esse é o motivo básico do périplo universal do herói – ele abandona determinada condição e encontra a fonte da vida, que o conduz a uma existência mais rica e madura (p.132)”. Para Hollis (1998) o objetivo da jornada heróica no microcosmo é a transformação interna do indivíduo.

Nos trabalhos de Neumann (1999) encontra-se uma ampla pesquisa sobre o desenvolvimento da consciência e da psique infantil em uma perspectiva mitológica.

Seu trabalho é importante como uma possibilidade de compreensão mitológica, da qual se evidenciam símbolos relativos ao matriarcado e patriarcado e do herói como símbolo do ego em formação e adaptação. Este símbolo coaduna com o que Jung chama de jornada do herói, representando a primeira etapa do sujeito no qual a adaptação ao meio e a construção de uma persona são metas fundamentais. O objetivo do desenvolvimento de uma criança é atingir a maturidade. Para isso ela precisa fortalecer o seu ego, de modo a controlar seu mundo interior e exterior.

Mitos são modelos de raciocínio que simbolicamente remetem às possibilidades do ser humano e às vicissitudes de sua existência. O herói mítico grego é símbolo de vários aspectos mais adultos que infantis. As características do herói infantil seriam mais voltadas para o seu mundo pessoal, no qual os temas da separação da mãe e do pai, o medo da bruxa, o confronto com o desconhecido, o mundo noturno, a administração dos instintos expressos na condição de elementos animais, os princípios de autonomia, seriam o seu universo. É válido verificar tais temas importantes ao desenvolvimento nos contos e nas produções voltadas às crianças na atualidade, pois estes recheiam o imaginário das mesmas. Campbell (1990) concorda que as histórias e os feitos heróicos passados de geração em geração, ou veiculados massivamente, podem oferecer modelos de aventuras arquetípicas, auxiliando no processo de desenvolvimento e de resolução de situações conflituosas. Segundo Von Franz (2003) os contos de fadas são modelos, que oferecem soluções para dilemas da vida. As histórias ensinam, instruem, fornecendo consciente e inconscientemente elementos encorajadores e novas possibilidades. A seguir serão discutidas algumas histórias que são exemplos do simbolismo atrelado ao desenvolvimento infantil.

A história dos “os três porquinhos” (19--) conta que a mãe, vendo que seus 3 filhos já estavam crescidos, os pede para viverem sozinhos. Deixa um lanche reforçado e os instrui que permaneçam unidos, tomando cuidado. Todos constroem casas, os dois primeiros a fazem de materiais menos resistentes para poderem brincar mais, mas, o terceiro a faz de tijolos, mais fortalecida. O lobo aparece e os porquinhos são salvos graças a persistência do terceiro. Não é necessário descrever todo o conto e nem analisá-lo de forma pormenorizada, mas ressaltar que tal enredo aponta para a necessidade de fortalecimento da criança para se separar da mãe, enfrentando os

perigos e estabelecendo uma relação cooperativa entre os iguais, lidando, inclusive, com sua falta de experiência e administrando o embate entre a ação e a inércia.

Outra história é “João e Maria” (19--). Os personagens homônimos, por falta de alimento, são abandonados na floresta e precisam lidar com a fome e com a malvadez da bruxa. Ela queria devorar o garoto e escravizar a menina. Usando a inteligência e cooperação eles vencem a bruxa, roubam-lhe seu tesouro, voltam para casa e celebram com o pai. Nesta história ambos lidam com aspectos da mãe terrível, obtêm ajudas fantásticas e exercem a fraternidade.

Os personagens heróicos possuem qualidades fantásticas na infância, revestindo-se de poderes e condições sobre humanas. Os mesmos parecem ser geralmente um pouco animais, o que está presente em várias histórias que cativam as crianças, como também estão presentes elementos da tecnologia, tais como robôs e máquinas fantasiosas.

Para Bilotta (2010, p.148) é possível considerar que os contos apresentados no cinema interferem no imaginário de quem o assiste e, ainda, denotam as mudanças de comportamento, valores, entre outros. “Além disso, trazem imagens arquetípicas que evidenciam tanto as necessidades quanto os conflitos constelados, no período histórico de sua veiculação”. No que é veiculado pelos filmes e pelas séries infantis é possível perceber duas vertentes: o universo fantástico de animais e robôs e, por outro lado, os modelos de heróis/heroínas ou de formas de comportamento.

Na primeira das possibilidades, as produções voltadas as crianças mostram a realidade fantástica na qual os animais têm vida, falam, interagem com o ser humano e com ele vivem aventuras. Atribui-se a eles a diversidade das características das crianças, da faixa etária a qual são destinados. Exemplos deste universo são os Backyardigans (2004), um grupo de animais que se divertem juntos e Cocoricó (1996) uma série brasileira que apresenta um menino, Júlio, que conversa e convive com os animais, vivendo com eles aventuras. Madagascar (2005) e Era do gelo (2002) são filmes com figurações parecidas. Mas, há filmes nesta categoria que tratam de assuntos que angustiam as crianças como observado em Procurando Nemo (2003). O filme conta a história de um peixinho, que tem uma rotina semelhante a de uma criança e que acaba sendo separado do pai (que tinha funções mais maternas que paternas),

precisando sobreviver sozinho, superando perigos e conquistando seu espaço com os amigos. Uma história não tão recente é a de Bambi (1942), que ao perder a mãe vítima de um caçador, precisa aprender a viver sozinho com a ajuda do pai.

Na segunda das possibilidades, há um grupo de produções cujos atributos dos personagens aproximam mais o menino daquilo que é esperado culturalmente para o sexo masculino. Seus atributos são a força, o ataque, vencer os inimigos ou o mal: características comuns ao que o senso comum denomina de herói. Exemplos destes seriam o Homem Aranha (2002), Quarteto Fantástico (2005), Homem de Ferro (2008) e os Vingadores (2012). Outro personagem é o Ben10 (2007), um garoto que é um pequeno herói.

Na mesma dinâmica anterior, mas agora voltada ao sexo feminino, estão as princesas dos clássicos, que oferecem modelos de comportamento idealizado para as heroínas. São geralmente identificadas pelas suas virtudes ou por sua posição social. Demonstam inocência e em determinado momento precisam de ajuda para desvencilhar-se das figuras parentais e construir seu próprio caminho (BILOTA, p.150). Exemplos: Branca de Neve e os Sete Anões (1937), Cinderela (1950) e a Bela Adormecida (1959). A Barbie ainda é muito citada pelas meninas, fazendo alusão a sua beleza.

Contudo, tais atributos mudam de acordo com o tempo e com a transformação dos valores da sociedade (BILOTTA, 2010). O comportamento descrito acima, como modelo para a menina, não são observados em produções mais recentes, como por exemplo: A Pequena Sereia (1989), a Bela e a Fera (1991) e Shrek (2001). Aqui a protagonista destaca-se por outros elementos como a inteligência, a sagacidade e a força, inclusive; observa-se claramente esta dinâmica no filme “Valente” (2012).

Outras produções chamam a atenção pela sua associação entre meninos e meninas, não havendo uma preocupação em definir papéis, mas ressaltar a aventura. Nessas produções as angústias infantis apresentadas podem atrair a atenção das crianças. Exemplo: Harry Potter (2000) é a saga de um menino bruxo, escrito por Rowling, adaptado para o cinema, que relata uma série de aventuras do protagonista com dois outros amigos: Ron e Hermione. Harry perde os pais e acaba sendo criado pelos tios. Ao descobrir que é um bruxo ingressa em Hogwarts, uma escola para

bruxos. Neste ambiente vive inúmeros desafios e aventuras até a morte do vilão Valdermort, responsável pela morte dos seus pais, encerrando-se a série de livros e filmes.

Atualmente outras temáticas têm sido incluídas, tratando de valores e de situações que associam sentimentos infantis às questões do meio ambiente.

Este é um esforço em sintetizar, parcialmente, os conteúdos que estão sendo veiculados às crianças, contribuindo para o enriquecimento do seu imaginário. Os dinamismos próprios do desenvolvimento e do processo de individuação podem ser expressos por meio de imagens que são coletadas dos meios de comunicação.

Traduzindo em linguagem psicológica é possível perceber que os meios de manifestação e a forma de apresentação dos impulsos básicos do processo de individuação são expressos de acordo com a cultura, sexo e idade. Na idade de quatro e cinco anos estima-se que, progressivamente, a criança possa ter o domínio básico da linguagem, comece a administrar melhor seus impulsos e afetos em vias de um ego estabelecido e uma consciência em processo constante de ampliação. Para tanto o sujeito precisa aos poucos “sair do colo dos pais”, construir, a partir de modelos, seu próprio modo de ser, enfrentar seus medos e se sentir importante para os seus, considerando-se amado.

Cooperando com o processo, com base nas considerações de Jacoby (2010), a agressividade, como impulso básico, associa-se à capacidade de afirmação pela reação e pela defesa. Um ego sem defesas e sem reação não se desenvolve de forma saudável. As mesmas estão a serviço do ego, no trato de impulsos inadequados, de demandas que excedem a capacidade do ego e de situações pontuais. Reagir é outra capacidade mediada pela agressividade. Esta corresponde basicamente à capacidade que o sujeito possui de responder a um estímulo específico com um comportamento de magnitude adequada, em vias de garantir sua integridade física e psicológica. Também a capacidade de exploração é uma habilidade que qualifica a criança em sua autonomia e está aliada às demais funções psicológicas.

Estima-se observar nas produções das crianças os elementos relacionados ao início da autonomia psicológica das mesmas, considerando que para isso, provavelmente, ela deva relacionar-se com as imagens dos arquétipos materno,

paterno, fraterno e com a gênese de seu próprio ego e a ampliação de sua consciência, expressos nos desdobramentos simbólicos associados ao arquétipo do herói, presente no processo de individuação que se inicia na infância.

3. DA PSICOLOGIA DO SONHO AO UNIVERSO ONÍRICO INFANTIL

3.1.O sonho na perspectiva da Psicologia Analítica

A realidade dos sonhos sempre esteve presente na história da humanidade. Ao longo dos séculos e nas variadas culturas esse produto humano e legítimo assumiu várias faces, sendo encontrado em diversos momentos históricos da humanidade, na mente de inúmeros pensadores, poetas, religiosos entre outros. O universo onírico povoado de imagens e vida psíquica por muitas vezes associou-se à revelação, loucura e à comunicação entre mundos espirituais.

Antes da constituição da psicologia como área de conhecimento supostamente capaz de compreender os fenômenos psíquicos, os pensadores da modernidade expunham suas ideias a respeito da gênese dos produtos oníricos. São inúmeras as considerações de filósofos modernos que subsidiaram ideias básicas a respeito da fenomenologia do sonho. Esses pensadores e pesquisadores propuseram uma crescente psicologização do sonho, “tentando expurgar o sonho desta vasta rede de significados sociais, religiosos e cósmicos” (SHAMDASANI, 2005, p.132)

Um dos pioneiros na análise dos conteúdos oníricos foi Sigmund Freud. No momento de auge da era Vitoriana, em uma sociedade europeia marcada por um positivismo ilustrado, em meio aos inúmeros laboratórios visíveis e dissecadores, Freud lança a interpretação dos sonhos. Na mesma época, Jung entra em contato com a vertente “psico analítica” e aprofunda suas contribuições sobre o aparelho psíquico do homem. Apesar das divergências teóricas, Freud e Jung corroboram a ideia de que o homem possui um inconsciente com características psicodinâmicas, com elementos vivos e atuantes.

Inicialmente Jung propõe que o sonho é um produto natural da psique, “produto autônomo e muito importante da atividade psíquica e, como todas as outras funções psíquicas, passível de uma análise sistemática” [JUNG, 1990(1909), p.27]. Assim como o corpo físico tem suas estruturas regulativas do sistema simpático, do qual não temos controle, o sonho apresenta a realidade psíquica do sujeito, num olhar de dentro para fora. “O sonho é uma criação psíquica que, em contraste com os conteúdos habituais

da consciência, se situa, ao que parece, pela sua forma e seu significado, à margem da continuidade do desenvolvimento dos conteúdos conscientes” [JUNG, 2009b(1928), §443, p.177].

A maneira pela qual analisamos o sonho é de importância significativa, visto que é mediante a conduta do observador que se permite à psique livre expressão ou se reduz os conteúdos oníricos a meras generalizações. A visão Freudiana privilegia que o conteúdo manifesto do sonho passou por inúmeros mecanismos até atingir a forma apresentada. Por esse viés, o sonho traz conteúdos desagradáveis que precisam ser censurados para que possam chegar à consciência. Portanto, a visão de causalidade é a adotada, entendendo que o conteúdo manifesto e latente do sonho indicam alguma espécie de conflito da ordem do desejo, geralmente em oposição à vontade, que precisa ser realizado de alguma forma. Procura-se nos conteúdos oníricos elementos que possam ser interpretados e assim entendidos pelo ego do sonhador.

Jung (2009b(1928) §462, p.182) explica que há validade no método causalista proposto por Freud, pois “o ponto de vista da finalidade que oponho à concepção de Freud não implica, como expressamente o sublinho, uma negação das causas do sonho, mas antes uma interpretação diferente dos seus materiais associativos”. Jung propõe uma visão finalista para o sonho, concebendo-o tal como os demais conteúdos psíquicos, estando além de uma causa e de uma fixação no desenvolvimento. Uma visão essencialmente causal dificulta o acesso ao potencial transformador do sonho, a sua eficácia e a indicação ao sujeito de uma nova posição diante da vida.

O inconsciente não se utiliza de expressões literais ou conceitos intelectualmente formulados, mas estabelece um elo de comunicação que lhe é singular e que de inúmeras maneiras informa ao sujeito sobre seu funcionamento. Uma das formas pelas quais o inconsciente se utiliza é do sonho. Segundo Jung:

Os sonhos contêm imagens e associações de pensamentos que não criamos através da intenção consciente. Eles aparecem de modo espontâneo, sem nossa intenção e revelam uma atividade psíquica alheia à nossa vontade arbitrária. O sonho é, portanto, um produto natural e altamente objetivo da psique, do qual podemos esperar indicações ou pelo menos pistas de certas tendências básicas do processo psíquico. Este último, como qualquer outro processo vital, não consiste numa simples sequência causal, sendo também um processo

de orientação teleológica. Assim podemos esperar que os sonhos nos forneçam certos indícios sobre a causalidade objetiva e sobre as tendências objetivas, pois são verdadeiros auto-retratos do processo psíquico em curso [1996(1928) §210, p.07].

O sonho oferece uma comunicação de maior amplitude, pois os conteúdos apresentados no sonho estão além do domínio egóico, mas, em consonância com a atitude consciente, num jogo compensatório de elementos psíquicos. “O sonho na minha opinião, faz parte dessas reações oportunas, introduzindo na consciência, graças a uma estruturação simbólica, os materiais constelados no inconsciente pela situação consciente” (SILVEIRA, 1997, p.94).

O universo onírico é uma porta pela qual observamos o inconsciente. O retrato onírico possui funções importantes ao desenvolvimento da personalidade, pois oferece um caminho de autoconhecimento e estabelecimento de uma relação madura entre o mundo consciente e inconsciente. Von Franz (1999, p.11-2) ressalta que “o sonho é expressão da natureza inconsciente e não pré concebida dos seres humanos” e ainda complementa que “se trata de uma resposta da parte da própria psique à questão da auto-realização”. Johnson (1989, p.79) advoga que “o objeto principal de nossos sonhos é, em última instância, o processo de individuação. A maioria dos sonhos, de uma forma ou de outra, são retratos de nossa jornada em busca da totalidade”.

Enquanto produto natural, o sonho, oferece insights, compensa as atitudes unilaterais da consciência, possui um caráter preventivo, anuncia possíveis acontecimentos ou oferece prognósticos, auxiliando o sujeito na busca pelo sentido de sua vida. Von Franz (1993, p.25) escreve que os mesmos nos dão uma direção para lidar com as situações, buscar algo que dê um sentido de vida, o próprio caminho e a realização do potencial singular individual. Trata-se de um processo de *coniunctio* no qual fragmentos cindidos, não integrados ou não reconhecidos, unem-se à personalidade. Jung ressalta que “os sonhos podem exprimir verdades implacáveis, sentenças filosóficas, ilusões, desenfreadas fantasias, recordações, planos, antecipações e até visões telepáticas, experiências irracionais...” [JUNG, 2008c(1931), §317 p.19].

A revelação advinda dos sonhos é análoga a outras formas de expressão psíquica, mas sua especificidade está na sua objetividade; é um produto que não passa pelo crivo do ego desperto, não há como controlá-lo. “Da mesma forma que a psique tem seu lado diurno, que é a consciência, ela também tem o seu lado noturno, seu funcionamento psíquico inconsciente, que poderia ser concebido com o fantasiar onírico” [JUNG, 2008c(1931), §317 p.19]. Ou seja, o homem noturno é a contraparte do homem diurno.

As imagens dos sonhos do homem noturno estão em correspondência com a fase do seu processo de individuação. A psique elucida aspectos da trajetória do indivíduo e estas características específicas de cada momento da vida são arquetípicas. Von Franz explicita que:

Na primeira metade da vida os sonhos se referem mais a uma adaptação dinâmica a vida exterior, terrena, material; na segunda, em geral, começam a dirigir a pessoa a recolher-se e a desenvolver uma certa sabedoria e insight sobre o que está por trás da vida aparente (1993, p. 42).

O trabalho com os sonhos não é aleatório, mas exige técnica, treinamento e uma boa dose de sensibilidade com as imagens: um processo geralmente experimentado anteriormente pelo observador que pretende analisar o sonho de outrem. Jung ressalta que diante do inconsciente e de sua importância os sonhos são uma “expressão direta da atividade psíquica inconsciente, a tentativa de analisar e interpretar os sonhos é, para começar, um empreendimento teoricamente justificável do ponto de vista científico” [JUNG, 2008c(1931), §295 p.12].

Analisar os próprios sonhos é inviável, pois não se pode ver além das lentes já utilizadas no momento vígil e por que, geralmente, o sonho toca em um ponto que é inconsciente, difícil de ser percebido e assimilado, necessitando de um outro olhar. Von Franz explica a técnica junguiana para o trabalho com os sonhos:

Comparamos o sonho a um drama e o examinamos sob três aspectos estruturais: primeiro a introdução e a exposição – o cenário do sonho e a colocação do problema; segundo, a peripécia – o desenrolar da história; e finalmente, a lysis – solução final, ou talvez a catástrofe (1993, p.48).

Em um primeiro momento é necessário observar o cenário, os sentimentos e sensações atrelados a ele, se o mesmo é conhecido ou que impressão lhe causa, os personagens, o protagonista, o antagonista e as formas de relações estabelecidas. Em seguida observa-se o desenrolar do enredo, o problema ou a questão que está envolvida, na qual se observam as reações e atitudes dos elementos envolvidos no sonho. Ao final espera-se um desfecho, uma consequência do enredo e de importante significação psíquica pois pode estar mostrando uma solução ou prognóstico, que precisa ser apresentado à consciência vígil do sonhador.

Os fenômenos psíquicos são altamente importantes para a homeostase psíquica e todos os elementos combinados nos personagens, enredos e desfecho são participantes de uma “dança psíquica” com movimento e vida próprios. A respeito da tendência compensatória do inconsciente, as manifestações oníricas “levam a um feedback, que muda tanto o consciente como o inconsciente. Isso faz surgir o que Jung chama de processo de individuação” (Meier, 1999, p.156). Stein (2004, p.157), afirma que “as compensações acontecem classicamente nos sonhos. A função de compensação consiste em introduzir equilíbrio no sistema psíquico” ou seja, são fontes de restaurar o elo imprescindível de vida e de comunicação consigo mesmo.

Tal como um organismo vivo, cada elemento onírico tem um simbolismo particular, semelhante ao que observamos na mitologia, nos contos de fadas, nos contos populares, na religião e outras formas de expressão.

Em nossos sonhos, os perigos, gárgulas, provações, auxiliares secretos e guias ainda são encontrados à noite; e podemos ver refletidos, em suas formas, não apenas todo o quadro da nossa presente situação, como também a indicação daquilo que devemos fazer para ser salvos (CAMPBELL, 1993, p.105).

“Os sonhos costumeiramente se reúnem ao redor de temas específicos, que começam a manifestar-se no tempo” (BOSNAK, 2006, p.18). O mesmo autor compreende que estudando uma série de sonhos observamos como as imagens oníricas estão em contínuo processo de desenvolvimento e que, semelhante a um

organismo vivo, elas nascem e morrem. O propósito dos sonhos, na teoria junguiana, é compensar as distorções unilaterais do ego vígil; por conseguinte, os sonhos também estão a serviço do processo de individuação, auxiliando o ego vígil a encarar a si mesmo de forma mais objetiva e consciente. O sonho é um elemento mobilizador da psique e sua importância reside no diálogo possível com os elementos inconscientes, proporcionando a integração e alavancando o processo de autoconhecimento.

3.2.Revisão de literatura sobre os sonhos de crianças e considerações.

Ao tratar de sonhos com crianças no senso comum há o risco de inferir inúmeras possibilidades, sendo a mais visível a de que as crianças não sonham ou não se lembram de seus sonhos. Outras ideias a respeito do tema inferem que as crianças não produzem conteúdos significativos ou que as mesmas perdem-se em seus devaneios por “inventar coisas”. Antecipa-se que o estudo dos sonhos revela a importância desse material para as crianças e que eles não são meras aleatoriedades. Esta revisão de literatura está organizada em dois blocos e, devido a pouca produção sobre o tema, optou-se por mencionar a maioria das produções localizadas. Primeiramente serão listados autores que revisam conceitos ou que sintetizam dados de pesquisas de outros autores. Tais publicações possuem uma orientação psicanalítica ou médica:

Ablon e Mark (1980) fazem uma revisão da literatura sobre o que foi escrito sobre sonhos de crianças e afirmam que os mesmos são de interesse psicológico particular, pois expressam questões importantes sobre o desenvolvimento. Segundo os autores eles refletem as lutas da criança em sua trajetória, a criatividade, suas capacidades e problemas emocionais. Os sonhos na infância são ricos em experiências afetivas e podem ser lembrados por toda a vida.

De Francisco (1986) explora o sonho numa perspectiva clínica, afirmando que o fenômeno é clinicamente útil, especialmente na análise de conflitos, elucidando

problemas neuróticos. Além de tratar sobre a transferência, o autor afirma que o desenvolvimento dos pacientes pode ser acompanhado pelos seus sonhos.

Scheredl e Pallmer (1997) discorrem sobre os pesadelos na infância, afirmando que a maior prevalência é em indivíduos de 6 anos de idade, diminuindo com o aumento da idade, havendo diferenças específicas entre os sexos. Os temas mais recorrentes são aqueles em que o sonhador é perseguido, a perda de pessoas próximas ou que está “caindo”. Os autores abordam o pesadelo como patológico, relacionando suas causas com a ansiedade, experiências traumáticas ou componentes genéticos. Discorrem sobre estudos nos quais os pesadelos são tratáveis, encorajando as crianças a lidarem com a ansiedade. Sugerem que mais pesquisas e estudos longitudinais ajudariam a esclarecer o fenômeno, subsidiando novos métodos para lidar com os pesadelos.

Para Karush (1998) nas crianças, como nos adultos, os sonhos oferecem um acesso direto ao inconsciente. A análise dos sonhos no tratamento analítico de crianças é, no entanto, uma área negligenciada. O trabalho que um menino de 9 anos de idade fez com seus sonhos durante o curso de sua análise é apresentado para demonstrar o quão útil a análise do sonho pode ser na elucidação de conflitos e defesas, no paciente infantil. Com as crianças, a responsabilidade de inquirir sobre sonhos cabe ao analista. As associações que as mesmas têm de seus sonhos são tão úteis quanto as de um adulto.

França (1999) discute algumas ideias psicanalíticas sobre sonhos de crianças, a partir de Sigmund Freud, Anna Freud e Melenie Klein, discorrendo sobre sua natureza, função e linguagem, ilustrando com um caso clínico.

Eiser (2005) discorre sobre a investigação entre as características do sonho associados com a fisiologia do sono REM. Com a evolução da neurofisiologia do sono REM o autor chama a atenção às teorizações ligadas ao tema, salientando que algumas teorias mais recentes do sonhar enfatizam uma função adaptativa relacionada à emoção, um papel na aprendizagem e consolidação da memória.

Lempen e Midgley (2006) planejaram um estudo documental sobre a compreensão psicanalítica contemporânea sobre sonhos infantis, comparando publicações e, em outra etapa, aplicaram questionários em analistas infantis.

Concluíram que houve uma diminuição no foco do trabalho dos sonhos infantis, refletindo mudanças em modelos teóricos e mudanças na formação dos analistas.

Provedel e Prizskulnik (2008) afirmam que a literatura psicanalítica enfatiza os sonhos de adultos, carecendo de estudos sobre os sonhos infantis. As autoras comentam que há uma parte dos psicanalistas que aplicam as mesmas regras de trabalho com sonhos de adultos às crianças. Os que defendem uma maior especificidade, explicam que esse equívoco é gerado devido a compreensão de que os sonhos são simples e sem deformações, a serviço do desejo.

Para as autoras, em Freud os sonhos são apresentados como explícitas realizações do desejo e como reações aos estímulos ocorridos no dia anterior. As modificações sobre o tema na sua obra não são explícitas, demonstrando algumas hesitações em relação ao mesmo, ocorrendo apenas um texto em que Freud trata exclusivamente do assunto. Mas o tema não deixa de ter importância, pois antes de publicar o livro “A interpretação dos sonhos”, em 1900, as “análises de sonhos de crianças, essencialmente de seus filhos e também seus próprios sonhos infantis recordados, figuram na obra freudiana como elementos primordiais no cenário do nascimento da Psicanálise” (p. 233). Ou seja, os sonhos possuem um caráter relevante na gênese do pensamento psicanalítico. Grotjahn (1993) citado pelas autoras analisou sonhos de uma criança de dois anos e os considerou satisfações alucinatórias do desejo, observando que há sonhos nessa idade que indicam que a criança está elaborando estranhas e fortes emoções, expressas pela figura de animais. As autoras relatam que há empecilhos no trabalho com sonhos das crianças pela escassez de associações infantis e a não-diferenciação entre sonho e as fantasias do estado de vigília. Citado pelas mesmas, Gensler (1994) afirma que os analistas precisam ensinar o valor dos sonhos à criança e que sem as encorajar elas raramente falarão livremente dos seus sonhos.

Bernardino (2011) apresenta um trabalho analítico com uma criança de 12 anos no qual o sonho ajudou no trabalho com as psicoses não decididas da infância. Afirma que os sonhos não são apenas o retorno do reprimido, mas podem ser formulações do real em busca de interpretação, fato importante na clínica além das neuroses.

Em um segundo agrupamento estão listados os trabalhos fundamentados na psicologia analítica ou que pesquisam populações maiores de crianças.

Em Jung [2011, (1936-1941)] encontramos um volume interessante sobre sonhos de crianças. Nesta publicação Jung analisa sonhos em seminários que ele ministrou na “Escola Superior Técnica Confederativa de Zurique”, discutindo questões próprias do indivíduo e da cultura. Os seminários presididos por Jung baseiam-se em amplificações de sonhos, percorrendo possibilidades de interpretação simbólica. Uma parte dos sonhos apresentados são memórias que adultos tiveram quando de seus sonhos infantis. Apesar dessas considerações serem válidas, há que se considerar a maleabilidade da memória, expressa na modificação das narrativas, interferindo na descrição fornecida pelos sonhadores. Também são analisados sonhos coletados de crianças, como os quais o autor, junto dos participante dos seminários, amplificam temas inerentes às tramas apresentadas. No estudo, Jung afirma inicialmente a importância dos primeiros sonhos infantis, dizendo que “esses primeiros sonhos são particularmente significativos, pois emanam das profundezas da personalidade e não raro apresentam uma antecipação do destino” (2011, p.15). Dessa forma, Jung amplia a compreensão de que apenas uma criança poderia apresentar um material onírico consistente e de valia após o seu ego estar estabelecido e adequadamente separado da psique dos pais. Os sonhos na infância possuem uma grande importância e revelam que há um centro organizador que ordena o desenvolvimento infantil. Jung observou que determinados sonhos infantis são importantes pois oferecem uma possibilidade de observar um problema futuro, geralmente da vida adulta.

Tomazella (1984) fez um estudo do relato verbal dos sonhos de 79 crianças entre 5 e 6 anos. Recolheu por meio de entrevistas 125 sonhos, que foram categorizados de acordo com personagens, temas e sentimentos. De acordo com os resultados, o personagem mais citado é o próprio sonhador e o tema principal são aqueles que sugerem pesadelos, os quais estão associados ao medo. Na comparação entre os sexos percebeu-se que as meninas têm sonhos mais ligados à satisfação de desejos e às situações familiares. Os meninos apresentaram maior quantidade de

pesadelos e temas de aventura. As autoras consideram que o estudo ajudou a compreender o mundo interno da criança, coadunando com o que está descrito na literatura psicanalítica e que o sonho pode ser um instrumento diagnóstico na infância.

Murray (1995) inicia descrevendo detalhes dos exames do sono REM, apontando que a maioria dos sonhos das crianças ocorrem nesse período, mas somente com o advento da linguagem é que as mesmas podem contar o que lhes acontecem enquanto dormem. Discorre sobre a dificuldade para a criança distinguir sonhos, fantasias e jogos. Para o autor, as mesmas começam a distinguir melhor seus sonhos e fantasias e os contam para os pais ou conhecidos a partir dos quatro ou cinco anos de idade, entretanto, as diferenças entre eles não são claras em todos os momentos. Baseando-se em outros estudos, afirma que os sonhos infantis possuem uma boa caracterização dos elementos, criação e enredo e, considera que a capacidade de relatar sonhos aprimora-se com o desenvolvimento cognitivo. O autor cita dados de outras investigações sobre sonhos infantis e, em uma delas, observou-se que nas crianças de 4 a 5 anos há a tendência de sonhar com animais e com conteúdos que as assustavam, ligados ao medo de algo. O autor conclui que a complexidade dos sonhos acompanha o desenvolvimento infantil e que a partir de 5 anos os sonhos são muito mais frequentes que nas crianças menores, expressando fragmentos da vida ainda não elaborados. O fato das crianças falarem sobre os sonhos as possibilitou entender melhor seus sentimentos, elaborar experiências e distinguir a realidade concreta. A partir de seis anos os sonhos versam muito sobre modelos de identificação, figuras de autoridade e são representados de forma menos objetiva, aumentando a diversidade de imagens. Por fim, aponta a necessidade de mais pesquisas a respeito do tema.

Gambini (2000) apresenta uma experiência em coletar sonhos de crianças dentro da escola, na qual haveria rodas de conversa e todas contariam os seus sonhos, a professora os anotaria e elas os desenhariam posteriormente. Os relatos foram categorizados em temas mais frequentes como família e casa, a escola e o crescimento da criança. Também, outros grupos como o ladrão e a bruxa, animais, monstros, fantasmas e esqueletos foram citados. Outras categorias foram criadas diante de sua importância, mais do que por sua frequência, são elas: robôs, emoções, anjos e Deus.

O autor, apesar de expor significados atribuídos aos elementos descritos, não se propõe a concluir algo sobre a fenomenologia dos sonhos infantis, mas relacioná-los com o processo educativo, no qual o autor salienta que os processos inconscientes são muito importantes para que o mesmo adquira uma perspectiva integral.

Segundo Fordham (2000, p.43) é possível identificar ondas REM produzidas pelo cérebro na vida intrauterina. Outros estudos empíricos ainda comprovam algum tipo de atividade desta categoria ainda que incipiente nos primeiros meses de vida. É válido lembrar que a evidência de ondas REM não equivale à formação de imagens. Com o avançar da idade, e com a aquisição da linguagem, a atividade onírica, com formação de imagens, começa a ser expressa pela fala ou dramatizações, com temas gradativamente mais organizados. O autor reitera que por volta dos dois ou três anos os sonhos revelam conteúdos ligados ao morder, comer, perseguir; aos quatro aparecem outras figuras como a bruxa e fantasmas e aos cinco anos criaturas dotadas de grande poder e frequentemente destrutivas. Observa-se nesses estudos que a figura dos pais negativos está representada, usualmente, por criaturas míticas.

Fillus (2010) realizou um estudo com 25 criança entre 5 a 6 anos de idade e constatou que a maior frequência dos temas gerais do sonho foram: heróis e batalha, animais, personagens fantásticos e pais/família. Na comparação entre os sexos percebeu-se que nos meninos os temas mais mencionados, em ordem decrescente, foram: 1. Heróis e Batalhas 2. Animais 3. Personagens da fantasia e 4. Pais e família. No caso das meninas a sequência foi: 1. Animais 2. Personagens da Fantasia 3. Pais e Família e 4. Heroína. Os meninos destacaram-se pelo herói que vence pela força; as meninas expuseram mais os atributos femininos relacionados à beleza, à graciosidade e à inteligência. Destacou-se no estudo a representação do herói por parte dos meninos e a identificação dos participantes com atributos estabelecidos culturalmente para cada sexo.

Nas considerações a respeito dos sonhos infantis, cumpre salientar que a maneira pela qual a criança integra os dados de sua percepção acontece associada ao seu processo criativo de imaginação, não separando estritamente o fervilhar de sua imaginação do mundo concreto, influenciando o seu juízo de realidade. O adulto separa, às vezes de forma neurótica, sua realidade imaginativa ou fantasiosa dos

dados concretos, acreditando fortemente nesta possibilidade. A interpenetração do inconsciente e do consciente na criança gera um campo cujo espectro oscila entre fantasia e realidade concreta, definindo assim a predominância de um ou de outro, não havendo uma separação estrita.

A importância dada a fantasia na concepção junguiana reforça o seu valor como expressão singular do sujeito. Na criança o sonho real, a fantasia, o sonhar desperto e os dados da realidade entrelaçam-se e, isto não diminui a fidedignidade dos dados fornecidos pela criança. O trabalho com sonhos de crianças sugere uma porosidade maior da fantasia e da realidade concreta que nos adultos, havendo uma flutuação entre os fenômenos citados. A fantasia, o sonho desperto e o sonho noturno possuem equivalências de validade enquanto potencial de expressão psíquica. Portanto, ao observar os sonhos infantis e acompanhar sua evolução, há uma possibilidade de investigar e observar o curso do desenvolvimento infantil.

No próximo capítulo será abordado aspectos importantes sobre a concepção simbólica da psicologia analítica e a maneira pela qual os recursos expressivos podem contribuir para acessar as imagens que apontam para o inconsciente.

4. A ABORDAGEM SIMBÓLICA E OS RECURSOS EXPRESSIVOS

A Psicologia Analítica amplifica os fenômenos psicológicos não apenas em uma linguagem causal, mas em uma lógica que tenta expressar através do símbolo o que há de mais individual no homem. A maneira pela qual é possível observar a manifestação arquetípica, expressa no processo de desenvolvimento, dá-se por meio do símbolo, que é a ponte epistemológica para que a consciência possa conhecer o inconsciente (PENNA, 2009).

Jaffé (2008) descreve que o ser humano ao longo de sua história sempre expressou através dos símbolos sagrados, do seu cotidiano, dos fenômenos observados, a representação de seus sentimentos, comunicando seu dinamismo interior. A capacidade humana de simbolizar caracteriza o homem como única espécie a comunicar e registrar sua existência com o uso de símbolos.

Jacoby (2010, p109) cita pesquisas que evidenciam que a capacidade de simbolizar somente é possível na criança a partir de 15 a 18 meses de idade. A representação simbólica é o requisito básico para a construção de imagens mentais de si, do outro ou de algo. Sem a habilidade de simbolizar, a fantasia não é possível. Portanto, a capacidade de simbolização é, em si mesma, a representação mental de algo, que não esteja no campo perceptivo do sujeito e que, de alguma forma, possa ser representado por meio de um registro simbólico, seja na linguagem ou outro canal de comunicação.

Há diferenças entre símbolo e signos/alegorias. Estes possuem um caráter de referencial estabelecido, já os símbolos no sentido junguiano representam em si algo desconhecido, de potencial criativo, um vir a ser. De qualquer forma a alegoria também pode indicar processos inconscientes importantes, apesar de, em si mesma, pouco acrescentar ao sujeito. “Nós consideramos a forma da imagem alegórica quando suas mensagens podem ser traduzidas para conceitos racionais e verbalizações” (WHITMONT E PEREIRA, 1995, p.38).

Pieri (2002) ressalta a importância do símbolo como manifestação do arquétipo, podendo indicar aspectos do processo de individuação, como possibilidade de expansão da consciência. O símbolo não é criado conscientemente, mas ele emerge

dos processos inconscientes e possui uma vitalidade própria. Whitmont (1994) assinala que o símbolo é a expressão de um fato espontâneo, de caráter teleológico, que ultrapassa o limite da intencionalidade consciente. O símbolo não pode ser catalogado como rótulo de significado, mas entendido como um indicativo de processo.

Sanford (1991) salienta o caráter religioso do símbolo, no que se refere a sua etimologia, próximo da noção de religar-se. Esta qualidade se define na possibilidade de ampliação da consciência e da maior atenção à amplitude da psique, rumo a uma maior integração. Henderson (2008) complementa que determinadas expressões simbólicas são específicas em algumas etapas da vida e se apresentam de variadas formas em ritos, em danças, imagens, costumes, entre outros.

O estudo do símbolo não se caracteriza por transformar os conteúdos em meros signos, mas observar pontos de convergência e relevância em determinada população, que apresenta determinados conteúdos. “Em todo caso, no símbolo estaríamos dentro daquela situação complexa em que o conhecimento subjetivo e o conhecimento objetivo se mostram como o exemplo típico de uma série de opostos polares” (PIERI, 2002, p.461).

É importante ressaltar que a noção de símbolo para Jung nos atenta para uma variação infinita de possibilidades diante da imagem. Com relação à noção de símbolo, entre as visões causal e final, JUNG entende que:

O ponto de vista causal tende, por sua própria natureza, para a uniformidade do sentido, isto é, para a fixação dos significados dos símbolos. O ponto de vista final, pelo contrário, vê nas variações das imagens oníricas a expressão de uma situação psicológica que se modificou. Não reconhece significados fixos dos símbolos, por isto considera as imagens oníricas importantes em si mesmas, tendo cada uma delas sua própria significação, em virtude da qual elas aparecem nos sonhos [2009b(1921), §471, p.185].

Os recursos expressivos são importantes nas atividades que ativam o potencial criativo do ser humano, possibilitando que o mesmo estabeleça uma conexão de maior amplitude, com menores estratégias defensivas e menos intelectualizadas, com os conteúdos inconscientes. O desenho, a pintura, a escultura, a argila, a construção de

cenários, a poesia, a dança, a música são exemplos das possibilidades de expressão psíquica.

Os conteúdos que estão abaixo do limiar da consciência são inter-relacionados, ou seja, estão ligados como que por um fio e, na medida em que essa “porta” abre-se para o inconsciente, os conteúdos vão sendo “pescados” e nesta linha vão sendo apresentados ou re-apresentados à consciência, da qual se espera uma atitude humilde que a leve a uma expansão (FURT, 2006).

Essa espécie de *coniunctio* entre a realidade consciente e inconsciente estabelece um eixo de comunicação, rumo à totalidade do ser humano. Essa função, pela qual esses dois universos se conectam, Jung denominou de função transcendente e ele mesmo a define:

Por "função transcendente" não se deve entender algo de misterioso e por assim dizer suprassensível ou metafísico, mas uma função que, por sua natureza, pode-se comparar com uma função matemática de igual denominação, e é uma função de números reais e imaginários. A função psicológica e "transcendente" resulta da união dos conteúdos conscientes e inconscientes [2009b(1958), §131, p.01].

É possível identificar a função transcendente na projeção, nos sonhos, nos sintomas, no ritmo e sonoridade, nos atos falhos, lapsos e estados de humor. No caso do trabalho com os sonhos Jung [2008c(1931)] comenta que os conteúdos vão sendo assimilados, e as porções fragmentadas da personalidade passam a se reunir, na dualidade entre o homem diurno e o noturno. O ato de reunir pode ser feito simbolicamente pela ação da expressão livre, como no desenho.

Furt (2006, p.30-1) ressalta que “compreender e admitir que os símbolos pertencentes nos desenhos podem vir da camada coletiva do inconsciente ajuda-nos a responder questões específicas em relação às figuras e à sua interpretação”. O labor das mãos e do corpo tão prontamente dispostos à criação dão vida de formas diferentes ao que o inconsciente deseja exprimir. Cada material ou forma de expressão pode ser comparada, metaforicamente, a um útero no qual a fertilidade do inconsciente irá depositar sua vida, a partir do qual a criação ocorre em algo novo e revelador. “Tal consciência figurativa, imaginativa está mais perto do inconsciente, do fundo criativo da

alma e, portanto, é mais espontânea, movimentada e viva do que a consciência racional factual” (AMMANN, 2004, p.56).

No caso dos sonhos a representação gráfica pode auxiliar a detalhar características importantes e destacar o tônus emocional envolvido. Para Jacoby (2010, p. 119) “quando as emoções são expressas em imagens, é, com frequência mais fácil uma atitude consciente para lidar com elas. No que diz respeito a isso, os sonhos podem ser muito valiosos”.

Considerando a imaginação e a criatividade como expressões legítimas do ser humano e que as mesmas possuem a capacidade de representar o universo psíquico, então é possível afirmar que o desenho é uma forma de expressão, criativa, que pode ser utilizada na retratação do universo do sonho. Nas crianças esta possibilidade complementa a escassez de associações pessoais, como um elemento a mais na interpretação do conteúdo onírico.

5. OBJETIVOS

5.1. Objetivo Geral

- Analisar a expressão das imagens arquetípicas presentes na produção onírica de crianças.

5.2. Objetivos específicos

- Observar os aspectos dos sonhos expressos pelos participantes da pesquisa e sua relação com o desenvolvimento do ego e expansão da consciência na idade de quatro e cinco anos.
- Identificar o aparecimento das imagens simbólicas correspondente ao nascimento do herói nas crianças de quatro a cinco anos de idade.

6. MÉTODO

6.1. Características do estudo

Trata-se de uma pesquisa de campo, cujo objetivo foi analisar a produção onírica de crianças, relacionando as imagens simbólicas presentes nos sonhos com o processo de desenvolvimento do ego e ampliação da consciência. Os dados foram tratados qualitativamente através do conteúdo dos sonhos expressos em relatos e desenhos, tendo como base teórica o referencial da Psicologia Analítica.

6.2. Local

O local de realização da pesquisa foi uma escola municipal, localizada na região Metropolitana de Curitiba. A unidade é administrada pela Secretaria de

Educação do Município, juntamente com uma instituição religiosa católica. O local destina-se a atender crianças advindas da própria comunidade.

6.3. Participantes

A amostra na qual a pesquisa incidiu seu foco foi composta por 55 crianças, entre quatro e cinco anos de idade, matriculadas em uma escola no período de 2012 e distribuídas em duas turmas: pré I e pré II. Foram formados dois grupos:

- **GRUPO A:** crianças matriculadas no pré I e que completavam quatro anos de idade no decorrer do ano letivo.
- **GRUPO B:** crianças matriculadas no pré II e que completavam cinco anos de idade no decorrer do ano letivo.

O número da amostra foi definida por conveniência. Participaram dessa pesquisa, como critério de inclusão, crianças de quatro a cinco anos de idade, de ambos os sexos, devidamente matriculadas na instituição acima relacionada e nas classes citadas. Foram excluídas da pesquisa as produções inválidas.

6.4. Instrumentos

- **Desenho do sonho** em uma folha de papel A4 Branca, tendo à disposição da criança lápis preto, borracha, apontador e giz de cera.
- **Registro do relato oral** do sonho contado pela criança a partir do desenho, efetuado pelo pesquisador, redigido no verso da mesma folha utilizada para desenhar, indicando as iniciais do nome da criança, sexo, data de coleta e possíveis observações.

6.5. Procedimento de coleta de dados

A coleta do material onírico foi realizada por meio de uma “Oficina dos Sonhos” de acordo com as seguintes etapas:

- Reunião geral com a equipe diretiva da escola na qual foram tratados os assuntos gerais a respeito da realização da pesquisa, definição de horários e detalhes de seu procedimento.
- Os educadores das classes que contemplam os sujeitos da pesquisa participaram de uma reunião de orientação com o pesquisador, na qual foram detalhados os objetivos da pesquisa e a adequação dos procedimentos de coleta.
- Apresentação do pesquisador às classes e explicação para as crianças da atividade que seria realizada nas próximas semanas.
- Oficina dos sonhos: Os educadores e o pesquisador, estando os primeiros devidamente instruídos pelo pesquisador, proporcionaram uma espécie de “roda de conversa”. O pesquisador explicou a atividade às crianças da seguinte forma: *“Vocês irão desenhar aqui o que vocês sonharam enquanto dormiam, pode ser um sonho que tiveram nessa noite ou em outra noite. Desenhem todos os detalhes com lápis preto e depois pintem com giz de cera. Depois eu e as professoras passaremos pelas mesas e vocês nos contarão o que vocês sonharam e que desenharam. Cada um desene o seu sonho e não o do colega; por isso cada um de vocês só poderá contar o sonho para o colega depois que contar para mim ou para as professoras”*. Para que a criança não se sinta obrigada a relatar, foi instruído: *“Se você não lembrar do seu sonho, não tem problema, você poderá desenhar e depois você fala para nós que não lembrou”*. As crianças receberam uma folha de papel A4, tendo à disposição lápis grafite, borracha e giz de cera. Após desenharem, as crianças contaram os seus sonhos, individualmente. Foi obedecida a ordem do relato da criança, registrando fielmente o mesmo, da maneira como foi contado, incluindo expressões diversificadas, indicações de pausas e demais características do discurso. Há um campo na mesma folha na qual pode ser anotado qualquer observação pertinente à forma do relato ou seu conteúdo. Cada relato foi anotado no verso da mesma folha de papel que a criança

fez o desenho. Essa oficina aconteceu uma vez por semana, com duração aproximada de uma hora, durante oito semanas semi consecutivas. O pesquisador obteve ajuda direta dos educadores na realização da oficina, devido ao número considerável de crianças por classe e controle geral da atividade.

- As produções foram recolhidas pelo pesquisador.
- Reunião devolutiva dos resultados para a equipe diretiva e educadores, após a realização do tratamento dos dados.
- Durante toda a aplicação da oficina a equipe diretiva da escola foi informada a respeito da realização da mesma e seria contatada em qualquer intercorrência que pudesse ocorrer.

6.6. Procedimento de Análise dos dados

Primeiramente o relato dos sonhos foi organizado em duas tabelas, uma para cada grupo, por sonhador com o relato de seus sonhos – produção válida, em ordem cronológica. Considera-se por “produção” cada oportunidade individual na qual o participante foi convidado, juntamente com toda a turma, a realizar a atividade. Portanto, em cada data de aplicação da atividade o grupo A poderia obter no máximo 26 produções e o grupo B 29 produções. Cada participante teve oito oportunidades disponibilizadas, mas a ausência de relato ou falta na data da atividade fez com que os participantes obtivessem uma produção heterogênea quanto ao número de produções. Entende-se por “produção válida” aquela em que o participante esteve presente e produziu, no mínimo, o relato do sonho. Considera-se “produção inválida” aquela na qual há falta de presença ou omissão de relato. Para obter o número de produções válidas multiplicou-se o número total de sujeitos de cada grupo pelo número de datas de aplicação da atividade (n. de sujeitos X 8) diminuindo desse valor a quantidade produções inválidas (faltas e ausência de relato). Este cálculo foi feito para cada grupo. As aplicações de atividade “Oficina do Sonhos” ocorreram durante oito semanas e não foram repostas para faltantes ou para os que não emitiram relato.

Importante informar que caso um participante emitisse mais que um relato de um sonho na data da atividade, o total daquele dia seria considerado como uma produção válida. É válido reiterar que não foi julgado se o relato é sonho ou fantasia. Esta pesquisa os considera equivalentes do ponto de vista do desenvolvimento, pois de acordo com as referências utilizadas, o discurso das crianças de quatro e cinco anos oscila entre realidade concreta, fantasia e, certamente, entre o sonho. Portanto, todos os relatos foram considerados, como critério de inclusão.

O desenho não foi analisado quanto ao seu conteúdo, o mesmo apenas é um disparador e um facilitador do relato dos participantes, ajudando-os a circunscreverem melhor seu discurso em torno do tema, evitando divagações desnecessárias.

Após a organização dos dados, foram enumerados os dados demográficos: grupos, número de participantes, sexo dos participantes e a frequência. Este item é composto do número de produções válidas e produções inválidas por grupo e por sexo.

Depois de organizados os dados, iniciou-se a verificação dos elementos oníricos. Mesmo que um elemento aparecesse mais de uma vez em uma única produção, ele foi contabilizado apenas uma vez. Utilizou-se o relato para essa enumeração, com exceção do item natureza, no qual foi utilizado também o desenho. Os elementos observados foram:

- **Humanos:** observa-se nesse item a menção à presença e ausência de pessoas no relato do sonho levando em consideração as expressões que fazem alusão ao próprio sujeito (autorreferência), a família nuclear ou ampliada (pai, mãe, avô, avó, irmão, primo, outros), e as relações ampliadas (professores, amigos e colegas).
- **Animais:** os temas envolvendo animais estão organizados em três categorias: domésticos, não-domésticos (selvagens ou animais que não se relacionam com o ser humano) e pré-históricos.
- **Natureza:** o item “natureza” registra a ocorrência de elementos da flora, corpos celestes, elementos inorgânicos e fenômenos climáticos. Salienta-se que apenas neste item o desenho foi considerado para avaliar o elemento onírico natureza,

pois ela encontra-se mais expressa nos desenhos que no relato e, devido a sua ocorrência, julgou-se interessante incluí-lo.

- **Figuras fantásticas:** compreendem as figuras de fantasia, mitológicas, que não correspondem a realidade concreta, presentes no relato dos participantes.
- **Meios de transporte:** os meios de transporte foram contabilizados de acordo com a menção dos mesmos no relato dos participantes.
- **Casa:** considera-se por casa as edificações criadas pelo homem para morar e conviver, considerado seus cômodos internos e o que lhe é externo, o que está além do lar.
- **Ação:** a categoria “ação” identifica, pela observação dos verbos utilizados, situações autorreferentes (ações diretas do sujeito onírico ou a ele referidas – 1ª pessoa) e não autorreferentes (ações de terceiros – 3ª pessoa).

Os dados foram contados por grupo e por sexo, sendo incluídas as porcentagens dos itens considerando o total de produções válidas específicas para o grupo, ou para os sexos nos grupos, de acordo com especificidade utilizada na construção das tabelas. Os gráficos foram construídos da mesma forma, porém, sem a inserção de porcentagens, pois a partir de seus conteúdos não se observou a necessidade do dado. Além disso, buscou-se analisar em cada um dos elementos as temáticas envolvidas com os personagens, caracterizando, dessa forma, a qualidade de cada um deles. Com a enumeração desses elementos estimou-se observar aspectos relacionados às imagens arquetípicas concernentes ao desenvolvimento do ego e ampliação da consciência.

Outro item observado foi a estrutura dramática do sonho, que corresponde a classificação das partes do sonho, evolução e itens de evolução, a observação da qualidade do enredo associado a cada parte do sonho e, para estes, houve critérios mais específicos. A evolução da estrutura dramática do sonho foi observada com base no relato. Segue a descrição detalhada das partes mencionadas que compuseram o item:

- **Classificação das partes do sonho:** avaliou-se de acordo com o critério de Von Franz (1993, p.48), na qual são propostas 3 partes importantes. A primeira é a apresentação, que corresponde a descrição do contexto do sonho (personagens, local, detalhes e problema inicial). A segunda parte é a peripécia que designa a aventura ou drama vivido pelos personagens no contexto do sonho, após sua apresentação (por exemplo: uma meta a ser cumprida, o desdobramento da ação de um elemento do sonho etc.). E, finalmente, a última parte corresponde ao desfecho, que é o fechamento da temática do sonho, geralmente a sucessão da peripécia (ex.: a morte, a solução de um problema, o voltar para casa, entre outros). Todos os sonhos são considerados, independente se continham apenas a apresentação. Considera-se que os sonhos mais complexos possuíam as três partes descritas acima. Os relatos, organizados na tabela inicial, no momento de seu preenchimento já receberam as indicações das partes que continham. Depois as ocorrências das partes dos sonhos foram contadas para cada grupo e sexo, formando a síntese desses dados. Da mesma forma que nos elementos, observou-se o tipo de apresentação mais frequente, como também os estilos de peripécia e desfecho, fornecendo dados a respeito das temáticas envolvidas. Considera-se série o total de sonhos, por sujeito, em ordem cronológica, independente do número de produções.
- A seguir foi observada em cada série a **evolução** dos sonhos de acordo com os critérios: evolução crescente que está relacionada ao aprimoramento do discurso pela inclusão de mais elementos e/ou ampliação de enredo. evolução nula que se refere à manutenção do discurso, sem a inclusão de novos elementos ou ampliação de enredo. E evolução decrescente que é o contrário da primeira, na qual há diminuição de elementos e/ou enredo. O item “elementos”, caracterizou-se pelo uso de substantivos, descrições e adjetivos. O enredo foi descrito pelas ações dos elementos oníricos, os complicadores e a reação às ações dos personagens na trama.

- Detalhando a qualidade da evolução das séries, observou-se, naquelas que obtiveram qualificação crescente, se a evolução deu-se pela inclusão de elementos e/ou enredo.
- Os dados, das três categorias, foram contados por grupo e por sexo, a partir do qual construíram-se gráficos.

Todos os dados obtidos foram interpretados a partir de uma perspectiva desenvolvimentista de análise do funcionamento psíquico infantil, fundamentada nos conhecimentos da Psicologia Analítica.

6.7. Cuidados éticos

Foram resguardados os aspectos éticos profissionais, garantindo-se o sigilo e preservação dos dados da identidade dos participantes. O projeto foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da PUCSP (ANEXO A). A instituição na qual foi aplicada a pesquisa firmou um termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO B) a partir do qual a pesquisa foi autorizada. Dada a baixa exposição das crianças às situações de risco devido à aplicação da oficina dos sonhos, considerando a inexistência de qualquer dano à saúde psíquica por se tratar de uma atividade lúdica e não havendo contra indicações plausíveis a este método, optou-se por uma autorização da escola permitindo a realização da pesquisa. Portanto, não houve a necessidade de um termo de consentimento livre e esclarecido para autorização individual dos sujeitos. O pesquisador comprometeu-se a notificar qualquer intercorrência que fosse observada, comunicando-a conjuntamente à escola e aos responsáveis, sugerindo medidas de intervenção e encaminhamento para um tratamento adequado.

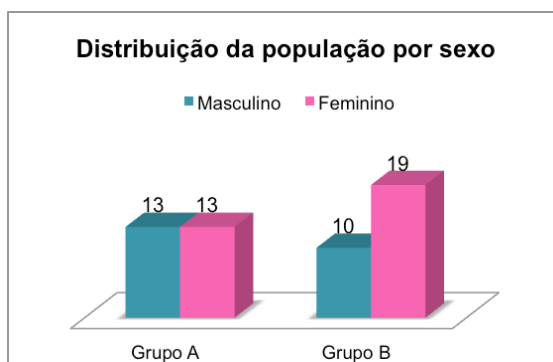
7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo apresenta os resultados e discussão obtidos por meio da atividade lúdica “oficina dos Sonhos”. Os dados, cuja metodologia de coleta foi apresentada no capítulo anterior, estão organizados em uma descrição detalhada, seguidos de uma discussão, levando em consideração a complexidade crescente dos mesmos. Inicialmente estão descritos e discutidos os dados demográficos que permitem a caracterização dos participantes. Segue-se a descrição e discussão dos “elementos oníricos” organizados em função da presença dos seguintes elementos no relato e/ou desenho dos sonhos dos participantes: humanos, animais, natureza, figuras fantásticas, meios de transporte, casa e ação (expressa em verbos). Posteriormente, seguem os resultados e discussão a respeito da estrutura dramática do sonho.

7.1. Dados demográficos

Os participantes totalizaram 55 crianças, dispostas em dois grupos, correspondentes às classes em que estão incluídas: o grupo A corresponde às crianças matriculas no Pré-I, com 26 integrantes, e as do grupo B, com 29 integrantes, matriculadas no Pré-II. O gráfico a seguir especifica o número de participantes por grupo.

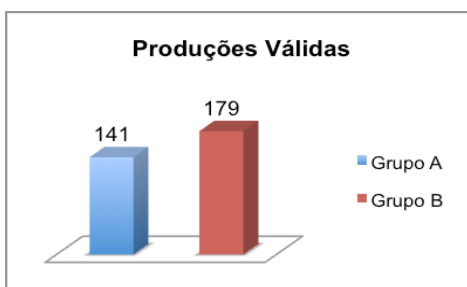
Gráfico 1: Distribuição de população por sexo e grupo etário.



O grupo A é homogêneo em relação ao número de participantes entre os sexos; a maior discrepância é observada no grupo B, com uma diferença de nove participantes a favor do sexo feminino. O grupo A possui uma média de 9 meses a menos em idade em relação ao grupo B. Os sujeitos com menor idade são os participantes do sexo masculino do grupo A e os com maior idade são os participantes do sexo masculino do grupo B.

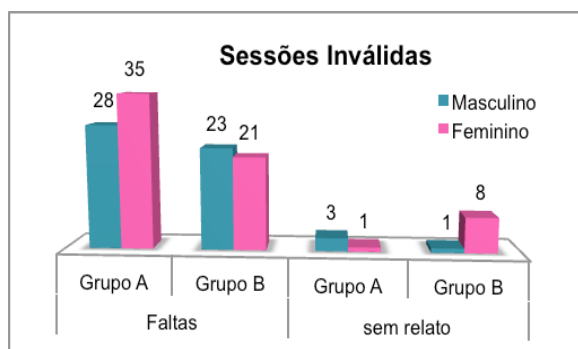
O item “frequência” contabiliza as faltas dos participantes nas datas de aplicação da atividade “Oficina dos Sonhos”, as omissões de relato pelos participantes e o número total de produções válidas. Os dois gráficos a seguir explicitam os valores obtidos:

Gráfico 2: Número de produções válidas por grupo.



O grupo A teve 141 produções válidas e o grupo B 179 produções válidas. Totalizam-se 320 produções válidas e 118 produções inválidas desconsideradas (nas quais houve falta do participante ou ausência de relato).

Gráfico 3: Número de produções inválidas por sexo e grupo.



Os dados foram organizados por grupos. No primeiro item do gráfico observa-se o número faltas em cada grupo e por sexo: o grupo A obteve maior número de faltas em comparação com o grupo B. O sexo feminino teve maior número de faltas no grupo A e no grupo B o sexo masculino teve maior número. Cumpre salientar que na análise do número de faltas dos participantes observou-se que o valor não foi homogêneo entre os participantes, ou seja, um número menor de participantes tiveram mais faltas, enquanto a maioria teve em torno de uma, duas ou nenhuma. Esta proporção é válida para ambos os grupos, estando mais acentuada no grupo B. Os alunos que constavam na lista de chamada mas que não compareceram em nenhuma data de aplicação da atividade foram desconsiderados. Quanto à ausência de relato, o grupo B obteve maior número de omissões, majoritariamente no sexo feminino; no grupo A o maior número de omissões de relato foram em sujeitos do sexo masculino.

As datas de aplicação da atividade iniciaram com o grupo B, em virtude da maior idade, seguindo o grupo A. A seguir estão descritas as datas para cada grupo:

Grupo B

Aplicação 1	Aplicação 2	Aplicação 3	Aplicação 4	Aplicação 5	Aplicação 6	Aplicação 7	Aplicação 8
14/05/2012	23/05/2012	06/06/2012	20/06/2012	27/06/2012	25/07/2012	01/08/2012	09/08/2012

No grupo B houve uma menor consecução de semanas. Há uma semana de intervalo entre a segunda e terceira aplicação e uma semana entre a terceira e a quarta aplicação. O maior intervalo, com quatro semanas, está entre a quinta e sexta aplicação devido ao período de férias.

Grupo A

Aplicação 1	Aplicação 2	Aplicação 3	Aplicação 4	Aplicação 5	Aplicação 6	Aplicação 7	Aplicação 8
13/09/2012	21/09/2012	26/09/2012	04/10/2012	18/10/2012	25/10/2012	01/11/2012	08/11/2012

Observa-se uma sequência de semanas consecutivas nas aplicações da oficina, havendo apenas uma semana de intervalo entre a quarta e quinta aplicação por motivos de cronograma de atividades escolares.

7.2. Elementos oníricos

Os elementos foram contados de acordo com sua presença no relato e somente no item natureza foram considerados o relato e o desenho. É válido ressaltar que para que se entenda a lógica do sonho, inclusive os infantis, não são possíveis grandes generalizações. “A consciência diurna tropeça, quando confrontada com um tipo de lógica essencialmente estranha a ela” (BOSNAK, 2006, p.33); portanto, é preciso ter cuidado às generalizações, pois elas somente são possíveis na análise dos símbolos arquetípicos, mas não é possível afirmar categoricamente isto ou aquilo, a não ser que se conheça a dinâmica da criança em particular.

Este trabalho pretende inferir sobre a dinâmica arquetípica presente na idade de quatro a cinco anos, buscando paralelos com a literatura, mas resguardando, por uma impossibilidade da pesquisa, da tarefa de averiguar outros conteúdos da experiência individual associados ao entorno do que é relatado e desenhado. Não há como separar “cirurgicamente” o que é arquetípico e pessoal, pois esta é uma possibilidade apenas na teoria. Consideramos que, como Jacoby (2010) sintetiza, os padrões básicos arquetípicos são atualizados na personalidade e essa experiência original é influenciada pelos arquétipos: os modelos arquetípicos se personalizam desde cedo nos moldes individuais. E, também, como Saíz e Amezaga (2008) afirmam, é na recursividade entre os potenciais herdados e o ambiente que os padrões de organização corporizam-se e se organizam em um todo, um sistema. Quanto aos elementos descritos a seguir, o que é possível, sendo realizado nesta pesquisa, é identificar e inferir sobre a dinâmica dos arquétipos, arriscando algumas considerações psicodinâmicas em relação ao que foi observado nos grupos.

7.2.1. Humanos

Observa-se, na tabela a seguir, a descrição dos elementos relacionados à presença/ausência de humanos que estão organizados pela ordem de importância na hierarquia familiar e pelo número de menções:

Tabela 1: Distribuição do elemento “Humanos” em categorias, por grupo e em número de ocorrência e %, em produções válidas, considerando o relato.

Presença de Humanos		
	Grupo A	Grupo B
Auto -ref.	41 - 29%	108 - 60,3%
Mãe	20 - 14,2%	44 - 24,6%
Pai	19 - 13,5%	23 - 12,8%
Amigos	6 - 4,2%	21 - 11,7%
Irmão	8 - 5,7%	17 - 9,5%
Familiares	3 - 2,1%	3 - 2,1%
Avó	3 - 2,1%	4 - 2,2%
prof.	5 - 3,5%	3 - 1,7%
Avô	0	4 - 2,2%
S/ humanos	61 - 43,3%	29 - 16,2%
Outros	7 - 4,9%	5 - 2,8%

A próxima tabela considera a menção aos humanos por sexo:

Tabela 2: Distribuição do elemento “Humanos” em categorias, por grupo e sexo, em número de ocorrência e %, em produções válidas, considerando o relato.

Presença de Humanos				
Grupo A			Grupo B	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Auto -ref.	8 - 10,9%	33 - 48,5%	22 - 39,3%	86 - 69,9%
Mãe	6 - 8,2%	14 - 20,6%	11 - 19,6%	33 - 26,8%
Pai	13 - 17,8%	6 - 8,8%	12 - 21,4%	11 - 8,9%
Amigos	0	6 - 8,8%	8 - 14,2%	13 - 10,6%
Irmão	0	8 - 11,7%	2 - 3,6%	15 - 12,2%
Familiares	0	3 - 4,4%	0	3 - 2,4%
Avó	3 - 4,1%	0	1 - 1,8%	3 - 2,4%
prof.	0	5 - 7,3%	1 - 1,8%	2 - 1,6%
Avô	0	0	3 - 5,3%	1 - 0,8%
S/ humanos	40 - 54,8%	21 - 30,9%	16 - 28,6%	13 - 10,6%
Outros	3 - 4,1%	4 - 5,9%	2 - 3,6%	3 - 2,4%

A porcentagem nas duas tabelas anteriores foi calculada a partir do número de sessões válidas por grupo. Considerando que em uma produção poderiam estar presentes duas ou mais categorias do item “humanos”, a porcentagem está individualmente atrelada ao número total de produções, ou seja, o quanto o número

natural representa em porcentagem em relação ao total de produções válidas para o grupo ou por grupo e sexo.

As crianças com maior idade apresentaram um discurso mais autorreferente, fazendo maior menção aos amigos e irmãos. As menções autorreferentes apresentam-se em maior número no grupo B, com o dobro de menções. O grupo A, apesar de mencioná-las, o fez em menor número. O domínio das expressões autorreferentes aponta que o sujeito possui a capacidade de gerir com maior autonomia seus ambientes interno e externo. Na medida em que o espaço seguro e indiferenciado dos vínculos parentais iniciais vai sendo substituído pelo domínio pessoal, a expressão que faz do sujeito um protagonista revela-se com maior intensidade. Quando o “eu” aparece no discurso infantil, entende-se que a psique reúne elementos em torno de um centro que os aglutina e a partir do qual as funções egóicas estão em funcionamento. A presença do “eu” indica a presença do ego. Apesar das estruturas internas do ego não obterem um controle amadurecido das suas funções, seu funcionamento é, na qualidade de ego infantil, total. Na comparação entre os sexos, as meninas de ambos os grupos tiveram uma porcentagem de menções autorreferentes bem acima do número dos meninos.

O aumento do discurso autorreferente corrobora com a ideia de maior autonomia psíquica do sujeito. Jung [2009b(1930)] refere-se às ilhas de consciência que passam a se aglomerar, a partir da qual já há uma continuidade do sujeito, alguém que se auto-define. Nos relatos, a presença de um protagonista denota o maior envolvimento do sonhador, o discurso passa a ser mais em primeira pessoa, aumentando com o avanço da idade. Na pesquisa de Tomazella (1984) o personagem mais encontrado nas crianças de 5 anos é o próprio sonhador, do qual derivam ações, havendo maior protagonismo. Em consonância com o aumento do discurso autorreferente, a presença de humanos no sonho também aumentou, havendo menores ocorrências de sonhos que não apresentavam humanos.

A presença de humanos caracteriza para a psique infantil a qualidade do processo de humanização do sujeito, da sua identificação e ampliação do espaço interno. No grupo A houve mais relatos sem a presença de humanos e no grupo B a falta de humanos cai consideravelmente. Na comparação entre os sexos, a ausência de

humanos é mais evidenciada no sexo masculino do grupo A; apesar da menor diferença na porcentagem, também no grupo B o sexo masculino apresenta mais produções sem a presença de humanos. As crianças com maior idade possuem vínculos em maior volume e mais abrangentes, ou seja, estão mais adiantadas no processo de socialização. Além da qualidade de sua interação, fruto do desenvolvimento de seu ego, a criança está mais cônica de sua importância enquanto indivíduo, levando assim a considerar mais a importância do outro.

Inicialmente as menções aos pais ou aos cuidadores denotam a necessidade de apego e de sobrevivência física e psicológica atreladas a essas figuras. Na medida que a amplitude dos relacionamentos expande-se, o discurso autorreferente se intensifica e o ego, com maior autonomia e mais fortificado, passa a explorar vínculos além parentais, expondo-se mais aos terceiros. Esta expansão reflete-se no grupo B com maior menção aos amigos e aos irmãos. As meninas neste grupo citam mais situações familiares que os meninos. Esse fato é também observado na pesquisa de Tomazella (1984), na qual observou-se que os sonhos de meninas continham muito mais situações familiares do que os meninos.

Com relação a essa característica observada nas meninas, é possível afirmar que o cérebro feminino possui capacidades mais relacionais. É plausível que o caráter do desenvolvimento específico das meninas as deixem mais propensas a observarem e interagirem mais com os ambientes socializados, compreendendo melhor a intenção do outro, podendo assim controlar melhor sua realidade relacional.

Essa perspectiva é defendida por Baron-Cohen (2004) pois as meninas desde cedo são mais verbais e podem, precocemente, usar a teoria da mente, ou seja, a capacidade de supor o que o outro pretende ou deve estar pensando. Para o autor, meninos e meninas possuem estilos sociais diferentes, reforçando os determinantes biológicos. Há diferenças biológicas, cuja maior suposição seja a influência do hormônio da testosterona, que ajuda nas variações a nível de estrutura cerebral em meninos.

O autor observa que as meninas possuem um cérebro mais empático e os meninos cérebros mais sistematizadores. Essa capacidade de empatizar de forma mais natural auxiliaria no crescente interesse por pessoas, por relacionamentos, por amizades, preocupando-se mais com os aspectos emocionais. Em um estudo

mentionado por Baron-Cohen (2004) os bebês do sexo feminino têm maior propensão em fixar o interesse em rostos, principalmente para os olhos e os do sexo masculino em objetos. Portanto, o maior interesse pelas amizades e relacionamentos enfatizados nos sonhos das meninas possuem uma justificativa tanto do ponto de vista biológico quanto social: meninas são possivelmente mais empáticas que os meninos.

É importante ressaltar que a influência dos pais contém as idiossincrasias de cada sujeito envolvido. Possivelmente, haverá situações que emanam de pais psicologicamente saudáveis e outras de dinamismos disfuncionais das personalidades parentais, que certamente influenciam a criança. Jung [2008b(1928)] observou que a dinâmica psicológica dos pais é muito importante no desenvolvimento dos filhos, apontando que, em muitas problemáticas, a psique da criança não seria a etiologia do problema, mas os conteúdos parentais conflitantes e muitas vezes irreconciliáveis. Fordham (2000) complementa que os pais revivem sua infância ao cuidar dos filhos, elaborando-a, em algumas situações, de modo complicado e causando danos à criança. Podemos aludir ao que Stern (1997) chama de dessintonias e de sintonizações dos pais com a criança, pois o modo pelo qual os conteúdos psíquicos dos pais estão organizados, em desejos, fantasias, aspirações, expressos em seus comportamentos ou não, agirão com uma espécie de referencial ou modelo para moldar ou gerar experiências psíquicas no filho, que podem ser correspondentes ao vivenciado pelos pais. Portanto, nos sonhos a menção aos pais pode conter aspectos sintônicos ou dessintônicos, fato muitas vezes não observável pois, como nos lembra Fordham (2000), quando as imagens dos pais aparecem nos sonhos, geralmente, elas têm um caráter positivo, mesmo que não o seja na realidade, pois tal qualificação é importante para o desenvolvimento. Nesses casos o sonho é uma compensação da realidade concreta, auxiliando o sujeito a lidar com as situações vividas.

Ambos os grupos possuem ainda dinamismos acentuadamente matriarcais. O vínculo estreito com os cuidadores iniciais relaciona-se diretamente com as funções de maternagem, importante para a estruturação psicológica da criança. Para Jacoby (2010) a maternagem é definida em função dos cuidados em torno da alimentação, contenção, estímulo e conforto, ou seja, a função materna possui uma função reguladora.

No grupo A as referências aos pais são menores que no grupo B. Isso se deve, em parte, ao fato do número de participantes do grupo B ser maior e pela dinâmica envolvida em torno do tema. O aumento das referências à mãe no grupo B pode associar-se à importância dos dinamismos matriarcais, importantes também para o grupo A. “Assim a forma de relacionamento mais importante da infância, isto é, a relação com a mãe, é compensada pelo arquétipo da mãe quando a separação da infância se impõe” [JUNG, 2008a(1952), p.225, §351]. Apesar de não ser uma idade de separações mais acentuadas, seu processo é despertado progressivamente. Na comparação entre os sexos, tanto no grupo A quanto no grupo B, o maior número de menções à mãe foram relatadas por participantes do sexo feminino. O elemento pai é mais mencionado pelos meninos de ambos os grupos. Isso se deve ao fato de que as crianças tendem a se identificar com o progenitor do sexo correspondente.

Nas crianças de maior idade o detalhamento do tema mãe insere mais possibilidades ligadas à figura materna, pois no grupo A os relatos possuem características maternas mais homogêneas, ou seja, a imagem da mãe majoritariamente está associada à proteção, alimentação e contenção. O aumento na porcentagem das menções à mãe no grupo B não significaria um apego maior à mãe, mas uma classificação mais consciente de suas atribuições, significado pessoal e início de uma separação progressiva do “colo materno”.

O elemento pai apresentou uma leve diminuição na porcentagem entre os grupos A e B. Percebe-se que a menção ao pai é crescente nos meninos, mantendo-se praticamente igual nas meninas. Portanto, a diminuição inicial é justificada pelo fato de que o grupo B, por ter mais meninas, mencionou ao todo menos o pai. Entretanto, a importância do elemento pai para o menino é crescente, assim como para as meninas é o elemento mãe. Cumpre salientar a possibilidade de que o elemento pai ascender-se-á com o avanço da idade.

A maior parte dos sonhos envolvendo as figuras parentais do grupo B fazem referência às situações cotidianas, relações entre pais e filhos, perigos associados à perda dos pais ou ameaças ao sujeito que em defesa própria busca refúgio nas imagens parentais. “O pequeno mundo da criança, o ambiente familiar é um modelo do grande mundo”. [JUNG, 1990(1909), p.143, §312]. A respeito da busca por segurança,

Fillus (2010, p.63) afirma que tais características “denotam uma regressão a um estado de maior segurança, demonstrando o desejo em manter-se em uma idade que garanta a atenção integral e afeto da mãe ou do pai”, e “também diante de situações novas ou descobertas faz-se com que esse desejo apareça de forma a proteger a criança do desconhecido ou de suas descobertas, próprias do processo de ampliação da consciência”.

Gambini (2000) aponta em seu estudo que, em relação ao tema dos pais, em algumas situações é possível observar a crescente estruturação do ego com a minimização do poder das imagens parentais. Isso será observável com o avançar da idade. Na pesquisa de Fillus (2010) um denominador comum entre os sexos, quanto a frequência de temas, foi o universo parental, tanto meninos quanto meninas com cinco anos de idade mencionaram os pais em quantidades não muito discrepantes.

Os amigos e irmãos aparecem como facilitadores do processo. A imersão junto aos iguais expõe a criança às situações não hierárquicas, nas quais o esforço da criança por uma significância perante os demais a coloca em vias de afirmação, relacionamento e fortificação. Apesar dos dinamismos matriarcais ainda parecerem fortes, os amigos e irmãos ajudam na progressiva separação da criança do seio materno. Este movimento nas crianças mais novas é mais observado no sexo feminino e, no grupo B, é observável em ambos os sexos, com uma leve diferença a favor dos meninos, na menção aos amigos.

No processo de desenvolvimento, expresso nos contos de fada, Bonaventure (1992) afirma que os filhos podem querer permanecer em um estado simbiótico, sendo os pais, por vezes, cúmplices desta relação tendo, assim, um certo poder sobre a prole. Por isso, “o desenvolvimento da personalidade naturalmente faz pressão contra a ligação inconsciente, infantil do jovem, pois não há obstáculo maior ao desenvolvimento que a permanência em um estado embrionário” [JUNG, 2008d(1917), p.95, §171]. Para Neumann (2008, p.94) o ego ao separar-se dos pais expressa uma batalha, um ato de criação.

Os elementos professora, avó, avô, família e outros não obtiveram grandes valores de menções. A seguir será abordado, pela sua ênfase nos dados obtidos, os temas da mãe, pai, irmãos e amigos.

MÃE

O contato com mãe é muito importante, pois é a partir dela que se constitui uma matriz relacional. Ninguém pode adquirir uma noção de si mesmo sem o outro, pois sem alguém da mesma espécie o homem não se constitui. Do contato materno, arquetipicamente programado, a criança torna a experiência da mãe algo que lhe é pessoal. Jacoby (2010) cita as RIG's de Stern (1997) que são representações de interações que foram generalizadas, sendo a base para a formação dos complexos. Estas representações são expectativas de relacionamento com outros significantes, formadas por elementos emocionais que modelarão o padrão de interação do sujeito. E a respeito dessa capacidade, o autor considera que a motivação para formar sistemas de representação é um ímpeto organizador de cunho arquetípico.

“É obvio que, por meio dessas interações, certos padrões de comportamento e de experiência sofram o processo de estampagem (*imprinting*) e, por isso, permaneçam formativos e influenciadores na vida do adulto” (JACOBY, 2010, P.124). Feldmann (2002) enfatiza que o ritmo e a forma da relação entre mãe e bebê é importante para que o si mesmo infantil se desenvolva e influencie a vida posterior da criança.

Na revisão das publicações que tratam sobre o simbolismo associado à mãe encontram-se, primeiramente, que “esse símbolo universal do fundamento originário e da segurança é, em todos os âmbitos, a imagem da transmissão da vida à personalidade individual, independentemente da ordem social”. (BIEDERMANN, 1994, p.235). Jung, listando os atributos do arquétipo materno, sintetiza que:

Seus atributos são o “maternal”: simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favorável; o secreto, o oculto, o

obsuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante e fatal [2008(1939), p.92, §158].

No grupo A o tema da mãe aparece como uma presença importante que regula a “homeostase” familiar. Há poucos relatos de perigos envolvendo a mãe, pois apenas dois relatos a colocam juntamente com algo que ofereça perigo ao sonhador. Os relatos abaixo são uma amostra do que foi observado no grupo.

Figura 1: Desenho do sonho sujeito #J



“Sonhei com a minha mãe e eu.”

[Grupo A, sexo feminino]

Figura 2: Desenho do sonho sujeito #Jl



*“Eu sonhei que era uma princesa e que meu pai,
minha mãe e meu irmão estavam em casa.”*

[Grupo A, sexo feminino]

Como necessidade do desenvolvimento, fundamentado na teoria do desenvolvimento de Fordham (2000), é possível considerar que o par afetivo entre mãe e filho precisa ser desfeito progressivamente, por pressões sociais, mas também por imperativos psíquicos: os movimentos de emancipação são por um lado frutos da integração entre os resultados das descargas deintegrativas do Self, incorporando dados do ambiente que colaboram na organização do ego. Ou seja, não é por uma percepção, uma reflexão consciente que a criança decide abandonar o colo da mãe, mas há um sistema organizado que promove o sujeito, sendo reforçado ou não pelo meio, a emancipar-se. Apesar da grande dependência da mãe nos primeiros anos, a criança é uma entidade separada da mãe, não havendo, portanto, uma mesma pessoa, mas duas pessoas diferentes em estreita relação. Stern (1997) endossa essa consideração, pois ao discorrer sobre a experiência de representação de si mesmo, fundamenta que desde pequena a criança possui a capacidade de reconhecer seus limites corporais, distinguindo-se da mãe. Os afetos básicos já funcionam no bebê e o potencial arquetípico ira desenvolver-se na interação com o outro. Stein (2004) também reconhece que desde cedo os sinais de intencionalidade são provas de que há um sujeito com um ego em formação. Ele considera que “a consciência vígil é enfocada pelo registro do ego dos estímulos e fenômenos internos e ambientais, e pela

colocação do corpo em movimento. As origens do ego situam-se antes dos primeiros dias da infância (p.28).

Feldmann (2004) afirma que a integração do pensamento, imagem e emoção, que visa o crescimento e desenvolvimento psicológico, precursor da capacidade de simbolização, tem sua base no desenvolvimento sensorial da criança no primeiro ano de vida. A mãe ajuda a constituir a “pele psíquica” do filho, para que seus limites sejam experimentados, opondo o que é interno ao que é externo, o que é fundamental para o desenvolvimento psicológico. Para Jacoby (2010, p.146) “o ambiente (mãe) tem aqui, é claro, uma importante função reguladora que depende de como o cuidador é capaz de se sintonizar e estabelecer empatia com o próprio ritmo da criança. O desenvolvimento acontece entre a disposição arquetípica e um ambiente facilitador.

Um segundo aspecto é que a mãe parece ser, além de um dos símbolos mais importantes, o de maior ambivalência. A maioria dos autores que descrevem símbolos assim a consideram (CHEVALIER E GHEERBRANT 2009, CIRLOT 1984, JULIEN 1993, BIEDERMANN 1994). A duplicidade da mãe é um traço importante a ser considerado, pois onde há muita vida também poderá haver morte. O abrigo, o calor, a nutrição são fundamentais para que a vida exista, principalmente no início. Como complementa Julien (1993) “sob seu aspecto de nutrição, a mãe é o símbolo da fartura, da segurança, da ternura e do amor, do calor e da compreensão (...) Ela é a proteção, o refúgio que se deseja atingir durante as tempestades da vida” (p.278). Mas, o prolongamento dessa benevolência “pode sufocar, podar, transformando-se na genitora devorando o futuro genitor, a generosidade transformando-se em captadora e castradora” (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2009, P. 580). Neumann (2008) afirma que na formação do ego é necessária uma diferenciação com o não-ego, ou seja, separar-se do inconsciente, soltar-se do mundo aquático próprio da mãe, para que a individuação possa acontecer. Esta ambivalência começa a aparecer no grupo B, como será tratado a seguir.

Destacam-se no grupo B três situações principais envolvendo o tema “mãe. Primeiramente, as situações cotidianas:

Figura 3: Desenho do sonho sujeito #Ls



“Sonhei que estava com a minha mãe e meu pai na minha casa”.

[Grupo B, sexo masculino]

Aproximadamente 1/3 dos sonhos tratam do tema neste viés, apresentando situações corriqueiras, nas quais geralmente o sonhador é protagonista e a mãe está presente. Apresentam-se também situações nas quais a mãe é uma espécie de refúgio contra algum tipo de perigo, associado geralmente a um monstro ou a um bicho. Este tema será tratado na amplificação de outros símbolos.

Uma segunda parte desses sonhos incluem as reações por parte da figura materna, contendo emoções ou comportamentos que a descrevem com alguém que não é apenas indulgente.

Figura 4: Desenho do sonho sujeito #Sf



“Sonhei que tinha um dia bem bonito, com sol e arco-íris e eu estava de vestido, mas minha mãe estava muito brava.”

[Grupo B, sexo feminino]

As características da mãe já são apresentadas de forma não tão idealizadas. As emoções ou comportamentos aversivos associados à mãe fazem-na mais humanizada. As situações negativas associadas à mãe são importantes para que a simbiose materna ceda e amplie as possibilidades de defesa da personalidade individual do sujeito.

Uma terceira e importante parte desses sonhos referem-se às situações de perigo envolvendo a figura materna:

Figura 5: Desenho do sonho sujeito #Hy



“Sonhei com minha mãe, que o carro atropelou e ela morreu”

[Grupo B, sexo feminino]

Nestes sonhos o tema da morte não é a morte concreta, mas a morte que precisa ser realizada, gradativamente, pela criança, da mãe infantil. Scheredl e Pallmer (1997) afirmam em seu estudo que sonhos em que a criança perde pessoas importantes são comuns nessa idade.

A perda da mãe é um tema de grande impacto sobre o psiquismo infantil, devido à sua importância direta na vida do sujeito. Psicologicamente a “morte da mãe” é necessária para que o sujeito não permaneça psiquicamente influenciado e dominado pelo arquétipo materno. Afastar-se da mãe é um imperativo para o desenvolvimento. “O desligamento é um compromisso entre aquilo que a vida própria de uma pessoa deseja e o que deseja o meio ambiente, em última análise o pai, a mãe, a camada social em

que vivemos” (KAST, 1997, p.14). Em uma abordagem simbólica, Neumann (1996, p. 51) ressalta este processo, afirmando que “numa fase em que a consciência começa a obter sua autoconsciência, isto é, a se reconhecer e a discriminar-se como um ego individual e distinto, a preponderância do uroboros maternal se torna tragicamente funesta para esse ego”.

Fordham (2000, p.127) cita o fenômeno afirmando que “ao lado da evolução libidinal, nesse período a agressividade contra o genitor do mesmo sexo – expressa por meio de rivalidade e desejos de morte, assume posição central (...)”. Afirma Lyard (1998) que para a criança “matar e morrer” são apenas modos de expressar a ideia de algo ativo na personalidade ou um afastamento de algo ou de uma responsabilidade.

A seguir, outra situação que envolve um tipo de perigo:

Figura 6: Desenho do sonho sujeito #Em



*“Sonhei que eu e minha mãe estávamos dormindo no meu quarto,
eu estava envenenada e tinha cobras.”*

[Grupo B, sexo feminino]

O aspecto perigoso da simbiose com mãe pode ser observado no exemplo acima. Envenenar-se com a presença da mãe é associar a sua sufocante presença em um momento em que a criança inicia sua jornada pela separação. Em outro exemplo:

Figura 7: Desenho do sonho sujeito #Gr



“Sonhei que o ladrão bateu na porta da minha casa. Ele quebrou o vidro da janela e quase pegou minha mãe. Ela e o meu pai choraram.”

[Grupo B, sexo feminino]

A figura do ladrão pode estar associada ao aspecto negativo do pai. Tratando-se do desenvolvimento normal, este sonho também se atrela à importância da separação parental. Um terceiro elemento invade a situação estabilizada, criando um momento de desestabilização. Para a análise dos efeitos do desenvolvimento, percebe-se que o fenômeno é uma sequência de desnivelamentos entre planos estabilizados. O aspecto destrutivo de quebrar a janela e entrar em um espaço seguro e protegido, arranca a criança de seu estável mundo parental. Em situações mais pessoais (o que não é o foco do trabalho) o ladrão poderia representar uma ameaça à constituição do lar do sonhador, configurando esta uma situação atípica.

É importante considerar que o mundo materno é de maior indiferenciação, portanto, é de menor possibilidade de consciência, apesar de fornecer seus fundamentos. A respeito, Samuels (1989, p.185), considera que:

A noção de diferenciação pode ser usada em relação a toda a infância, e é importante, porque ela permite falar de seus corolários: indiferenciação e pré-diferenciação. São estados psicológicos (indiferenciados) onde não foram mantidas as fronteiras adequadas. A pré-diferenciação sugere um aspecto normal do desenvolvimento inicial; indiferenciação é mais uma categoria psicopatológica.

Jung [2008(1939)] afirma que a partir do despertar da consciência do ego, a ligação com a mãe é análoga à relação da consciência com o inconsciente: entra em oposição. Ou seja, o eu começa a se diferenciar dos atributos pessoais da mãe, cujas qualidades associadas a ela, agora desprendidas, passam a transferir-se para outras instâncias que as sustentem. “O desenvolvimento da consciência leva inevitavelmente não só à distinção em relação à mãe, mas também em relação aos pais e à família em geral e a uma relativa separação do inconsciente e do mundo instintivo” [JUNG, 2008a(1952), p.225, §351).

Outro marco desta constante de diferenciações pode ser expresso pelo tema do complexo de Édipo, amplamente abordado pela psicanálise. Jung tem a sua visão particular do fenômeno. Samuels (1989) explica que para Jung o incesto é um símbolo que revela a necessidade de afastamento das figuras parentais (o tabu), como também da necessidade de regressão (o impulso). A regressão não adquire sentido patológico mas, está ligada ao renascimento para prosseguir a trajetória do desenvolvimento. “O incesto pode ser considerado simbólico pois une os seguintes pares de opostos: regressão/progressão, endogamia/exogamia, instintividade/ espiritualidade, hostilidade pai-filho/aliança pai-filho (hostilidade / aliança mãe-filha)” (SAMUELS, 1989, P.201).

Jung [2008a(1952)] afirma que o mito solar mostra que o coabitar não é a base do impulso incestuoso, mas a ideia de retornar aos cuidados parentais, penetrando na mãe para dela renascer. O obstáculo que impede o movimento seria o incesto. “Por esta razão os mitos solares ou de renascimento criam as mais variadas analogias com a mãe, para fazer a libido fluir para novas formas e impedi-la assim, eficientemente, de regredir para um incesto mais ou menos real”. E ainda: “o resultado do tabu do incesto e das tentativas de transferência é o exercício da fantasia, que pouco a pouco, pela criação de possibilidades, abre caminhos através dos quais a libido pode realizar-se” [JUNG, 2008a(1952), p.213, §332].

Portanto, como Neumann (1996) sintetiza não é coincidência que a consciência seja identificada com o herói e o inconsciente devorador como uma espécie de monstro feminino. Somente pela diferenciação que o homem é liberto e exposto à luz e isto o faz um sujeito individual, desenvolvendo assim um ego saudável (NEUMANN, 2008, p.89).

Henderson (2008) afirma que:

Na luta travada pelo homem primitivo para alcançar a consciência, este conflito se exprime pela disputa entre o herói arquetípico e os poderes cósmicos do mal, personificado por dragões e outros monstros. No decorrer do desenvolvimento da consciência individual, a figura do herói é o meio simbólico através do qual o ego emergente vence a inércia do inconsciente, liberando o homem amadurecido do desejo regressivo de uma volta ao estado de bem-aventurança da infância, em um mundo dominado por sua mãe (p.154).

Por fim, Fordham (2000p.106) explica que “a mãe o ajudará (a criança) a desenvolver o ego e, desse modo, sua capacidade de distinguir-se dela e distinguir as fantasias da realidade”. O autor complementa que a respeito da idealização da mãe, a relação entre mãe e filho precisa conter frustrações, na qual se abra espaço para coexistirem amor e ódio, pois uma relação deveras indulgente prejudicará a separação e independência do filho.

PAI

A capacidade de refletir e de formar um conjunto de valores é constituído na internalização de princípios entre o “certo” e o “errado”, mediado pelas figuras importantes que convivem com a criança, principalmente pelo pai.

Para Chevalier e Gheerbrant (2009) o pai é um símbolo de geração, de poder, de domínio e de valores. “É uma representação da autoridade: patrão, professor, protetor, deus” (p. 678). Os mesmos autores ressaltam que sua função geradora não é materna, mas paterna, como aquele que fecunda, mas, principalmente, transmite um código de leis. Biedermann (1994) coaduna com a definição acima, no que considera o pai como “figura que, por causa de uma estrutura patriarcal, simboliza a autoridade máxima, e até mesmo a divindade. No simbolismo da psicologia profunda, o pai exprime a instância de ordem do superego” (p.277) e, acrescenta que “na iconografia alquímica é o sol que é considerado o pai” (p.278).

Sobre o pai, Cirlot (1984) considera que:

A imagem do pai, associada intimamente à do princípio masculino, corresponde ao consciente, por contraposição ao sentido maternal do inconsciente. É representado simbolicamente pelos elementos ar e fogo. Também pelo céu, a luz, os raios e as armas. Assim como o heroísmo é a atitude espiritual própria do filho, o domínio é o poder do pai. Por isto, este representa o mundo dos mandamentos e proibições morais, que põe obstáculos à instintividade e à subversão, por expressar também a origem (p. 437).

Neumann (2008) acrescenta que a autoridade do patriarcado é importante para a expansão da consciência e inscreve o ego dentro dos valores culturais. Colman (1990) complementa que o pai é um vínculo entre o lar e o mundo exterior. Murdock (1998, p.72) além de ressaltar os aspectos do pai relacionados à ordem e à proteção, bem como sua representação do mundo do intelecto, dos ideais e dos valores, afirma que “a magnitude do arquétipo do pai automaticamente dota-o do status do herói”.

Nos grupos observados a menção ao pai referiu-se mais ao companheirismo exercido pelo mesmo, não houve relatos de situações diferenciadas em que o pai estivesse incluído.

No grupo A dois exemplos apresentam a configuração observada no tema:

Figura 8: Desenho do sonho sujeito #An



“Sonhei que eu estava andando de carro com o meu pai, indo para o shopping.”

[Grupo A, sexo masculino]

Figura 9: Desenho do sonho sujeito #Mcl



“Eu sonhei com a minha família, eu, minha mãe, meu pai e meu irmão.”

[Grupo A, sexo feminino]

Apesar do pai aparecer, ele mesmo é ainda uma presença secundária em relação à mãe. Faria (2003) aponta que os cuidados do pai com os filhos, apesar da maior participação em casa, ainda permanece, inconscientemente, relegado à mulher; o desafio do pai é integrar esses aspectos como também seus.

Lima Filho (2002) salienta que as funções do pai arquetípico podem ser expressas pela mãe. O universo matriarcal é descrito pelo autor como gratificador, alimentador, que proporciona conforto e amor incondicional. O pai expressa um amor condicionado, destinado ao filho desde que cumpra determinadas exigências. Essa compreensão ficará mais clara com o avanço da idade da criança.

Para Jacoby (2010, p.157) “arquetipicamente o masculino-paterno representa um logos agressivo, penetrante e diferenciador”. O pai detém, na projeção das crianças, o conhecimento de como o mundo funciona, além de propiciar uma ampliação no conjunto das possibilidades de exploração e de companheirismo. Complementa ainda que “os modos deles de brincar com a criança diferem daqueles da mãe: eles são mais enérgicos, táteis, fisicamente engajados, expostos ao risco e são caracterizados por uma maior variedade de atividades” (p.160). Este é um ponto que os fazem mais companheiros dos seus filhos.

O grupo B, em comparação com o grupo A, apresentou uma leve diminuição na porcentagens de menções do elemento Pai. Porém, como detalhado anteriormente, os

meninos deste grupo o citaram mais, em relação aos de menor idade. O sentido de companheirismo ainda continua presente e, neste grupo, a função de proteção associada ao pai, começa a aparecer. Seguem dois exemplos do que foi observado no grupo B.

Figura 10: Desenho do sonho sujeito #KaM



*“Sonhei que eu e o meu pai estávamos na chuva,
o sol estava vendo nós nos molharmos”.*

[Grupo B, sexo feminino]

Figura 11: Desenho do sonho sujeito #Ay



“Eu e meu pai e a vó e o nono, estávamos querendo matar um bicho”

[Grupo B, sexo masculino]

O primeiro relato insere o pai como companheiro e o sol pode representar o caráter iluminador da consciência ou também um aspecto do pai, representando sua vigilância. No segundo relato observa-se que o pai aparece como companheiro, mas também como figura de apoio, contra algo que se coloca de forma perigosa, como um animal. “O pai é representante do espírito que se opõe à impulsividade, impedindo-a. É este seu papel arquetípico, que lhe cabe inexoravelmente, sem interferir em suas demais qualidades pessoais” [JUNG, 2008a(1952), p.253, §396]. Samuels (1989, p.197) afirma que “pai serve como mediador entre o ser natural primitivo do filho e seu meio social e sua herança altamente diferenciada”. Naturalmente, o pai é considerado uma instância próxima à consciência que administra os impulsos instintivos, dos desejos que espontaneamente irrompem e também oferece resistência às forças constantes de mudança. Também é uma instância da qual se espera ter igual valor (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2009). Auxiliando na administração dos instintos, Jacoby (2010) salienta que o complexo paterno em certa medida sempre estará em oposição ao materno, com uma característica compensatória.

A consciência da criança surge e precisa do pai como uma função de conservação, dando ao ego a condição de continuidade e de contenção: a interdição é um elemento que torna o ego da criança sólido e menos “poroso”. A identificação e a segurança fornecida pelo pai é importante para que o sujeito sinta-se autorizado e, ao mesmo tempo, responsável gradativamente pelos seus atos. É provável que essa característica seja mais evidenciada após os cinco anos. Murray (1995) afirma que a partir de 6 anos os sonhos das crianças têm ação, uma linha de história, e um grande número de personagens principais. Figuras de autoridade desempenham um papel importante em suas vidas. Policiais, motoristas de ônibus, e os pais (sua própria, bem como os seus amigos) podem entrar nos sonhos e podem ser representados como reis, rainhas ou como personagens fictícios de programas de televisão. Seu mundo social, nessa idade, expandiu-se para o bairro e colegas de escola, e os seus relatos dos sonhos podem refletir o mundo mais amplo em que vivem.

O pai colabora para que ocorram as diferenciações, principalmente entre o certo e o errado. Zweig e Abrams (1994, p.69) consideram que “o desenvolvimento do

ego depende da repressão daquilo que é ‘errado’ ou ‘mau’ em nós, bem como da nossa identificação com aquilo que é visto e encorajado como ‘bom’”. Por fim, é importante apontar que gradativamente a função do sábio passará a vigorar com maior intensidade. Como Jung [2008a(1952), p.322, §515] considera, o pai do herói frequentemente é talentoso carpinteiro ou outro artífice”.

IRMÃOS E AMIGOS

Destaca-se no grupo B uma diferença importante de menções a favor dos amigos e aos irmãos, que está diminuída no grupo A. Irmãos e amigos exigem a criação de um funcionamento fraterno, mais simétrico. Discutir, negociar, dividir, participar, ceder, “fazer por si mesmo” são ações que passam a vigorar no espaço da criança.

Um dos arquétipos que começam a demonstrar a sua importância na idade dos participantes é o fraterno, ou do irmão. Barcellos (2006a) afirma que o irmão tem um impacto na constituição da individualidade do ser, com um duplo aspecto estruturante/desestruturante, abrindo caminho para o processo de individuação. O mesmo autor complementa que a estruturação dos relacionamentos maduros na idade adulta passa pela atividade do arquétipo fraterno. A imagem do irmão faz parte da psique humana e a experiência da fraternidade não seria restrita aos laços consanguíneos, mas amplia-se principalmente com os amigos (BARCELLOS, 2006).

Segundo Downing (1994, p.87) “o relacionamento fraternal é um dos mais duradouros de todos os laços humanos, começando com o nascimento e só terminando com a morte de um dos irmãos”. E complementa que essa perenidade ajuda o sujeito a expressar seus sentimentos de hostilidade, raiva, inveja dentro de um espaço protegido; quando o relacionamento é entre irmãos do mesmo sexo, essa capacidade é maior.

A dinâmica do arquétipo fraterno abarca as relações de amizade, cada vez mais

fortificadas, com o passar da idade. Hartrup e Stevens (1999) discorrem sobre as amizades das crianças como relações em que há companhia e proximidade, fundamentadas em torno do lúdico, do brincar. Essas relações observadas por um adulto podem parecer simplórias, entretanto, para a criança, os vínculos com os amigos passam a ser cada vez mais valorizados. Wahba (1993, p. 12) afirma que “no modelo arquetípico do coexistir, cada um procura o outro para, juntos, construir um mundo significativo”. Barcellos (2009) aprofunda essa questão afirmando que o irmão ou amigo localiza aquilo que nos não somos ou quem somos, estabelecendo fronteiras entre o eu e o não eu e dando ao sujeito um lugar, um sentimento de pertença. Portanto, a fraternidade é importante para a formação da identidade.

“O outro, o amigo, não tem apenas caráter apenas de espelho, mas nos mostra também nossos limites e possibilidades. A amizade constitui-se uma experiência universal de encontro. Encontro com aquele que é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente de nós”. (SOUZA, 2010, p.12). Reconhecer o outro como diferente e, ao mesmo tempo, semelhante é importante para que haja relações de maior reciprocidade. A mesma autora afirma que “o arquétipo fraterno faz-se imprescindível em nossa busca por uma sociedade mais igualitária e uma forma de ser mais verdadeira” (p.12).

Quando uma criança expande seus vínculos de amizade aos seus iguais, não sendo apenas uma retórica lúdica, percebe-se um ego com maior grau de autonomia. Socializar-se e se relacionar além dos pais é um imperativo para que o sujeito adquira a maturidade.

7.2.2. Animais

Os animais podem representar a relação do sujeito com o mundo instintivo, pulsional, animalesco presente em todos os seres humanos e, também, a relação com elementos que mobilizam o ego e representam sua força. Nas três tabelas a seguir é possível verificar a ocorrência do tema “animais” e suas categorias entre os grupos:

Tabela 3 : Distribuição do elemento “Animais” na categoria doméstico, em número de ocorrência e % em produções válidas, por grupo e sexo, considerando o relato.

Animais Domésticos			
	Masc.	Fem.	Total
Grupo A	2 - 2,7%	6 - 8,8%	8 - 5,7%
Grupo B	1 - 3,8%	11 - 8,9%	12 - 6,7%

Tabela 4 : Distribuição do elemento “Animais” na categoria não domésticos, em número de ocorrência e % em produções válidas, por grupo e sexo, considerando o relato.

Animais não domésticos			
	Masc.	Fem.	Total
Grupo A	16 - 21,9%	13 - 19,1%	29 - 20,6%
Grupo B	5 - 8,9%	30 - 24,4%	35 - 19,5%

Tabela 5 : Distribuição do elemento “Animais” na categoria pré-históricos, em número de ocorrência e % em produções válidas, por grupo e sexo, considerando o relato.

Animais pré-históricos			
	Masc.	Fem.	Total
Grupo A	4 - 5,5%	4 - 5,9%	8 - 5,7%
Grupo B	1 - 3,8%	0	1 - 0,6%

Observa-se que a menção aos animais domésticos apresenta aumentos em porcentagem e, nos não domésticos uma leve diminuição entre os grupos. Os animais não-domésticos são os mais citados em número de ocorrências. As menções aos animais pré-históricos diminuem no grupo de maior idade. As maiores diferenças são observadas entre os sexos. É possível observar que no grupo A os participantes do sexo masculino mencionaram mais os animais não domésticos. Apesar dos participantes do sexo feminino mencionarem em quase mesmo número os animais não domésticos, as menções aos animais domésticos foram seu destaque. O número de menções aos animais pré-históricos permaneceram mais homogêneas para ambos os

sexos. Os animais não domésticos possuem um número de menções muito acima para o sexo feminino em relação ao sexo masculino no grupo B, com uma diferença de 25 menções entre os sexos, a favor do sexo feminino. O mesmo acontece com os animais domésticos, em menor número, mas resguardando a mesma proporção. Os animais pré-históricos obtiveram um número de menções ínfimo.

De acordo com os relatos, destacam-se entre os domésticos, em número de ocorrências decrescente: o cachorro, o gato e o galo. Dentre os não domésticos destaca-se o elemento “bichos” que corresponde a um nome geral que condensa expressões que definem animais não identificados ou criaturas não-especificadas. Segue, em grau de prevalência decrescente os animais: lobo, borboleta e cobra. Os animais pré-históricos são citados como dinossauros.

Quando compara-se os sexos, percebe-se que há uma proporção homogênea entre os grupos A e B no que se refere aos animais domésticos, ou seja, nos dois grupos as meninas mencionam mais os animais domésticos. Esta proporção não é observada nos animais não domésticos, pois enquanto os participantes sexo masculino do grupo A mencionam mais esses animais, no grupo B os participantes do sexo feminino os mencionaram em um número muito superior. A proporção mantém-se praticamente inalterada nos animais pré-históricos, que praticamente somem no grupo B. Estes dados parecem reforçar que a maior objetividade no menino o faz diferenciar melhor seus impulsos ou enfrentá-los diretamente. A menina parece ter uma reação mais próxima da maternagem por identificação com a mãe e esta é estendida além de suas bonecas, treinando esse comportamento com animais de estimação. Essa é uma possibilidade para explicar a frequência desse tema nas meninas quanto aos animais domésticos. Quanto aos animais não domésticos, em uma perspectiva simbólica, Neumann (1999) discorre que entre o matriarcado e o patriarcado nas meninas, as forças masculinas em seu aspecto inferior podem assumir a forma de animais selvagens ou demoníacos. Ele afirma que “no sonho da criança o estimulador negativo frequentemente é associado por animais terríveis” (p.85). Assim a agressividade também ajudaria na separação da mãe.

Segundo Julien (1993) o tema do animal refere-se aos instintos, conscientes ou inconscientes, que estão presentes em inúmeras culturas e sobrevivem mesmo com a extinção das civilizações. Para Jaffé (2008, p.321.) “o animal em si não é bom nem mau; é parte da natureza e não pode desejar nada que não pertença a ela. Em outras palavras, ele obedece aos seus instintos”. Para Jung [2009b(1936) p.51, §233] “os fatores psíquicos que determinam o comportamento humano são sobretudo os instintos enquanto forças motivadoras do processo psíquico”. E complementa que “no meu ponto de vista, a questão do instinto não pode ser tratada psicologicamente sem levar em conta a dos arquétipos, pois uma coisa condiciona a outra” (p.70, §271). Ou seja, o animal, enquanto figurativo do instinto não está dissociado do arquétipo, visto que ambos são indissociáveis. Na própria fala de Jung observa-se essa característica. Para esse estudo vale-se a premissa de que os animais carregam, simbolicamente, aspectos de nossa irracionalidade com os quais a consciência precisa se defrontar.

“O animal representa o instinto e a proibição, e o homem é homem porque vence o instinto” [JUNG, 2008a(1952), p.255, §398]. Segundo Ramos [et al.] (1999, p.18) “para compreender a si mesmo, o homem necessita entender os animais e seu simbolismo. Este é um processo imprescindível para a elaboração dos instintos e consequentemente ampliação de consciência”.

Os animais domésticos são aqueles que possuem um contato de maior controle por parte do humano. Estão próximos e lhe são úteis, fiéis ou ornamentais. Atribuem-se a eles qualidades intuitivas e de proteção. Os animais domésticos podem representar para as crianças a domesticação de forças básicas, emoções, impulsivas, que garantem a sobrevivência e possibilitam o desenvolvimento.

Uma criança que não aprende a domesticar seus impulsos e emoções poderá tornar-se refém delas e não prosseguir em uma conduta de ampliação consciência e de fortalecimento do ego. Jung [2008d(1917)] afirma que é próprio da cultura domesticar o instinto, porém quando há uma repressão progressiva sua força não se exclui, mas ressurge. Coincidentemente, as crianças mais velhas mencionaram mais vezes os animais domésticos que o grupo de crianças com menor idade.

“Assim, por exemplo, o animal domado é muito característico e seu significado pode corresponder à inversão do que teria aparecido em estado selvagem” (CIRLOT,

1984, P.79). Ao aparecer nos sonhos os animais podem simbolizar aspectos do homem que estão integrados ou não, mas que, seguramente, possuem uma função heurística, contribuindo para (re)estabelecer a harmonia no sistema psíquico.

Para Ronecker (1997, p.79) provavelmente assim como na natureza alguns animais nunca serão domesticáveis, assim também acontece com os instintos na pessoa humana. O que pode ser feito, justamente, é ter consciência da periculosidade de algumas forças que podem ser desmesuradamente potentes e que precisam permanecer em um local adequado, protegido, mas não ignorado.

Para Shamdasani (2005, p.274) “a exclusão do animal teve alguns efeitos sobre o homem, pois ele é dotado de certa dose de libido destinada ao relacionamento com a natureza e com outros seres vivos. O costume moderno de ter animais de estimação é uma tentativa de satisfazer essa necessidade” .

Gambini (2000) apresenta que os animais, descritos no sonhos das crianças, estão associados às emoções com as quais o sujeito deve lidar, incluindo, assim, os dinamismos heróicos da psique e contribuindo para a formação do ego. Grotjahn (1993, apud PROVEDEL e PRISZKULNIK, 2008) analisou sonhos de uma criança de dois anos e observou que há sonhos nessa idade que indicam que a criança está elaborando estranhas e fortes emoções, expressas pelas figuras de animais.

Wilkinson (2006, p.43) afirma que estudos recentes de imagem confirmam que os sonhos são o veículo da mente para o processamento de estados emocionais do ser, particularmente o medo, ansiedade, raiva ou alegria que muitas vezes figuram de forma proeminente. Portanto, a autora postula que para processar esses estados emocionais a integração mente–cérebro utiliza-se de imagens visuais vívidas, apresentando o que ainda não está disponível para a consciência. O sonho seria um veículo para que o ego possa pensar sobre tais aspectos.

Murray (1995), ao analisar estudos sobre sonhos infantis afirma que os principais personagens dos sonhos destas crianças eram animais. Segundo ele, os animais continuaram a ser largamente representadas em sonhos da criança no grupo etário de 5 a 7 anos. Na pesquisa de Fillus (2010) o tema dos animais foi o mais prevalente entre as meninas.

Para Ramos [et al.] (1999, p.18) tanto o homem primitivo quanto a criança incorporam as características de alguns animais, assimilando suas qualidades, o que faz do animal um meio de acessar os instintos e, por conseguinte, ampliar a consciência. A seguir será explanado sobre os principais animais que os participantes da pesquisa mencionaram dentro das categorias listadas, são eles: o cachorro, “bichos” e dinossauros.

O CACHORRO (o cão)

O cachorro ou o cão é um símbolo importante na mitologia, sendo recorrente em várias culturas. Para a maioria dos autores que analisam símbolos, a função principal do cachorro (ou cão como é mencionado na maioria das vezes) é a de psicopompo, como um guia do homem durante a morte após ser seu companheiro na vida. É o guia das almas, o cão assim é qualificado universalmente (CHEVALIER E GHEERBRANT 2009, BIEDERMANN 1994, JULIEN 1993, RONECKER 1997).

A qualificação de psicopompo tem importância para a psicologia analítica. O psicopompo assume qualidades mercuriais, por seu aspecto mensageiro, de “soleira de porta”. Estar no “entre” é mediar os aspectos conscientes e inconscientes as suas importantes relações. O mundo noturno é associado ao inconsciente, domínio no qual o cão fareja e pressente, mundo cujo olhar não desnuda a realidade, mas seu faro potente o circunscreve. O domínio do que não está na posse do ego e no campo da consciência é contrário às lógicas egóicas, por possuir sua própria linguagem e expressão. O cão é símbolo da atenção e guia do homem em ambientes que este não domina. Psicologicamente, é um recurso do inconsciente para lidar com as novas demandas do inconsciente, seja no âmbito pessoal, parental ou coletivo.

Outro atributo relacionado ao cão é a sua característica de estar atento e vigilante, além de sua fidelidade e valentia. Segundo Cirlot (1984) o cão é o emblema da fidelidade e também simboliza a valentia. No cristianismo tem uma atribuição derivada do ofício do pastor, que guarda o rebanho. Biedermann (1994) ressalta sua aptidão para guardador de rebanhos, corroborando sua capacidade de fidelidade e vigilância. Para Ronecker (1997, p.26) “o pastor simboliza também a vigília, porque sua

função necessita de vigilância constante, por isso era comparado ao sol, que tudo vê, e ao rei”.

O aspecto do pastor é interessante na medida em que o mesmo relaciona-se com o campo da consciência. Proteger e guardar dos elementos sombrios, cuja periculosidade pode ser danosa ao ego, é delimitar dentro do espectro consciente os atributos importantes que representam a continuidade do ego, de suas funções básicas, do seu controle, para que os mesmos não sejam dispersos, tal como quando o lobo ataca um rebanho.

Julien (1993, p.81) ressalta que:

No plano psicológico, o cão é um arquétipo da individuação e representa o primeiro estágio de evolução psíquica: Cérbero, o cão de três cabeças e com dentes envenenados, guarda a porta dos infernos, símbolo da fronteira que separa o consciente do inconsciente, primeiro estágio da evolução.

O espectro da consciência não abarca a totalidade da personalidade. A separação da consciência e do inconsciente é um estágio fundamental para que o indivíduo nasça e se diferencie. “Guardar a porta dos infernos” simbolicamente refere-se aos aspectos que não podem ser acessados diretamente pelo ego, pois teriam um efeito catastrófico. A força dos domínios inconscientes faria do ego um barco à deriva, sacudido pelas ondas intempestivas do inconsciente.

O fato das crianças mencionarem em suas produções o cachorro pode estar relacionado à diferenciação dos conteúdos conscientes e inconscientes, entre aquilo que ficará no domínio consciente e entre aquilo que não faz parte. O cão estaria como companheiro, guarda e, como observado na maioria das menções, domesticado. Sua domesticação simbolicamente o coloca como ajudante intuitivo das crianças, com o qual se sentem seguras e amparadas quanto a sua intercessão junto aos mundos ctônicos.

BICHOS

A categoria bichos designa as criaturas animais citadas em várias narrativas, aludindo a algum tipo de animal que estava escondido, ameaçando ou

estava sendo espantado. Por não haver uma determinação mais exata da qualidade desse animal fantasioso, ele foi classificado como não doméstico. Descritos por Cirlot (1984), os bichos são criaturas fabulosas que recebem e que podem constituir poderosos sistemas de projeção psíquica.

O Bicho, como descrito pelas crianças pesquisadas, está relacionado, na maioria das menções, a algo que lhes é ameaçador. A designação de bicho o aproxima da descrição do monstro, que é um ser fantástico cuja aparição causa temor na criança. Os relatos a seguir expõem a tônica do elemento:

Figura 12: Desenho do sonho sujeito #An



“Sonhei que os bichos estavam furando a minha cama”.

[Grupo A, sexo masculino]

Este relato de um participante do grupo A faz referência ao modo pelo qual o grupo, em sua maioria, descreve o elemento “bichos”. Ele possui uma característica perigosa, mas bem infantilizada. Já no grupo B, descrito a seguir, é possível observar uma intensificação das ameaças e uma atitude mais ativa por parte do sonhador no contexto onírico.

Figura 13: Desenho do sonho sujeito #An



“Sonhei com um monte de bichos no meu quarto, ele me comeu e eu morri”.

[Grupo B, sexo feminino]

Figura 14: Desenho do sonho sujeito #KJ



“Sonhei que estava com o meu irmão e ele tinha uma faca para cortar esses bichos que tem um monte de pernas e os lobisomens”.

[Grupo B, sexo feminino]

Observam-se nesses dois relatos que os bichos aqui descritos são uma espécie de monstro que precisam ser vencidos, ou que podem matar. A morte, nem sempre é catastrófica e, sim, pode simbolizar um novo nascimento ou novas possibilidades. “Aquele que consegue abater o animal ‘mágico’, o representante simbólico da mãe

animal, adquire um pouco de sua força gigantesca.(...) e assim possibilita uma espécie de ressurreição de animal ‘mágico’” [JUNG, 2008a(1952), p.317, §503]. Jung [2008a(1952)] ainda adverte que quando há uma atitude excessivamente carinhosa e dependente para com os pais, o sonho compensa essa atitude com animais assustadores no sonho das crianças. Para Scheredl e Pallmer (1997) sonhos em que haja perseguição são comuns nesta idade.

DINOSSAURO

O dinossauro pode representar as forças mais incipientes da psique, mais básicas ou designar uma regressão a estágios de desenvolvimento anteriores. Por ser pré-histórico, parece remeter aos primórdios, ao início das coisas, antes da consciência estar com um campo estabelecido e controlado pelo ego, o seu centro. “A descoberta de ossos de grandes dimensões, pertencentes aos animais fósseis, pode ter influído na tradição que os atribuía a seres gigantesco pré-históricos (BIEDERMANN, 1994, p.175).

7.2.3. Natureza

Apenas neste item o desenho foi considerado para avaliar o elemento onírico natureza, pois ela encontra-se mais expressa nos desenhos que no relato e, devido a sua ocorrência, julgou-se interessante incluí-lo. A ferramenta do desenho, representando o universo onírico, amplia a qualidade de representação que o relato poderia fornecer. Furt (2006) considera que a análise sistemática de desenhos, assim como os sonhos, pode estabelecer uma forma de comunicação entre o ego e o inconsciente. As fantasias, imaginações e sonhos expressos pelo desenho podem revelar aspectos da personalidade. Nos demais elementos apenas o relato foi utilizado. A primeira tabela descreve os resultados gerais:

Tabela 6: Distribuição do elemento “Natureza” em tipos, por grupo, e em número de ocorrência e % em produções válidas, considerando relato e o desenho.

Natureza				
	Grupo A		Grupo B	
	relato	desenho	relato	desenho
Sol	8 - 5,7%	26 - 18,4%	14 - 7,8%	83 - 46,4%
nuvem	0	11 - 7,8%	9 - 5%	55 - 30,7%
flor	2 - 1,4%	4 - 2,8%	12 - 6,7%	33 - 18,4%
chão	1 - 0,7%	1 - 0,7%	0	33 - 18,4%
arvore	5 - 3,5%	3 - 2,1%	5 - 2,8%	20 - 11,2%
grama	0	3 - 2,1%	2 - 1,1%	16 - 8,9%
Outros	10 - 7,1%	8 - 5,7%	25 - 14%	8 - 4,5%

O elemento “sol” é o mais citado no relato e no desenho, destacando-se a maior ocorrência no grupo B, no desenho. A seguir, destaca-se o elemento nuvem do mesmo modo que o elemento anterior, assim como o elemento “flor”. O elemento árvore é desenhado várias vezes no grupo B. O elemento “chão” é desenhado com maior frequência no grupo B em relação ao grupo A, assim como grama, uma possível equivalência ao chão.

A maioria dos elementos possuem um aumento de menções no desenho e no relato no grupo B; como exceção os elementos “chão” e “árvore” mantiveram um número praticamente igual nos relatos e o item “outros” manteve-se homogêneo quanto ao desenho. A seguir, o elemento natureza está descrito em função do sexo.

Tabela 7: Distribuição do elemento “Natureza” no sexo feminino, em tipos, por grupo, e em número de ocorrência e % em produções válidas considerando relato e desenho.

Natureza - sexo feminino				
	Grupo A		Grupo B	
	relato	desenho	relato	desenho
Sol	6 - 8,8%	17 - 25%	12 - 9,7%	66 - 53,6%
nuvem	0	7 - 10,3%	9 - 7,3%	49 - 39,8%
flor	1 - 1,5%	4 - 5,9%	11 - 8,9%	30 - 24,4%
chão	0	1 - 1,5%	0	30 - 24,4%
arvore	1 - 1,5%	0	4 - 3,2%	19 - 15,4%
grama	0	3 - 4,4%	2 - 1,6%	15 - 12,2%
Outros	0	0	4 - 3,2%	0

Na tabela anterior os elementos sol, nuvem, flor, chão, árvore e grama estão em ordem crescente de ocorrência. Para todos os itens o grupo A apresenta valores menores. O desenho destaca-se com maior ocorrência dos elementos em relação ao relato.

Tabela 8: Distribuição do elemento “Natureza” no sexo masculino, em tipos, por grupo, e em número e % de ocorrência em produções válidas considerando relato e desenho.

Natureza - sexo masculino				
	Grupo A		Grupo B	
	relato	desenho	relato	desenho
Sol	2 - 2,7%	9 - 12,3%	2 - 3,6%	17 - 30,3%
nuvem	0	4 - 5,5%	0	6 - 10,7%
arvore	4 - 5,5%	3 - 4,1%	1 - 1,8%	1 - 1,8%
flor	1 - 1,4%	0	1 - 1,8%	3 - 5,3%
Outros	2 - 2,7%	2 - 2,7%	2 - 3,6%	1 - 1,8%

A tabela anterior especifica os elementos para o sexo masculino. Destacam-se os elementos sol e nuvem, com maior preponderância no grupo B. Quando comparados com a tabela do sexo feminino a diferença é importante: os elementos da natureza, principalmente o sol, é muito mais evidenciado nas produções das participantes.

Como mencionado, nos dois grupos o sol é mais citado nos relatos e no desenhos pelos participantes do sexo feminino, em ambos os grupos. Esta proporção é praticamente observada nos elementos nuvem e flor, nos quais apenas no grupo A o número de menções no relato, entre os sexos, é homogênea. O elemento árvore possui maior menção no relato e no desenho no grupo A para o sexo masculino, já no grupo B essa proporção é a favor do sexo feminino. Nos elementos chão e grama nota-se a ocorrência apenas no sexo feminino. No elemento outros, os meninos obtiveram maior variedade de elementos, com exceção do relato do grupo B, a favor do sexo feminino. A maior representação gráfica dos elementos pode corresponder a maior habilidade das meninas em detalhar suas produções, os desenhos dos meninos são mais objetivos, quanto ao tema central do sonho. A seguir, serão descritos os elementos mais citados com as devidas interpretações correspondentes.

SOL

O elemento sol é o mais descrito e, principalmente, desenhado. A importância deste símbolo é ainda mais acentuada nas crianças do grupo B, principalmente no sexo feminino, destacando-se novamente o desenho, com 66 ocorrências.

Inicialmente o sol, antes de mais nada, reveste-se, para a maioria das tradições como uma divindade cósmica e venerável. A atribuição de divindade ao sol é relacionada ao seu aspecto benéfico e fundamental à vida. A escuridão aponta para o subterrâneo, para o frio, a morte. Deste modo, a veneração solar, psicologicamente, refere-se ao seu poder de iluminação, o foco de luz que diferencia as coisas, aponta e possibilita a classificação. Também traz a possibilidade da fecundação, no nascimento, da escolha deliberada por um caminho, uma trajetória. Para Neumann (2008, p.26) “em todos os povos e religiões, a criação aparece como criação da luz. Daí o advento da consciência se manifestar como luz em contraste com a treva do inconsciente, ser o verdadeiro ‘objeto’ da mitologia da criação”.

O sol é um dos símbolos mais mencionados quando se trata de consciência e de ego. Para Julien (1993, p.458) “a luz irradiada pelo sol é a inteligência cósmica e simboliza a inteligência, o conhecimento buscado por todo candidato à iniciação”; e acrescenta que os seus raios “clareiam o mundo como a inteligência humana, conferindo às coisas um poder mágico que desaparece com o pôr-do-sol”. Chevalier e Gheerbrandt (2009, p.841) afirmam que “depois de todas as ilusões, o sol nos mostra, finalmente, a verdade de nós mesmos e do mundo (...) conseqüentemente, o sol corresponde ao espírito (p.837). Neumann (2008, p. 88) afirma que “somente à luz da consciência pode o homem reconhecer. E esse ato de cognição, de discriminação consciente, divide o mundo em opostos, tendo em vista que a experiência do mundo só é possível por meio dos opostos”.

O fenômeno da consciência e de sua ampliação é simbolizado pelo sol. A consciência, em textos psicológicos ou não, é designada como espécie de luz. A luminosidade está associada ao olhar: percebe-se que se está iluminado graças à visão. O olho é um sentido usado para detectar a presença ou não de luz, de consciência. A morte faz com que os olhos permaneçam cerrados. Quando uma criança

está desenvolvendo-se observa-se o seu olhar, a direção e a importância dada a esse sistema perceptivo. O olho físico não é, obviamente, sinal ou não unívoco de consciência, mas uma forma de simbolizá-la. Em crianças que não detêm a visão, o “olhar interno” mobilizado pela conjunção de outros órgãos do sentido, garante este sentido de estar desperto.

O sol simboliza dois aspectos relacionado ao que se entende por consciência: a consciência neurológica e o aspecto reflexivo do ego. A primeira é definida pela qualidade da resposta que um sujeito coerentemente fornece diante dos estímulos que lhe são apresentados e que fazem parte de seu potencial perceptivo. A segunda refere-se ao fato de que o sujeito interno desperta de seu sono inconsciente. Sair da inconsciência e adquirir a possibilidade de integrar dados do ambiente, relacioná-los, raciocinar progressivamente, refletir sobre eles, reagir, responder, interagir e formar uma identidade são possíveis com a presença de um ser que está desperto e estando preservadas suas capacidades neurobiológicas.

A noção exposta na fundamentação deste trabalho (conf. Capítulo 2), refere-se à intrincada relação entre o ego e a consciência. O foco de luz que se atribui à consciência e ao ego, como uma espécie de energia centrípeta, aglutina uma série de conteúdos, a partir das sequências deintegrativas e integrativas promovidas pelo Self, juntamente do ambiente e das respostas obtidas pelo entorno da criança. O ego é um complexo diante do qual todos os elementos conscientes já foram apresentados.

“O sol é símbolo da vida, calor, dia, luz, autoridade, sexo masculino, e de tudo o que brilha” e complementam que “para a astrologia o sol sempre foi o símbolo do princípio gerador, masculino e do princípio de autoridade” (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2009, P. 839). “Também é símbolo da região do psiquismo instaurada pela influência paterna no papel de instrução, educação, consciência, disciplina e moral”. Os autores lembram também que para a psicanálise associa-se à “censura de Freud, de onde derivam as tendências sociais, a civilização, a ética e tudo aquilo que é importante no ser”. Em alguns casos pode ser um superego negativo (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2009, P. 839). Descrições semelhantes são encontradas em Biedermann (1994, p. 278) e em Cirlot (1984, p.535-536).

A função do pai não está restrita apenas à autoridade, mas ao conhecimento, à lógica, princípio arquetípico que auxilia a criança a classificar o mundo interno e externo. Como um princípio que separa e denomina, a criança precisa atribuir aos seus impulsos, comportamentos e emoções a lógica do certo e do errado, do possível ou não possível, do bom e do mau, do bem e do mal, do que lhe é favorável ou desfavorável. A conduta civilizadora solar é importante, mas pode secar, debilitar, pela sua exasperação iluminadora. A consciência é fruto também da delimitação do seu foco: não é possível iluminar tudo e para isso uma seleção lhe é previsível. O princípio da separação necessária de muitos aspectos irreconciliáveis inicialmente é reflexo do desenvolvimento do ego e da consolidação do padrão iluminador da consciência. O sol ajuda a separar, sem luz misturam-se as coisas.

Outro aspecto pelo qual o sol está relacionado é com o próprio herói. Para Rios (2008, p.113) “psicologicamente, a criação da consciência relaciona-se ao mito do herói solar, que cria, amplia ou organiza a luz a partir da escuridão inconsciente”. O herói solar é aquele que, tal como o sol, passa por um novo nascimento e, mesmo mergulhando nas profundezas da noite, retorna com vida, aumentando seu brilho e revestindo-se de seu caráter iluminador. Jung discorre que “subjugando a mãe, o herói torna-se igual ao Sol e gera a si mesmo de novo. Ele ganha a força do sol invicto e obtém o eterno rejuvenescimento” [2008a(1952), p.253, §396].

O sol pode ser associado à libido (Cirlot, 1984). “A força vital psíquica, a libido, simboliza-se pelo sol ou personifica-se em figuras de heróis com atributos solares” [JUNG, 2008a(1952), p.188, §297]. Cumpre salientar que “a luta do herói desempenha um papel eterno e fundamental na superação da inércia da libido, inércia que se apresenta no símbolo da mãe dragão circundante, isto é, do inconsciente” (NEUMANN, 2008, P.122).

Para Jung, [2008d(1917), p.66, §114], “nossa vida compara-se à trajetória do sol. De manhã o sol vai adquirindo cada vez mais força até atingir o brilho e o calor do apogeu do meio dia.” Esse é o período que corresponde do nascimento à metade da vida. Quanto a primeira fase, o autor afirma que para o jovem “basta afastar todos os obstáculos que dificultam sua expansão e ascensão”. Nesse mesmo período vigora o “objetivo natural, a procriação dos filhos e todos os serviços referentes à proteção da

prole; para tanto é necessário ganhar dinheiro e posição social”, e para atingir esse objetivo, a natureza ajuda; e, além dela, a educação.

NUVEM

A nuvem aparece nos desenhos geralmente associada ao sol, sem possuir o mesmo dinamismo solar, mas geralmente ao lado do mesmo ou como desafio a sua capacidade iluminadora, como um anteparo.

Para Chevalier e Gheerbrandt (2009, p.648) “o simbolismo da nuvem diz respeito à sua natureza confusa e mal definida, à sua qualidade de instrumentos das apoteoses e das epifanias”. Cirlot (1984, p.419) descreve que em “um primeiro aspecto a nuvem simboliza as formas como fenômenos e aparências, sempre em metamorfose, que escondem a identidade perene da verdade superior”.

Psicologicamente a nuvem pode representar para as crianças algum tipo de abstração, um conteúdo do qual o pensamento está envolvido, como uma ideia ou uma preocupação. A sua natureza confusa exprime a sua característica de transitoriedade ou de modificação, o que é comum quando se trata de pensamentos transitórios. Novamente, as meninas parecem ater-se mais a essa tarefa.

Também está referido em Chevalier e Gheerbrandt (2009, p.648) que “seu simbolismo está ligado ao de todas as fontes de fecundidade: chuva material, revelações proféticas e teofanias”. E Cirlot (1984, p.420) complementa que em um segundo caso, “as nuvens são progenitoras de fertilidade e podem relacionar-se analogicamente com tudo aquilo cujo destino seja dar fecundidade”, definição também encontrada em Biedermann (1994). Associada ao dinamismo solar, a fecundidade é um traço importante do elemento nuvem. Trazer a água para que a terra frutifique é possibilitar que o novo, que o que está profetizado ocorra.

Por fim, “nos sonhos, as nuvens emergem do inconsciente coletivo e exprimem o que está flutuante, mutante, um sentimento de insegurança” (JULIEN, 1993, p.322). Como foi considerado anteriormente, aplica-se às instancias emocionais, visto que o “tempo fechado” é uma expressão comumente usada para designar dificuldades da ordem dos afetos, seja por razões situacionais ou por traços da personalidade.

FLOR

A flor, que aparece nos desenhos das crianças, possui significados associados a efemeridade, à infância, a renovação e ao “eu”. Chevalier e Geerbrandt (2009) a descrevem como símbolo do princípio passivo, como também o receptáculo da atividade celeste: “a flor é o símbolo do amor e da harmonia que caracterizam a natureza primordial; a flor identifica-se ao simbolismo da infância e, de certo modo, ao do estado edênico e pode ser também o resumo do ciclo vital e de seu caráter efêmero” (p.437).

Biedermann (1994) afirma que a flor está associada à renovação, a vitória sobre a morte. Justamente por essa atribuição, complementa Julien (1993) que os antigos depositavam flores nos túmulos e, por ser considerada, também, um símbolo de iniciação, “a flor simboliza a realização das possibilidades latentes” (p.190). Portanto, nas produções infantis, as flores podem estar associadas ao que está sendo constituído aos poucos, ainda frágil e em desenvolvimento.

Julien (1993) considera a flor como símbolo arquetípico do “eu”, o ego, quando está presente nos sonhos. Coadunando com essa afirmação, Biedermann (1994) considera a flor um símbolo que faz referência ao sol e, com isso, pela esfericidade da disposição de suas pétalas, uma alusão ao centro, à órbita. E, finalmente, Cirlot (1984, p.257) endossa que “por sua forma, a flor é uma imagem do ‘centro’ e, por conseguinte, uma imagem arquetípica da alma”. Considerando que o ego vai reunindo seus fragmentos, de forma que possa existir, assim as flores são símbolos deste advento.

CHÃO E GRAMA

Chão e grama podem aludir ao símbolo da terra, da superfície terrestre. Para Julien (1993, p.485) “a terra é atribuída a grande mãe dos mitos, origem de toda vida, tornou-se o símbolo da função materna e, com o céu, forma o casal primordial”; e “ela é o símbolo da fecundidade e de regeneração: o contato com as forças telúricas tem o

poder de recriar, fazer nascer de novo”. Para Lexikon (19--) a terra é identificada como divindade feminina, fazendo alusão ao útero, fato que a qualifica como aspecto da grande mãe. Para Lurker (1997, p.718) a terra é “matéria da criação do mundo e do ser humano. Ela faz surgir toda a vida, aparece como a grande geradora e alimentadora, colocando-se assim entre as divindades maternas”. É também símbolo da fecundidade. Biederman (1994, p.359) também designa a terra em associação à mãe. “o desejo de estabilidade e firmeza do solo se manifesta também nos valores simbólicos dos termos pedra e rocha” (p.359).

Esta última afirmação possivelmente está mais aproximada do que foi expresso pelas crianças. Além dos dinamismos matriarcais muito presentes, é possível que o fato do solo aparecer em crianças mais velhas possua uma relação com um espaço mais estável e seguro, que sugere uma maior estabilidade do mundo interno do sujeito.

ÁRVORE

A árvore, para os autores é um símbolo essencial e muito comum. Pode-se dizer, que pela suas inúmeras atribuições, a árvore é um símbolo completo. As ideias sobre o símbolo da árvore, segundo Chevalier e Gherrbrandt (2009) “articulam-se todas elas em torno da mesma ideia do cosmo vivo, em perpétua regeneração” (p.84). Para Biedermann (1994) “muitas vezes encontramos a ideia da árvore como eixo entre os dois mundos, em torno do qual o cosmo está disposto” (p.38). Em outro sentido, o fato do seu tronco estar erguido em direção ao alto pode representar a força e o poder solar e, com isso, em alusão ao falo, refletir a imagem arquetípica do pai. Já os seus frutos evocam a imagem arquetípica, e lunar, da mãe fértil (CHEVALIER E GHERRBRANDT, 2009).

De outra perspectiva a árvore pode ser considerada o símbolo do “eu” em ascensão, a imagem do próprio homem, com seus ramos estendidos e também o despertar da consciência, da iluminação (BIEDERMANN, 1994; JULIEN, 1993). Este último sentido atribuído à árvore parece significar o processo pelo qual o desenvolvimento constante da criança adquire maior sustentação e vitalidade. Crescer para cima é sustentar-se e se elevar do solo. Essa característica de elevação apontando para o alto coloca o homem em uma posição de despertar, de estar mais

próximo à luz, mais próximo do alto, ou seja, do que se refere à consciência. A árvore que cresce e busca expandir-se também precisa de um solo que a sustente, e por isso suas raízes são importantes. Uma árvore frondosa já foi uma semente, mas para não permanecer semente precisou elevar-se. Em termos psíquicos pode-se falar em estruturação do sujeito em bases firmes e ao mesmo tempo, em um espaço que permita a expansão. Nestes termos, a árvore faria, para as crianças, uma alusão ao ego.

7.2.4. Figuras fantásticas

A respeito das manifestações do inconsciente Jung considera que “é um processo natural, uma manifestação de energia produzida pela tensão entre os contrários, formado por uma sucessão de processos da fantasia que surgem espontaneamente em sonhos e visões” [JUNG, 2008d(1917), p.72, §121]. Portanto, como afirma Neumann (2008) a periculosidade do inconsciente vai apresentar-se ao herói como monstros, gigantes e outras criaturas.

Mobilizar defesas é necessário pois para Jung [2002(1929)] a consciência que é delimitada não pode conter a extensão do que é inconsciente e corre o perigo de dissolver-se. Segundo Fordham (2000) o centro organizador da personalidade, que convencionamos denominar Self, impulsiona o desenvolvimento do ego contribuindo para a sua diferenciação. A capacidade em lidar com as figuras da fantasia é constituída na medida em que há o embate entre a manutenção do ego contra os conteúdos desestabilizadores. Há, portanto, que considerar um padrão organizador da psique que auxilia a criança diante dos conteúdos não conscientes, alavancando a autonomia egóica.

Os processos conscientes começam com a separação de elementos opostos como bem e mal, dentro e fora, entre outros, embasando a autorreflexão e uma ideia de si mesmo. Essa capacidade começa a ser formada nas experiências pré-verbais de estar com o outro.

A tabela a seguir expõe os resultados obtidos neste item:

Tabela 9: Distribuição do elemento “Figuras Fantásticas”, por grupo e sexo, em número de ocorrência e % em produções válidas considerando o relato.

Figuras Fantásticas							
Grupo A				Grupo B			
Masculino		Feminino		Masculino		Feminino	
Monstro	6 - 8,2%	Fada	4 - 5,8%	Gigante	4 - 7,1%	Monstro	9 - 7,3%
Herói	5 - 6,8%	Monstro	2 - 2,9%	Monstro	4 - 7,1%	Seres A.	5 - 4%
Outros	11 - 15%	Outros	7 - 10,3%	Herói	2 - 3,6%	Fada	4 - 3,2%
				Fada	1 - 3,6%	Outros	8 - 6,5%
				Outros	6 - 10,7 %		

Para o grupo A destaca-se no sexo masculino o monstro e o herói e no sexo feminino o elemento fada. No grupo B, sexo masculino, o gigante e o monstro e no sexo feminino o monstro e seres animados.

Na comparação entre os sexos o herói é o mais citado, nos dois grupos pelos meninos, ressaltando seus aspectos de força, agilidade e coragem. A fada, por sua vez é mencionada, majoritariamente, pelas meninas de ambos os grupos. O gigante é apenas citado pelos meninos do grupo B e o monstro é mais citado pelos meninos do grupo A e, no grupo B é mais citado pelas meninas. Observa-se que a porcentagem de menções do monstro não é tão superior no sexo feminino no grupo B. No caso do gigante, somente os meninos o mencionaram em porcentagem considerável.

Para Fillus (2010) os meninos enfrentam as adversidades de forma ativa, pelo uso da força, competitividade, impulsividade, da coragem e das alianças em prol de seu interesse que é tornar-se forte, viril e com uma identidade assegurada. Para Jacoby (2010, p190) “as reações aversivas podem, algumas vezes, também invadir a necessidade de exploração e autoafirmação”. Wilkinson (2006) concorda que o sonho é um ensaio para novas possibilidades.

HERÓI

O herói é colocado no item que contempla as figuras da fantasia. Tal elemento explícito na trama do sonho é, possivelmente, uma representação direta dos dinamismos heróicos da personalidade. Por outro lado, nesta parte do trabalho, cumpre ressaltar que mesmo não aparecendo diretamente, a alusão ao herói evidencia-se quando outros elementos da fantasia, como monstros e gigantes que, por exemplo, confrontam o ego onírico. De acordo com o simbolismo de cada um, não seria coerente existir ameaças diante do nada, ou seja, da ausência de um ego com, no mínimo, uma pequena meta. As figuras tanto auxiliares como de resistência ou de perigo são elementos que instigam a capacidade heróica do ego em se diferenciar, afirmar-se e enfrentar seus medos. Isto é o que podemos observar nos participantes do sexo masculino: adquirir coragem e controle sobre os medos é mais importante para eles que para as meninas.

Quando confrontado com figuras mitológicas, Jung (2009c(1943) lembra que a descida do herói remete à passagem por uma região perigosa e, é por esse esforço e coragem que encontrará a recompensa. “Sempre de novo os esforços do herói devem renovar-se e isto sempre sob o símbolo da libertação da mãe” [JUNG, 2008a(1952), p.338, §540], isto significa a busca pela individuação, que segundo o mesmo autor é a base da diversificação.

No caso dos dados obtidos com este trabalho, o herói está associado ao sexo masculino, com seus atributos de força, coragem e enfrentamento. Os meninos tendem a se identificar mais com essa imagem do que as meninas. Possivelmente, essa identificação é motivada pela dupla separação que o menino precisa fazer: ao mesmo tempo em que se separa da mãe, ainda precisa separar-se dos aspectos femininos da mesma. Para as meninas apenas é preciso separar-se da mãe quanto ao aspecto materno, mas não dos atributos femininos. Portanto, há uma separação mais radical por parte do menino, o que exige maior força heróica, deixando de ser o “bebê da mamãe” para se tornar um homem.

O motivador básico denominado arquétipo do herói é um dos símbolos do percurso infantil. É importante salientar que essas características são constituídas

progressivamente e, até a idade adulta, estarão em processo de amadurecimento e aperfeiçoamento. Não há definições estanques de etapas e modos de vir a ser previamente determinados, mas, trajetórias constituídas em um sujeito, local, ambiente e tempo únicos.

Diferenciar-se dos demais em seus traços de personalidade e resolver as próprias demandas de adaptação ao meio interno e externo, exprimir suas preferências, lidar com frustrações, criar seus sistemas de significado pessoais e compreender as lógicas do funcionamento do mundo são demandas desta idade.

Na infância, no período de quatro a cinco anos, o arquétipo do herói estará atrelado a um meio de exploração e afirmação enquanto sistema motivacional básico (JACOBY, 2011). Relaciona-se com a agressividade na medida em que ela é necessária para a própria defesa e energia para a consecução de objetivos. Afirmar-se representa em primeira instância diferenciar-se. O verbo diferenciar, em termos psicológicos, refere-se à capacidade de tornar-se um ser único, de afirmar-se enquanto sujeito de sua própria experiência. Essa diferenciação é mediada pela identificação com modelos diversos, com imperativos de seu próprio temperamento, pela sua autoestima, pelo seu senso de existência e pelas suas características de personalidade. Portanto, afirmar-se na vida é garantir a sua sobrevivência psíquica e diferenciar sua individualidade de inúmeras outras possibilidades de vir a ser.

A força heróica garante ao homem o seu estabelecimento no mundo e a transformação de sua realidade, auxiliando, inclusive na superação de crises importantes, oferecendo uma alternativa às intempéries no desenvolvimento. Esse elemento é fundamental na infância e no amadurecimento psíquico.

Para Marques (2009) desde cedo a criança relaciona-se com modelos heróicos, o que ajuda na promoção da sua autonomia psíquica. Essa relação é possível pela capacidade de simbolização e por um centro organizador da personalidade, que auxilia na ordenação dos sistemas arquetípicos. O mesmo autor salienta que:

Dentre essas possibilidades está a vivência do herói, que exerce a função de desenvolver progressivamente a diferenciação do psiquismo individual, bem como o estabelecimento do sujeito individual, com seu característico relacionamento entre sua consciência e o inconsciente, necessário a todo processo de individuação. A vivência heróica, por sua vez, tem início por

meio do contato com figuras ideais próximas, como os pais ou cuidadores, e culturais, que são apresentadas pela sociedade, como os heróis, uma vez que há uma orientação instintiva por essa busca. A criança humana necessita de modelos e de uma qualidade boa de relação com estes para desenvolver-se de maneira sadia (p.117).

Murray (1995) afirma que medos, raiva e agressividade infantis podem invadir seus sonhos da criança. A televisão ou cinema, tanto quanto os adultos podem ajudá-los a compreender essas experiências. No trabalho de Fillus (2010) o aspecto heróico está evidenciado nos meninos de forma direta e nas meninas expressos em outros atributos; tais representações são ligadas ao sexo. Gambini (2000) também descreve algumas situações envolvendo o herói, com as quais o sujeito deve revestir-se de coragem para enfrentar o monstro ou animais perigosos. É um tema importante nos sonhos infantis.

De acordo com Kluger (1999, p.22) o herói pode, portanto, ser considerado a previsão de “um desenvolvimento da consciência do ego, e a sua atuação no mito, uma indicação do processo de movimento rumo à totalidade que está implícita e inata na psique; no indivíduo, o processo de individuação”. Pieri (2002, p.221) afirma que o herói simboliza a individualidade do sujeito. “Enquanto tal, o herói entende-se como o pródromo da constituição da individualidade de cada um e, portanto, como aquilo que através do qual o eu passa para a conquista da própria identidade e autoconsciência”.

MONSTRO

A presença do monstro é importante no processo de desenvolvimento do ego e da expansão da consciência. “O monstro simboliza o guardião de um tesouro (...) e o conjunto das dificuldades a serem vencidas e os obstáculos a serem superados, para ser ter acesso, afinal, a esse tesouro, material, biológico ou espiritual” (CHEVALIER E GHEERBRANDT, 2009, p.615).

Cirlot (1984, p.383) compreende que criaturas chamadas de monstros “são por isso o oponente, o adversário por excelência do herói e das armas (potências positivas

concedidas ao homem pela divindade; daí a origem misteriosa, milagrosa ou mágica da maior parte das armas usadas pelos heróis nos mitos e lendas)”.

A consciência e a autonomia do ego é emancipada no embate, na força necessária para produzir a luz. Sem esforço não há consciência. Para uma criança, o processo de ser um sujeito emancipado do mundo parental ou dos domínios inconscientes fazem-se graças a sua luta e coragem. Psicodinamicamente, essa afirmação refere-se a qualidade da psique infantil em reunir em torno do ego conteúdos importantes e afastar ameaças que podem desestruturar essa unidade, ativando sua estrutura defensiva. Os recursos defensivos são importantes para que o sujeito não sucumba diante de emoções intensas, situações adversas, condições insalubres mas, também, em graus diferentes, diante das projeções parentais, diante das crescentes responsabilidades, diante das ameaças à sua individualidade e à sua identidade. Para ambos os sexos o desenvolvimento de recursos defensivos é importante. O monstro, para as crianças desta pesquisa, adquire o sentido de fazê-las buscar segurança, emancipando-se gradativamente do universo parenteral.

O monstro pode simbolizar forças da irracionalidade e também possuir um aspecto de psicopompo e, portanto, “o monstro surge também da simbologia dos ritos de passagem: ele devora o homem velho para que nasça o homem novo”, como aquele que está “entre” (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2009, p.615). “O herói é sempre engolido pelo monstro na batalha decisiva” e após sua batalha “o herói sai renascido depois da viagem noturna pelo mar” [JUNG, 2008d(1917), p.90, §160].

O medo nas crianças possui um aspecto importante: sinaliza que existe um ego cujo processo de fortificação está sendo constituído. O medo indica perigos, protege por ativar recursos defensivos, impede o sujeito de avançar em atos desmedidos e desestabilizadores. Ao sentir medo o sujeito avança ou estagna. Ao estagnar o sintoma aparece como um monstro para os pais, mas como uma redenção possível à criança. Para Neumann (2008, p.48) a criança experimenta um mundo interno e externo muito maior que ela, o que gera o medo, sendo um fenômeno normal na psicologia da criança. “embora diminua à medida que a consciência se fortalece, ele forma, porém, um impulso transpessoal para o desenvolvimento da consciência. Componentes importantes da formação do ego, do desenvolvimento da consciência, da cultura, da

religião, das artes e das ciências, têm origem na tendência de representar e superar esse medo.

Considera-se que “a luta contra o monstro significa o combate para libertar a consciência capturada pelo inconsciente. A salvação do herói é a saída do sol, o triunfo da luz sobre as trevas, da consciência ou do espírito sobre o magma patético” (CIRLOT, 1984, p.384). O autor salienta a luta pela libertação do ego das amarras inconscientes. Ao contrário do poder paralisador de outros personagens, o monstro exige que o herói não apenas lute com o que o impede, mas com aquilo que deseja tirá-lo do caminho. As forças naturais do desenvolvimento indicam o caminho, mas a sua consecução está a cargo do ego que é amparado por outras instâncias colaborativas, representadas por outras criaturas fantásticas. Afinal, “o tesouro que o herói traz da caverna escura é a vida, é ele mesmo renascido da escura cavidade materna do inconsciente, para dentro do qual a introversão ou a regressão o relegara” [JUNG, 2008a(1952), p.363, §580].

Em síntese, para Chevalier e Gheerbrandt (2009, p.615) “em numerosos casos o monstro não é, na verdade, mais do que a imagem de um certo eu, esse eu que é preciso vencer para desenvolver um eu superior”. Portanto, nesta categoria estão presentes os personagens do mundo arquetípico que podem ameaçar e que virão a fortalecer o ego no processo de diferenciação.

FADA

As fadas representam recursos importantes de ajuda e auxílio. Os autores concordam que a sua importância é justificada em virtude dos seus poderes supra-humanos a colaborarem com o humano. Chevalier e Gheerbrandt (2009, p.415) definem que: “mestra da magia, a fada simboliza os poderes paranormais do espírito ou as capacidades mágicas da imaginação (...) mensageiras do outro mundo” e, por conseguinte, “as fadas jamais se deixam ver, se não de modo intermitente, como os eclipses; embora subsistam, em sua essência, de modo permanente. Poder-se-ia dizer o mesmo sobre as manifestações do inconsciente” (p.416). Cirlot (1984) complementa essa afirmação que as fadas “simbolizam provavelmente os poderes supranormais da psique humana. Tem faculdades extraordinárias concedendo dons aos recém nascidos

(p.249). “As fadas são as faculdades não em um aspecto mágico, mas sim como simples possibilidades, de repente iluminadas” (p.250).

No decurso do desenvolvimento a reunião de forças inconscientes mobilizam importantes contribuições para que o ego incipiente não esteja sozinho. As fadas também possuem uma ligação com aspectos femininos, com a qual é associada. Ao contrário da madrasta, a fada é um aspecto da mãe boa, benevolente, que auxilia no processo e nas dificuldades encontradas. É possível que essa justificativa seja válida ao se perceber que a maioria das menções feitas ao personagem foram realizadas por participantes do sexo feminino.

Uma atribuição importante das fadas, para Chevalier e Gheerbrandt (2009, p.415), é que elas “desfazem os nós do psiquismo”. Os autores justificam ainda que “segundo a Ilíada, a boa ou má sorte e o destino do herói, elas lhe aparecem e lhe oferecem uma escolha, da qual dependerá o resultado benéfico ou maléfico da viagem desse herói” (p.416). Portanto, as fadas estão mais relacionadas ao sexo feminino, como atributos culturalmente específicos das meninas.

GIGANTE

Possivelmente, o gigante é um dos símbolos mais importantes diante do dinamismo do herói e de sua batalha. Este tema é mais citado pelos meninos. Eles são seres relacionados à terra, ctonianos, cujas forças terrestres são a imagem do desmesurado, em benefício dos instintos corporais e brutais, relacionados aos mitos cosmogônicos, podendo ser bom ou mau, protetor ou ameaçador (CHEVALIER E GHEERBRANDT 2009, CIRLOT 1984). Para Biedemann (1994, p.175) “em muitas áreas culturais antigas eles simbolizam a ainda disforme natureza primordial que precede a civilização, e que, como os homens selvagens, representam um estágio da barbárie originária”. O mesmo autor descreve que os gigantes são associados às forças intempestivas e incontrolláveis da natureza, em seu aspecto destrutivo estariam as avalanches, desabamentos, terremotos, interpretado como a luta dos heróis e dos

deuses contra os colossos, seres desmesurados, cuja vitória é afirmação do homem sobre os elementos.

É interessante considerar que para vencer o gigante há a necessidade da associação de um herói, homem, e de um deus. Ambos não o vencem sozinhos. É o que afirmam Chevalier e Gheerbrandt (2009) pois “para derrotá-lo é preciso que se conjuguem os golpes de um deus e de um homem. Exemplo o deus fulmina e o herói acaba de matar o gigante a flechadas” (p.470).

a evolução para uma espiritualização crescente é o verdadeiro combate dos gigantes. Mas essa evidência implica um esforço do homem, que não deve contar só com as forças do alto para triunfar de tendências involutivas e regressivas, imanentes nele. O mito dos gigantes é um apelo ao **heroísmo humano**. O gigante representa tudo aquilo que o homem tem de vencer para expandir sua personalidade (CHEVALIER E GHEERBRANDT, 2009, p.470).

Para que o sujeito alcance os objetivos de seu próprio processo de desenvolvimento ele irá deparar-se com forças que parecem ser avassaladoras e ameaçadoras diante de sua infantilidade. Se o gigante é o desmesurado e ctônico, então ele deve fazer referência aos primeiros momentos do desenvolvimento, em relação ao dinamismo matriarcal terrível, que está relacionado à terra e ao seu poder paralisante

A associação entre o herói e o deus é o simbolismo da interpenetração entre ego e Self. Este, como princípio de ordem e centralidade, auxilia o ego a organizar as demandas psicológicas infantis. O gigante por sua vez obriga o sujeito a sair de sua inércia no universo matriarcal e, conseqüentemente, acaba por fortalecer o ego, que associado ao Self precisa diferenciar-se, pois ele não é o próprio Self, muito menos um parasita ctônico. Jacoby (2010) comenta que “a base da consciência egocentrada chega até o fundo, dentro do inconsciente” (p.265), então seu núcleo contém um princípio organizador que ordena o desenvolvimento, o que Jung chamou de Self. O autor reafirma que esse centro dirige o desenvolvimento de um senso de si mesmo.

O gigante é geralmente uma ameaça, tal como um obstáculo ao caminho, ao desenvolvimento, relacionando-o ao incontrolável e aos elementos irracionais (JULIEN, 1993). A mesma autora ainda coloca que o gigante representa os medos do que é

arcaico, do que está no início. Isto justifica o aparecimento dessa criatura nas projeções infantis, cujo objetivo seja, possivelmente, o fortalecimento do ego, do herói que reúne forças além de si para não ser impedido de prosseguir.

O gigante aparece com bastante ênfase em alguns relatos e desenhos e gera o sentimento de uma força intransponível, que não é possível vencer. Isso mobiliza diversas defesas, como a regressão ao universo parental, a fuga ou oferece um portal pelo qual o herói deverá passar (FILLUS, 2010). Dada a potência do gigante e a postura ativa do herói, este símbolo está mais presente nos relatos dos meninos.

7.2.5. Meios de transporte

Os meios de transporte foram contabilizados de acordo com a menção dos mesmos no relato dos participantes. Os dados estão descritos na tabela abaixo:

Tabela 10: Distribuição do elemento “Meios de Transporte” em tipos, por grupo e sexo, e em número de ocorrência e % em produções válidas considerando o relato.

Meios de Transporte						
	Grupo A			Grupo B		
	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total
Avião	5 - 6,8%	1 - 1,5%	6 - 4,2%	4 - 7,1%	1 - 0,8%	5 - 2,8%
Carro	10 - 13,8%	0	10 - 7%	0	5 - 4%	5 - 2,8%
Outros	0	0	0	3 - 5,3%	0	3 - 1,6%

Entre os grupos os elementos avião e carros foram mais citados no grupo A, já os “outros” foram citados em maior número no grupo B. Entre os sexos, em ambos os grupos o avião é o mais citado pelos meninos, já o elemento carro, no grupo B, é o mais citado pela meninas. O elemento “outros” permaneceu equilibrado no grupo A e no grupo B os meninos citaram mais.

Sobre o simbolismo do carro, em algumas culturas, ele é associado ao ego. Em Chevalier e Gheerbrandt (2009) “o carro só existe em função do conjunto de peças que o formam; por isso quando essas peças são consideradas separadamente, o carro deixa de existir; o carro, portanto, assim como o ego, é apenas uma designação convencional” (p.192) e, “acrescentamos que ele simboliza a consciência” (p.194).

O carro é algo construído pelo homem para o seu transporte, estando a seu serviço. O carro, para as crianças, pode representar uma identificação com os atributos masculinos, de força e agressividade, visto que a maioria das menções foram feitas por sujeitos do sexo masculino.

Portanto, ao relacionar-se com o herói, seu caráter de transformação da energia em movimento, faz circular a força e determinação no processo de diferenciação. O avião, meio de transporte mais citado, parece revestir-se de um fascínio dos conteúdos imaginativos e mágicos. Também podem sinalizar possíveis conteúdos ainda não enraizados ou concretos para essas crianças, permanecendo, dessa forma, em um ambiente etéreo. Este mundo mais espiritual é observado no grupo B nos participantes do sexo masculino.

7.2.6. Casa

A tabela a seguir descreve a ocorrência do tema nos relatos dos sujeitos da pesquisa, descritos em função de serem ligados a casa ou exteriores a ela.

Tabela 11: Distribuição do elemento “casa” em tipos, por grupo e sexo, e em número de ocorrência e % em produções válidas considerando o relato.

	Casa			
	Interior da casa		Exterior à casa	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Grupo A	5 - 6,8%	6 - 8,8%	9 - 12,3%	11 - 16,2%
Grupo B	16 - 28,6%	29 - 23,6%	8 - 14,3%	17 - 13,8%

Para o grupo A o interior da casa é menos citado que o seu exterior. Já o grupo B cita mais o interior da casa do que o exterior. As menções ao exterior, quanto do

interior da casa são maiores no grupo B. Quanto à comparação entre os sexos, as meninas mencionam mais o interior da casa no grupo B, número praticamente homogêneo no grupo A. O exterior à casa, no grupo A, é mais mencionado pelas meninas. No grupo B, novamente, é mais citado pelas meninas.

O primeiro simbolismo relacionado à casa é de que ela é uma espécie de centro, uma imagem de localização do homem no cosmo, um símbolo de um centro vital (CHEVALIER E GHEERBRANDT, 2009; BIEDERMANN, 1994; JULIEN, 1993).

A casa, em si, podem corresponder às instâncias psíquicas e suas funções ou relacionado às partes do corpo (CIRLOT, 1984). Para Julien (1993, p. 87) “a casa nos sonhos com seus andares e seus cômodos, é comparada frequentemente ao corpo humano”. E Biedermann (1994) complementa que os sonhos importantes relacionam à casa por antonomásia.

No caso dos sonhos das crianças participantes da pesquisa, esses atributos estão referidos em dois aspectos principais: a casa pode ser a própria criança, o seu próprio ego em desenvolvimento, que em vários momentos vê-se ameaçado pelos dinamismos próprios da sua vida interna e externa. Em outro sentido, o que está contido dentro de casa é considerado como referência ao mundo matriarcal, no sentido protetivo e cuidador. A casa sendo destruída, também, pode representar a condição que toda a criança precisa administrar: romper com o mundo indiferenciado da qual está segura para promover sua autonomia.

Quanto ao dinamismo matriarcal encontramos que “os místicos consideraram tradicionalmente o elemento feminino do universo como arca, casa ou muro; também como jardim fechado” (CIRLOT, 1984, p.141). “A casa é também um símbolo feminino, com o sentido de refúgio, de mãe, de proteção, de seio maternal” (CHEVALIER, 2009, p.197). Certamente, aponta Biedermann (1994, p.76) sabe-se que “a psicologia freudiana associou o símbolo da casa à mulher, à mãe e precisamente em um sentido sexual associado ao nascimento” e, “faz também parte da natureza da casa ser mais feminino-maternal do que masculina”. Isto justificaria a maior menção ao interior da casa por parte das participantes da pesquisa.

A menção à casa é maior no grupo B, possivelmente mais ameaçada pelos fatores interiores que habitam, simbolicamente, na psique infantil. As menções aos

locais exteriores à casa são menores nesse grupo. Por exemplo, observamos no seguinte sonho, de um sujeito do sexo feminino do grupo B:

Figura 15: Desenho do sonho sujeito #Nt



“Sonhei que minha casa foi desmanchada e eu morri”

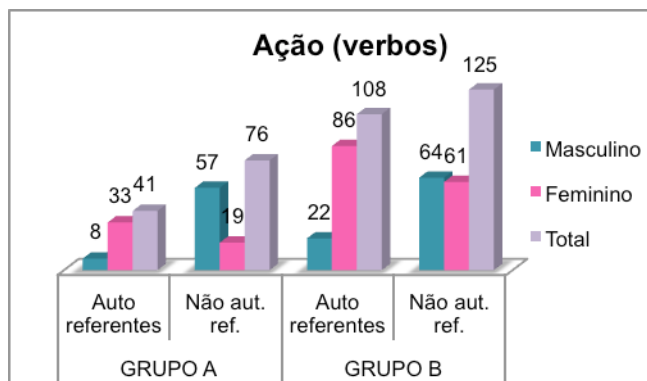
[Grupo B, sexo feminino]

A interpretação mais próxima do que o sonhador expõe com esse relato somente seria possível com maiores associações. Em linhas gerais, parece apontar para algo que precisa morrer para que algo novo nasça, ou para um perigo eminente no lar ou na relação dos pais ou, ainda, de conflitos com seu próprio crescimento que a forçam gradativamente a abandoná-la.

7.2.7. Ação

A categoria “ação” identifica, pela observação dos verbos utilizados, situações autorreferentes e não autorreferentes. A ocorrência está descrita no próximo gráfico.

Gráfico 4 : Distribuição do elemento “Ação” em categorias, por sexo, e em número de ocorrência em produções válidas considerando o relato.



No grupo A percebe-se a preponderância de verbos não autorreferentes. Os verbos em primeira pessoa ocorrem em menor número. Dos verbos autorreferentes destacam-se “(eu) estava e (eu) era”. Nos verbos não autorreferentes “estava” é o mais citado. No grupo A o sexo masculino possui uma variedade maior de verbos não autorreferentes; no sexo feminino a discrepância entre as categorias é menor quanto aos tipos de verbos, entretanto a ocorrência de verbos autorreferentes em número de citação é maior.

No Grupo B há maior variedade de verbos e maior multiplicidade de ações. Há maior demanda de verbos autorreferentes em relação ao grupo A. No sexo masculino há maior ocorrência e variedade de verbos não autorreferentes em comparação com os verbos autorreferentes. Em comparação ao grupo A os verbos autorreferentes, no sexo masculino, denotam maior ocorrência. No sexo feminino a variedade entre as categorias de verbos é igualável, entretanto a menção de verbos autorreferentes é maior (86X61 ocorrências). O verbo mais citado no grupo B, em todas as categorias e sexos, é “estava”. Os demais verbos mais citados são: jogar, (eu) dormindo, saindo.

As crianças de maior idade possuem maior domínio da linguagem e de sua estrutura, portanto, obtém um discurso mais rico e abrangente. Cumpre salientar que o fato justifica-se pela maior capacidade da criança em protagonizar suas ações, ou seja, há um ego mais fortalecido e atuante. A centralização das ações descritas nos sonhos em torno do sonhador o qualifica como um sujeito que está aprendendo a controlar seu

ambiente e que pode interferir nele. Possivelmente, a variação observada entre os grupos refira-se a essa dinâmica, inclusive.

Nas pesquisas citadas por Murray (1995) a passividade dos personagens nos sonhos dos meninos mais jovens, uma característica que parece coerente com a sua idade, apareceu com menos frequência nos sonhos de meninos mais velhos, cujas ações podem ter sido mais autodirigidas na realidade concreta. Ainda afirma que crianças de 5 a 6 anos de idade relatam o dobro de sonhos que crianças mais novas, e seu papel nos sonhos torna-se mais ativo.

Essa atividade é corroborada pela literatura:

a emergência da consciência humana, como Jung a vê – o modo pelo qual ele a conecta com o complexo do ego – corresponde mais ou menos à forma organizacional do senso de self verbal, junto com sua concomitante e crescente capacidade de fazer de uma pessoa o objeto da sua própria observação e julgamento (JACOBY, 2010, p.263-4).

A condição autobiográfica do ser desenvolve-se na interação com o outro. A crescente diferenciação do ego e do não ego exige que sejam separados os conteúdos autônomos da psique, e que o sujeito estruture-se em torno de um sentido, de uma narrativa coerente.

Damásio (2011) afirma que as primeiras sensações corporais, organizadas a partir de uma tendência de representação central, ligar-se-ão em um todo coerente, formando a base para um discurso autobiográfico. O mesmo afirma que a mente tem a necessidade de criar um protagonista ao qual são conectados os conteúdos mentais para produzir o que pode ser entendido por subjetividade.

A maneira como, principalmente, a mãe interage com seu filho o ajuda a nominar o que ele sente, auxiliando-o a formar redes de significado. Assim, palavras poderão ser, como entende Cozolino (2010), pareadas com os sentimentos, estimulando a integração das redes neurais, na interação com o outro humano. Aos quatro anos a criança passa a ter mais condição de aglomerar várias representações de si-mesma e do mundo, apresentando uma narrativa que a descreva, nominando suas emoções, compreensões e sentimentos, bem como todos os fatos atrelados à sua história. Corroborando com essa afirmação, Knox (2011) salienta que a criança vivencia sua autoria antes que a teoria da mente desenvolva-se, a partir dos três anos de idade.

Isso significa que aos quatro anos a capacidade de compreender que o outro pensa e tem intenções, assim com a si próprio, está presente, favorecendo a comunicação. Falar em primeira pessoa passa a ser uma conduta importante impregnada na construção das narrativas.

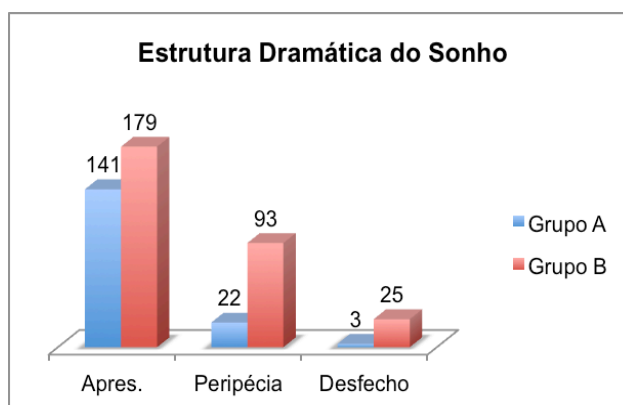
Baseando-se em Baron-Cohen (2004) podemos afirmar que a menina terá uma maior facilidade inicial em protagonizar seus enredos devido a qualidade empática do seu funcionamento cerebral, que se fundamenta na interação social. Isto é observado na maior quantidade de ações autorreferentes observadas nas produções oníricas das mesmas.

O relatar das peripécias internas supõe um constante trabalho de adaptação e de resolução das demandas próprias do desenvolvimento. O nascimento do herói qualifica a criança a se sentir autorizada em viver por sua própria condição de construir e partilhar seus próprios significados, além de admitir e integrar o que é convencionado socialmente.

7.3. Evolução da estrutura dramática do sonho

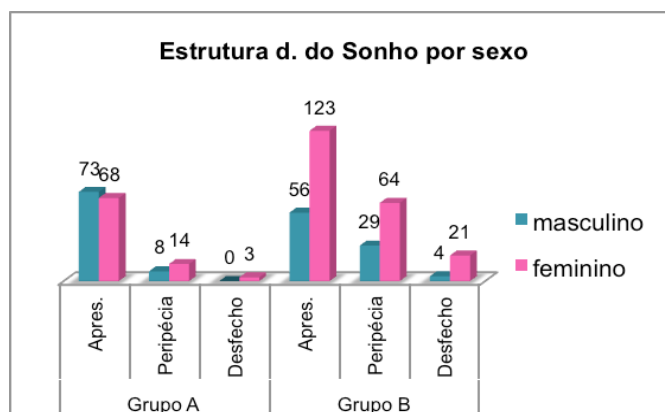
O primeiro gráfico fornece o número de ocorrência das partes do sonho – apresentação, peripécia e desfecho.

Gráfico 5: Estrutura dramática do sonho distribuídas em categorias, por grupo, e em número de ocorrência em produções considerando o relato



Um dos critérios para avaliar a evolução está ligado ao aparecimento de fases posteriores à apresentação na estrutura dramática do sonho. Sonhos que envolvem peripécia e desfecho são mais abrangentes e denotam mais recursos do sonhador. Observa-se que, para o grupo A, a apresentação é predominante, com número inferior da segunda (peripécia) e, com acentuada diminuição da terceira fase (desfecho). Para o grupo B, apesar do maior número de produções válidas, é relevante o aumento da segunda fase (peripécia) e da terceira fase (desfecho). É possível que com maior idade as crianças tenham mais domínio da linguagem e maior criatividade que, aliados aos dinamismos psíquicos, produzam relatos mais abrangentes e complexos. A seguir, os mesmos dados serão especificados por sexo.

Gráfico 6: Estrutura dramática do sonho distribuídas em categorias, por grupo e sexo, e em número de ocorrência em produções considerando o relato



No grupo A a homogeneidade entre os sexos é maior que no grupo B. Este grupo possui maiores discrepâncias entre os valores pois há mais participantes do sexo feminino (10X19). De qualquer forma, mesmo considerando este dado, as participantes do grupo B obtiveram maior quantidade desfecho. Se for considerada a proporcionalidade em relação ao número de participantes, o item peripécia do grupo B é praticamente homogêneo. As meninas parecem ter maior capacidade de relacionar-se com os produtos oníricos, dando mais desfechos que os meninos da mesma idade.

Como observado, no grupo A, poucos sonhos obtiveram as três partes que atribuímos ao sonho. O primeiro sonho que será exposto a seguir contém, como a maioria, apenas a primeira parte:

Figura 16: Desenho do sonho sujeito #V



Apresentação: “Sonhei com a árvore e o lobo mal, com uma onça e com um urso”.

Peripécia: nulo.

Desfecho: nulo.

[Grupo A, sexo masculino]

O segundo sonho contém duas partes: a apresentação e a peripécia.

Figura 17: Desenho do sonho sujeito #G



Apresentação: “Eu sonhei que a fadinha queria um monte de coração”

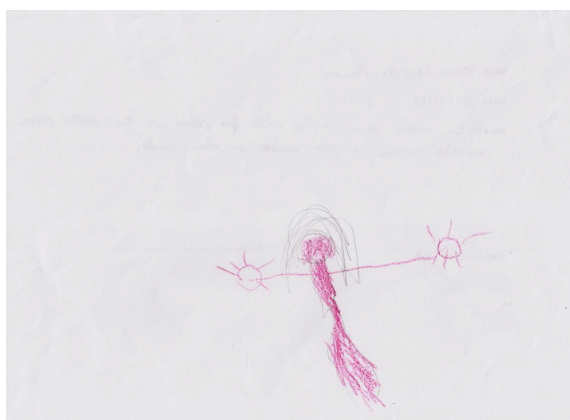
Peripécia: “*ai a cobra quis morder a fadinha*”.

Desfecho: *nulo*.

[Grupo A, sexo feminino]

O terceiro sonho contém as três partes:

Figura 18: Desenho do sonho sujeito #Md



Apresentação: *Eu sonhei que a minha mãe foi presa*

Peripécia: *eu contei pra minha nona*

Desfecho: *salvei a minha mãe.*

[Grupo A, sexo feminino]

O grupo B possui relatos mais ricos, no sentido de enumeração de elementos e amplitude de enredo. O aumento nas fases de peripécia e desfecho é percebido e em proporção superior ao grupo A.

O primeiro sonho contém apenas a primeira fase do sonho, a apresentação:

Figura 19: Desenho do sonho sujeito #En



Apresentação: “Sonhei que estava na praia e tinha um X, também tinha um fantasma e um baú do tesouro. Tinha sol”.

Peripécia: nulo.

Desfecho: nulo.

[Grupo B, sexo masculino]

A seguir são apresentados dois sonhos, ambos com as duas primeiras partes (apresentação e peripécia).

Figura 20: Desenho do sonho sujeito #Vt



Apresentação: Sonhei com um dragão

Peripécia: ele me mordeu e me levou pro lago monstro e tinha uma caverna.

Desfecho: nulo.

[Grupo B, sexo masculino]

Figura 21: Desenho do sonho sujeito #Th



Apresentação: Eu era pequenininho, e tinha um gatinho bem peludinho.

Peripécia: Outra vez veio uma mulher que iluminou o caminho, pois estava muito escuro. Depois o sol fez nós ficarmos grandes, veio um anjo do céu e fez uma torre de casa. Depois veio uma coisa que era uma coisa redonda cheia de agulhinhas e um quadrado.

Desfecho: nulo.

[Grupo B, sexo masculino]

Esses dois sonhos exemplificam o conteúdo observado no grupo. Alguns sonhos, apesar de conterem duas fases, eram mais curtos, com menos elementos. Outros, como é o caso do segundo sonho apresentado nessa categoria, condensavam uma quantidade grande de elementos com um enredo de maior amplitude. A seguir são apresentados três sonhos, cujas partes estão todas presentes.

Figura 22: Desenho do sonho sujeito #BdR



Apresentação: Sonhei que minha mãe estava me chamando para tomar sopinha e eu queria ficar na cama elástica.

Peripécia: minha mãe ficou brava e foi embora.

Desfecho: eu fiquei chorando.

[Grupo B, sexo feminino]

Figura 23: Desenho do sonho sujeito #VdL



Apresentação: Sonhei que eu estava no meu quarto, brincando com a boneca

Peripécia: vi uma borboleta, peguei ela no dedo e dei um beijo

Desfecho: ela voou de novo.

[Grupo B, sexo feminino]

Figura 24: Desenho do sonho sujeito #VdL



Apresentação: Sonhei que eu mudei de casa

Peripécia: fui dormir

Desfecho: a casa desabou.

[Grupo B, sexo masculino]

Percebe-se nestes três sonhos apresentados que os desfechos são geralmente simples, porém pontuais. O segundo não faz referência a algo ruim, mas comum. Diferentemente, nos outros dois os desfechos são associados às situações menos satisfatórias, como uma situação conflitante e a casa que desaba. Os desfechos observados, em sua maioria, aludem a um fim semelhante ao dos dois últimos sonhos descritos.

Murray (1995), a partir de pesquisas, confirma que o conteúdo do sonho também mudou com a idade, na medida em que os seus sonhos foram histórias ao invés de descrições estáticas, e os sonhos aludem ao funcionamento de um mundo muito semelhante ao modelo do mundo real. Personagens realizam ações, possuem metas a alcançar. Entretanto, ele não observou diferenças substanciais entre os sexos.

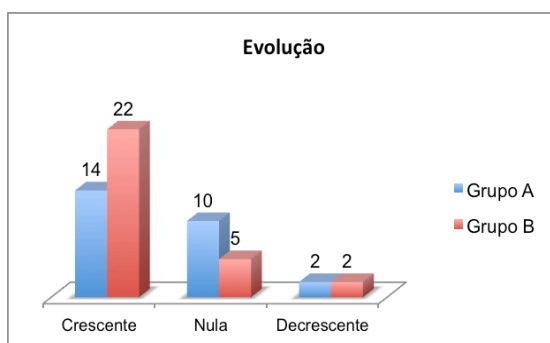
Para Tomazella (1984) as meninas sonharam mais com temas que evocavam mais a satisfação de desejos, já o sonho dos meninos remetia mais a situações de

aventura. Para Fillus (2010) é marcante nos dados recolhidos que a identificação com o sexo e a atitude ligada ao mesmo é altamente observada. Para os meninos a ação dos heróis nas batalhas teve maior importância, enquanto para as meninas os animais foram os mais citados. Desse contexto da pesquisa foi possível supor que as meninas enfrentam suas adversidades de forma diferenciada e menos direta, utilizando-se da beleza, graciosidades, sedução, engenhosidade, inteligência e coragem, o que lhes conferem um certo grau de poder.

Mais uma vez é importante ressaltar o caráter de regulação psíquica que o sonho traz. É percebido, nos relatos dos sonhos das crianças, que há um constante processamento de conteúdos e emoções, de noções de si mesma, do mundo, das relações e de seus padrões de interação. Wilkinson (2006) relata que neurocientistas indicam, de acordo com observações de ativações de áreas relativas ao sistema límbico e amígdala, que o sono REM tem um papel importante no processamento de emoções. Esta constatação somente reforça o que os analistas junguianos já sabiam: de que os sonhos são o veículo para o tratamento dos estados emocionais do ser, particularmente o medo, raiva, ansiedade ou euforia. O sonho não é um disfarce, mas uma constatação.

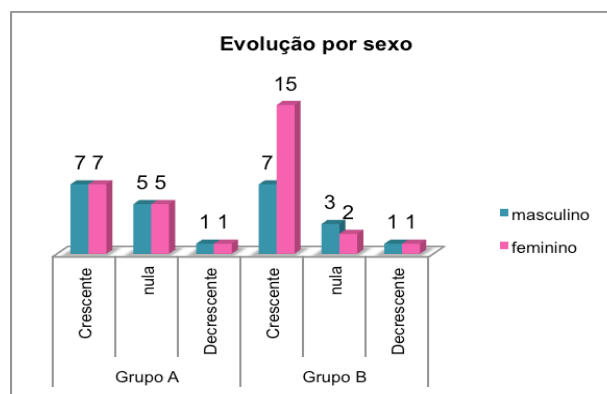
O próximo gráfico trata destes critérios para avaliar a complexidade. O valor apresentado é determinado pelo número de séries. Considera-se “série” as produções válidas para cada sujeito, organizadas cronologicamente.

Gráfico 7: Categorias de evolução do sonho em número de séries, por grupo, considerando o relato.



Percebe-se que a evolução crescente é mais observada no grupo B e sua a evolução nula é menor que no outro grupo. Na evolução do grupo A percebe-se uma variação menor entre a evolução crescente e nula, além dos valores serem menores em relação ao grupo B. A evolução decrescente pode ser considerada menor no grupo B. Com esses dados é possível afirmar que a atividade dos sonhos intensificou a capacidade de relatar o sonho nos participantes, pois, mesmo com a diferença de idade, foi possível observar um crescimento nos dois grupos. O próximo gráfico ampliará esta análise:

Gráfico 8: Categorias de evolução do sonho em número de séries, por grupo e sexo, considerando o relato.

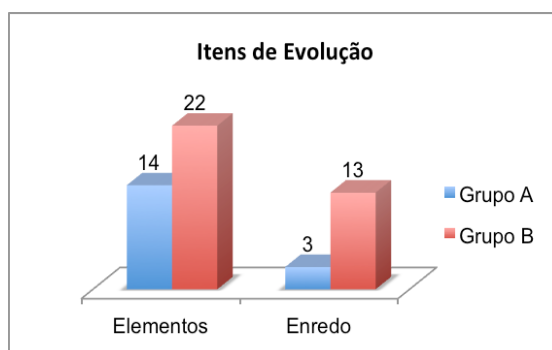


Para os dois grupos houve evolução considerável, mantendo a evolução decrescente em número baixo e em igualdade de valor para ambos os sexos. No grupo A, a homogeneidade entre os itens é mais facilmente notada. No grupo B, apesar da evolução crescente mais evidenciada no sexo feminino, há que se considerar que há mais participantes do sexo feminino neste grupo, o que deixa os valores praticamente iguais. O mais evidente é que há maior número de evoluções nulas no sexo masculino, se considerarmos a proporcionalidade. Portanto, não há diferenças importantes entre os sexos na evolução do produto onírico, tanto meninos quanto meninas evoluíram praticamente do mesmo modo em ambos os grupos. Nota-se que o exercício sequencial da atividade da “oficina dos sonhos” colaborou para uma melhor expressão do relato onírico.

Para Murray (1995) a relativamente maior maturidade cognitiva das crianças foi associada com os sonhos mais extensos e mais frequentes. Isso coaduna com a noção de que os sonhos revelam sobre o estado real da psique do indivíduo. Wilkinson (2006, P.46-47) afirma que a atitude de Jung mostra notável compatibilidade com o entendimento atual da neuropsicologia do processo. “Ele entendeu claramente que os sonhos não mentem, mas comunicam a verdade emocional como ela é: tal visão é confirmada pela mais recente pesquisa em neurociência”.

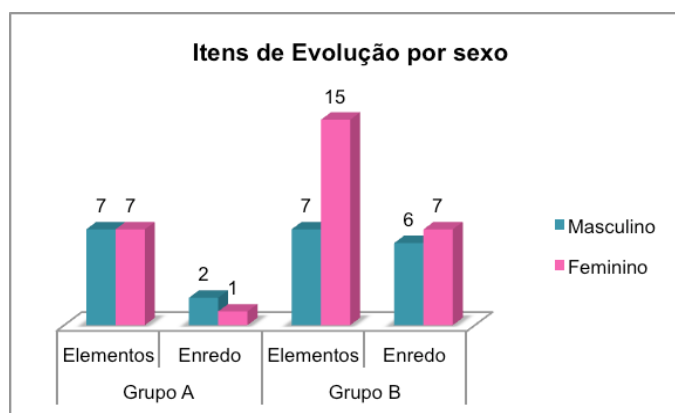
O próximo gráfico explicita os itens que foram observados para que se tornasse possível a análise acima apresentada (evolução crescente, nula e decrescente).

Gráfico 9: Itens de evolução distribuídos em categorias, por grupo, e em número séries.



O item “elementos” destaca-se em ambos os grupos e a maioria das evoluções crescentes observadas foram possíveis pela sua ampliação. É válido considerar que em uma série ambos os itens poderiam ser observados, portanto, no grupo B os sonhos evoluíram mais pela conjunção dos dois itens mencionados (elementos + enredo) em relação ao grupo A. Nota-se que as ampliações de enredo, com maior ação por parte do sonhador e a inclusão e ações de terceiros (observada pelos verbos) são mais proeminentes no grupo B, permanecendo o grupo A com um aprimoramento de enredo inferior. O segundo gráfico especifica os itens de evolução de acordo com o sexo.

Gráfico 10: Itens de evolução distribuídos em categorias, por grupo, e em número séries.



É possível considerar que a inclusão de elementos, resguardando a proporcionalidade do sexo dos sujeitos, que a inclusão de mais elementos no relato é homogênea para ambos os sexos e em ambos os grupos. Destaca-se que a ampliação do enredo é mais proeminente no sexo masculino no grupo A e também no grupo B, pois se considerarmos que o número de participantes do sexo feminino é maior, então o valor atribuído aos meninos quanto ao enredo é um pouco superior. Mais uma vez é possível concluir que a introdução de novos elementos no sonho, entre os sexos, é homogênea, não sendo qualitativamente diferente. Ambos evoluíram igualmente neste item. Somente no enredo, os meninos parecem ter um desempenho um pouco superior, possivelmente porque eles estão mais interessados na ação e na trama.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

*“Nada é tão nosso
quanto os nossos sonhos.”
Nietzsche*

O presente trabalho constituiu-se a partir da experiência em propiciar um meio de expressão para o universo onírico das crianças, através do desenho e do relato, com o qual foi possível observar aspectos da trajetória do desenvolvimento psicológico infantil no período de quatro a cinco anos de idade em uma determinada população. A atividade com os sonhos das crianças mostrou-se um canal eficaz para se obter dados sobre a dinâmica do inconsciente infantil, não sendo o seu conteúdo aleatoriedades, mas o registro de um ambiente interno, secreto, no qual fervilham emoções, ideias, sentimentos, dinamismos, trajetórias e aquisições. O tratamento do material simbólico do sonho, transposto em linguagem psicológica, buscou respeitar as idiossincrasias dos sujeitos, evitando generalizações forçadas e a modelagem dos resultados ao construto teórico, preservando a individualidade das produções mas, ao mesmo tempo, traçando possíveis caminhos comuns aos participantes, dentro de seus grupos e contextos.

Buscou-se, nesta produção, uma abordagem que não supervalorizasse uma linguagem restrita ao meio junguiano mas, que se estabelecesse diálogo com outras áreas do conhecimento, importantes no estudo da psicologia do desenvolvimento. Mesmo quando utilizados termos estritamente particulares, optou-se por conceitua-los de forma mais clara e precisa possível. Quanto às produções sobre o desenvolvimento infantil na psicologia analítica considera-se que esse trabalho possa contribuir para que o tema, os sonhos, frequentemente abordado para a vida adulta, seja estudado também na infância. É possível concluir que os sonhos são importantes na vida infantil e seu estudo sistematizado, além do contexto clínico, oferece contornos sobre a trajetória de desenvolvimento da psique, em uma abordagem psicológica. É necessário salientar que a produção a respeito do desenvolvimento infantil na abordagem teórica, da qual se fundamenta essa pesquisa, não é ampla, o que motiva e justifica a produção acadêmica na área. Observa-se, também, que os paralelos entre a psicologia analítica e as neurociências são profícuos para o estudo do tema, além de promover uma

comunicação mais objetivada com os segmentos que interagem com a criança; houve uma tentativa em esboçar essa tendência na presente produção.

Compreendeu-se que os arquétipos são formas elementares de organização psíquica e que desde o início da vida estão presentes. São uma espécie de catalisadores que organizam a experiência do sujeito desde o nascimento. A preocupação não foi buscar uma legitimação dos conceitos clássicos da psicologia de C. G. Jung, mas promover uma discussão a respeito do conceito de arquétipo com base em autores pós-junguianos, com o objetivo de que o método da pesquisa fosse válido, bem como não reforçasse conceituações estreitamente abstratas e não empiricamente observáveis. O conceito de arquétipo é uma abstração, um construto teórico, porém as manifestações de cunho arquetípico não são, exclusivamente, teóricas ou inacessíveis. Estas, as manifestações, são observáveis no material simbólico advindo do relato onírico, na forma como a criança expõe seu fantasiar, nos elementos, na qualidade da sua capacidade de compreensão e elaboração primaveril. No que se refere à imagem é válido justificar que ela não corresponde apenas a uma figuração observável visualmente em um trabalho gráfico, como o desenho. Portanto, o relato é a descrição de uma imagem interna que a criança contou a partir da representação gráfica. Os desenhos não foram analisados neste trabalho pelo fato de que o foco da análise foi, por conveniência, o relato. Apenas em um item, natureza, o desenho foi usado, pois a quantidade de referências aos elementos expressos graficamente chamou a atenção. O desenho, certamente, é passível de análise e, no que tange a essa pesquisa, será um adendo publicado posteriormente.

Falar em desenvolvimento do ego foi a tarefa central, cujo título da dissertação deixa claro. Considerando que o ego advém da possibilidade arquetípica que o ser humano tem de formá-lo, e do trato com outras instâncias também arquetípicas que estão presentes em sua constituição, optou-se por observar nos relatos dos sonhos evidências dessas imagens, pois o arquétipo não é observável diretamente.

O material obtido e sua análise, quanto à presença dos elementos oníricos, possibilitou concluir que as crianças pesquisadas estão em um processo de transformação da relação com as figuras parentais. O elemento mãe, para os participantes de menor idade, tem a tendência de simbolizar a contenção psíquica, ou

seja, a menção ao outro que contém, protege e alimenta. Nas crianças de maior idade, a mãe aparece com elementos opositores, importantes para que haja uma separação entre a criança e esse outro. Em um nível arquetípico poderia ser considerado que o arquétipo materno começa a perder força como elemento de contenção, passando a apresentar aspectos dúbios decorrentes, também, da ligação com a mãe concreta.

A figura do pai não é citada como um elemento que representa a lei estrita, porém, a análise dos relatos possibilitou verificar que essa é uma figura em possível ascensão na vida da criança. Estima-se que o arquétipo do pai passará a vigorar de forma mais presente após os cinco anos de idade, correspondendo à relação do sujeito com o mundo mais concreto e menos benevolente, instaurado na lei e nas responsabilidades, na construção de modelos e na aquisição de conhecimento e habilidades.

O arquétipo fraterno aparece com uma importante tarefa no auxílio da criança para que ela possa expandir seus relacionamentos e iniciar uma diferenciação psíquica das figuras parentais. De quatro para cinco anos foi observado uma crescente importância das relações fraternais, fato que substituirá a contenção e a autorização parental, culminada, posteriormente, na adolescência.

Portanto, os sistemas arquetípicos, formados na ontogênese do desenvolvimento, colaboram para que o sujeito possa ser alimentado, autorizado e emancipado dos pais. Esses três arquétipos, como organizadores básicos, são preenchidos com as experiências individuais dos sujeitos. As imagens que eles apresentam não nasceram com as crianças, mas foram organizadas em sistemas arquetípicos a partir do ambiente. Suas particularidades na vida do sujeito individual e a análise das formações dos complexos não foram o alvo desse estudo, com exceção do que podemos também chamar complexo do ego.

Apesar da influência arquetípica citada, o advento do ego e da consciência, bem como a centralidade, o enlaçamento e a aglomeração coerente dos conteúdos psíquicos conscientes, pauta-se no arquétipo do herói. Na infância há o nascimento do herói, do ego, que pode ser observado nas produções coletadas e está representado de forma difusa no que se denomina “espectro do herói”. Por este termo compreende-se uma diversidade de aspectos psicológicos que colaboram com os primeiros

movimentos de autonomia psíquica, mas que não estão unificados em torno de um modelo heróico consolidado. Os elementos que formam o “espectro do herói” são organizados pelo arquétipo do herói e têm por função despertar recursos psíquicos importantes para que o sujeito adquira uma vida individual, com condição suficiente para ser uma pessoa inteira.

As manifestações heróicas não são apenas representadas pela descrição de heróis e batalhas, mas por uma conjunção de elementos que fazem parte de um mesmo processo. Os símbolos arquetípicos associados à dinâmica do herói remetem, psicologicamente, ao impulso à diferenciação, à estruturação de um ego, à ampliação da consciência, a legitimação da própria personalidade e a criação de recursos defensivos. Estão dentro do espectro do arquétipo do herói as formações simbólicas inconscientes observadas nas crianças que traduzem-se em imagens de amparo e diferenciação, recursos colaborativos, aspectos instintivos, imagens de enfrentamento e resistência e indicativos de individualidade.

Primeiramente, as imagens que estão ligadas ao amparo são representadas pela mãe, pelo pai, pela casa; logo, essas mesmas imagens, com o passar da idade, precisam ser diferenciadas do sujeito, como não-eu, para que a individualidade seja crescente. Isto foi observado entre a idade de quatro a cinco anos, pelos sonhos apresentados. Os irmãos e amigos são importantes para que o sujeito atravessasse as barreiras do lar e se sinta ao mesmo tempo incluído e diferente quanto aos demais.

Na trajetória do desenvolvimento as instâncias colaborativas aparecem na fantasia infantil, por exemplo na forma de fadas, como meio para lidar com os sentimentos hostis. As imagens de resistência e enfrentamento (monstro, gigante) ajudam o ego a obter maior firmeza diante dos conteúdos com os quais precisa relacionar-se, além de ajudar no processo de diferenciação entre o mundo interno e externo, obtendo recursos defensivos para lidar, inclusive, com os aspectos ansiógenos inerentes ao desenvolvimento. A imagem do herói, propriamente dito, é a personificação dos atributos heróicos, ligados a um modelo. Esta manifestação não foi majoritariamente observada nas produções dos participantes; estima-se que tais representações sejam mais frequentes a partir dos seis anos de idade. Os aspectos instintivos, as emoções básicas e os impulsos são estampados na representação dos

animais que os personificam nas suas peculiaridades. O trato desses conteúdos é importante para que o ego não se esfaça diante da força intempestiva da emoção e dos instintos mais impulsivos. Outras imagens demonstraram indícios simbólicos do nascimento da individualidade, representados pelo sol, símbolo da consciência e do ego, a árvore, chão e as flores, observados nos relatos e nos desenhos.

Portanto, vários elementos coadunam a perspectiva de um “espectro do herói” que favorece o desenvolvimento do ego e de suas funções. Entretanto, na idade estudada, enfatiza-se que é possível observar o seu nascimento e não a sua plena atividade. O arquétipo do herói foi observado nos sonhos da população estudada quanto aos seus aspectos iniciais, juntamente de outros arquétipos que condensam importantes aspectos da vida infantil.

Foram observadas diferenças no desenvolvimento entre meninos e meninas. Estas desenvolvem-se antes que aqueles, fato justificado pela condição de desenvolvimento neurobiológico atrelada ao sexo. A capacidade de se relacionar e de se comunicar é evidenciada nas meninas e, nos meninos a capacidade de objetivação concreta e variação das tramas foi presente. A identificação com os atributos esperados para cada sexo, bem como a importância em se atrelar à figura parental do sexo correspondente, foi algo importante para as crianças na idade pesquisada. Os elementos mais citados pelas meninas têm características mais relacionais e nos meninos estão mais ligados aos objetos e aventuras.

Quanto à produção onírica, esta varia de acordo com a idade por dois fatores: pelos determinantes arquetípicos (e sua composição individual) e pelo desenvolvimento cognitivo. O sonho da criança terá elementos do pensamento infantil, acompanhando suas aquisições e ampliações. As crianças observadas contaram os seus sonhos com maior facilidade do que fora esperado, sendo que as de maior idade os relataram com maior número de elementos e ampliação do enredo. O fato de contarem os seus sonhos fez com que a maioria dos participantes evoluíssem no que se refere à estrutura onírica e na complexidade dos enredos. Apesar dos sonhos das crianças, na idade pesquisada, serem relativamente simples, eles descrevem o mundo interno da criança e suas lutas que, diante de sua imaturidade, são grandes lutas.

Ego e consciência são um par inseparável e, de modo importante, foram representados no protagonismo observado nos relatos dos sonhos das crianças. As menções autorreferentes aumentaram na idade de cinco anos, o que sugere um ego com crescente capacidade de ser o centro da consciência. O herói, no microcosmo infantil, é ainda uma criança, buscando explorar e conhecer o mundo externo e a si mesmo, localizando-se quanto ao que lhe é interno: seus sentimentos, suas compreensões, seu entendimento e seus traços de personalidade. O herói infantil que é citado possui lutas que lhe são legítimas, pois para uma criança enfrentar seu medo ela precisa de recursos, de auxílios e de sua própria personalidade.

Vale considerar que o Self como princípio organizador da personalidade colabora para que um todo coerente seja formado. Simbolicamente, como um deus diante do herói o mesmo auxilia na constituição da individualidade. O Self, neste sentido, forneceria os elementos diante dos quais o ego confrontar-se-á. Representando os aspectos mais inconscientes atuará como princípio ordenador que englobará a totalidade dos fenômenos na psique. O herói certamente está mais para a consciência e o Self para o sistema completo: o que é consciente e inconsciente.

Por fim, a tentativa em estudar sonhos infantis por um método interventivo foi interessante. Considera-se que foi possível observar a criança em seu universo mais secreto, noturno, ou fantasioso, o que eticamente exige respeito. O nascimento do herói, demonstrado nesse trabalho, é um modelo de raciocínio que possui um sentido na psicologia analítica. Tantas outras abordagens o podem descrever de variadas e diferentes formas. Importante mesmo é considerar a infância como um ambiente fundamental ao desenvolvimento da vida humana saudável. A apreensão inicial na coleta dos sonhos foi suplantada pelo carinho recebido em cada data de aplicação da atividade. Assim, mesmo adultos, lembremo-nos da nossa própria condição de criança, ainda viva, atuante e criativa. Que esta dissertação não sirva apenas para conhecimento acadêmico mas para que, empaticamente, olhemos para a criança, da qual brota a vida por vir e nos desinstala de nossa exasperante condição de amadurecidos.

9. REFERÊNCIAS

ABLON, Steven L.; MARK, John E. Children's Dreams Reconsidered. **The Psychoanalytic Study of the Child**. n. 35, p.179-217, 1980.

AMMANN, Ruth. **A terapia do jogo de areia**: imagens que curam a alma e desenvolvem a personalidade. 2º ed. São Paulo: Paulus, 2004. (coleção amor e psique).

BARCELLOS, Gustavo. **Vôos e raízes**. São Paulo: Ágora, 2006a.

_____. **O irmão: Psicologia do Arquétipo Fraternal**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. Psicopatologia das relações simétricas. In: Anais do IV **Congresso Latino Americano de Psicologia Junguiana**, 2006, p. 41-48.

BARON-COHEN, Simon. **Diferença Essencial**: a verdade sobre o cérebro de homens e mulheres. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

BERNARDINO, Leda M. F. O trabalho com sonhos na clínica das psicoses não decididas da infância. **Estilos da Clínica**. n.16(1), 66-95, 2011.

BIEDERMANN, Hans. **Dicionário ilustrado de símbolos**: com mais de 700 ilustrações. São Paulo: Melhoramentos, 1994.

BILOTTA, Fernanda A. **Heroínas: da submissão à ação**, uma análise junguiana dos personagens dos filmes de animação. Dissertação de Mestrado PUC-SP, 2010.

BONAVENTURE, Jette. **O que conta o conto?**. São Paulo: Paulinas, 1992.

BOSNAK, Robert. **Breve curso sobre sonhos**: técnica junguiana para trabalhar com os sonhos. 4ªed. São Paulo: Paulus, 2006. (coleção amor e psique).

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 5.ed, 1993, 3 v.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill D.; FLOWERS, Betty S. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

_____. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1993.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 14. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2009.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de Símbolos**. Editora Moraes: São Paulo, 1984.

COLMAN, Arthur d.; COLMAN, Libby Lee. **O pai**: mitologia e papéis em mutação. São Paulo: Cultrix, 1990.

COZOLINO, L. **The neuroscience of psychotherapy**. Healing the social brain. New York: Norton, 2010.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed., rev. e atual. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DAMÁSIO, Antonio. **E O Cérebro Criou O Homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **O mistério da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

De Francisco, Don. The Child Dream and the Child Transference. **Jounal American Psychoanalitic Assn.**, n. 34(1), p. 93-121, 1986.

DOWNING, Christine. Irmãs e irmãos lançando sombras (cap.12) in: ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah. **Ao encontro da sombra: o potencial oculto ao lado da natureza humana**. São Paulo: Cultrix, 1994.

EDINGER, Edward. **The creation of consciousness**. Toronto: Inner City Books, 1984.

EISER, Alan S. Psysiology and Psychology of Dreams. **Seminars in Neurology**. n. 25(1), p.97-105, 2005.

FARIA, Durval .L. **O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2003.

FELDMANN, Brian. A skin for the imaginal. **Journal of Analytical Psychology**, n.49, p. 285-311, 2004.

_____. The lost steps of infancy: symbolization, analytic process, and the growth of the self. **Journal of Analytical Psychology**, n.47, p. 397-406, 2002.

FILLUS, Michel A. **O universo onírico infantil**. Monografia (Especialização em Psicologia Analítica), Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2010.

FORDHAM, Michael. **A criança como indivíduo**. São Paulo: Cultrix, 2000.

FRANÇA, Cassandra. P. Não foi nada disso o meu sonho! **Psychê**. n.4, 39-52, 1999.

FURTH, Gregg M. **O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte**. 2º ed. São Paulo: Paulus, 2006. (coleção amor e psique).

GAMBINI, Roberto. Sonhos na escola in: SCOZ, Beatriz. **(Por) Uma educação com alma**: a objetividade e a subjetividade nos processos de ensino/aprendizagem. 2ed. São Paulo: Vozes, 2000.

GROTJAHN, M. (1993). Dream observations in a two-year-four-months-old baby in: PROVEDEL, Daniela; PRISZKULNIK, Léia. Freud e os sonhos de criança. **Estilos da Clínica**. V. XIII, n.25, 232-349, 2008.

HARK, Helmut. **Léxico dos conceitos junguianos fundamentais**: a partir dos originais de C. G. Jung. São Paulo: Loyola, 2000.

HARTRUP, W. W.; STEVENS, N. Friendships and adaptation across the life span. **Current directions in psychological science**, v. 8, n. 3, p. 76-79, 1999.

HENDERSON, Joseph L. Os mitos antigos e o homem moderno. In: JUNG, Carl Gustav et al. **O Homem e seus símbolos**. 2a ed especial brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

HOLLIS, James. **Rastreado os deuses**: o lugar do mito na vida moderna. São Paulo: Paulus 1998.

JACOBY, Mario. **Psicoterapia junguiana e a pesquisa contemporânea com crianças**. São Paulo: Paulus, 2010.

JAFFÉ, Aniela. O simbolismo nas artes plásticas. In: JUNG, Carl Gustav et al. **O Homem e seus símbolos**. 2a ed especial brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JOÃO e Maria. [Erechim]: Edelbra, [19--].

JOHNSON, Robert A. **A chave do reino interior**. São Paulo: Mercuryo, 1989.

JULIEN, Nadia. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Rideel, 1993.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2009b. 410 p. (Obras completas de C. G. Jung ; v.8/2).

_____ **Ab-reação, análise dos sonhos, transferência**. 6ªed. Petrópolis: Vozes, 2008 (C). 219p. (Obras completas de C.G. Jung: v. 16/2).

_____ **Aion**: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 317 p. (Obras completas de C.G. Jung: v.9/2).

_____ **Freud e a psicanálise**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990. xi, 351 p. (Obras completas de C. G. Jung ; v.4).

_____ **O desenvolvimento da personalidade**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008 (B). 223 p. (Obras completas de C. G. Jung ; v.17).

_____ **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1996. v.2 (Obras completas de C. G. Jung ; v.7/2).

_____ **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 447 p. (Obras completas de C. G. Jung ; v. 9/1).

_____ **Símbolos da transformação**: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008a. xxii, 544 p. (Obras completas de C. G. Jung ; v.5).

_____ **Tipos psicológicos**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009a. 558 p. (Obras completas de C. G. Jung ; v. 6).

_____. **Seminários sobre sonhos de crianças:** sobre o método da interpretação dos sonhos; interpretação psicológica de sonhos de crianças. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **Estudos alquímicos.** Petrópolis: Vozes, 2002. 422 p. (Obras completas de C. G. Jung v. 13).

_____. **Psicologia do inconsciente.** 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2008 (D). 160 p. (Obras completas de C. G. Jung ; 7/1).

_____. **Psicologia e alquimia.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009c. 566 p. (Obras completas de C. G. Jung ; v. 12).

KARUSH, R. K. The use dream analysis in the treatment of a nine-year-old obsessional boy. **The Psychoanalytic Study of the Child.** n.53, p.199-211, 1998.

KAST, Verena. **Pais e filhas, mãe e filhos:** caminhos para a auto-identidade a partir dos complexos materno e paterno. São Paulo: Loyola, 1997.

KLUGER, Rivkah Schärf. **O significado arquetípico do Gilgamesh:** um moderno herói antigo. São Paulo: Paulus 1999. (Coleção amor e psique).

KNOX, Jean. **Self-Agency in Psychotherapy.** New York: ed. W.W. Norton & Co., 2011.

_____. **Archetype, Attachment, Analysis.** Jungianchology and the emergent mind. London: Routledge, 2003.

_____. From archetypes to reflective function. **Journal of Analytical Psychology**, n.49, p. 1–19, 2004.

LEMPEN, Olivia; MIDGLEY, Nick. Exploring the role Children's Dreams in Psychoanalytical practice today: a pilot study. **The Psychoanalytic Study of the Child**. n. 61, p.228-253, 2006.

LEXIKON, Herder. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Cultrix, [19--].

LICHTENBERG, J. D. LANCHMANN, F. M. FOSSHAGE, J. L. **Self and motivational systems**: toward a theory of psychoanalytic technique. Vol.13, Hillsdale, NJ, England: Analytic Press, 1992.

LIMA FILHO, Alberto. **O pai e a psique**. São Paulo: Paulus, 2002.

LURKER, Manfred. **Dicionário de Simbologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LYARD, Denyse. **Les analyses d'enfants**: une clinique jungienne. Paris: Albin Michel, 1998.

MARQUES, Gustavo O. **Modelos heróicos no desenvolvimento infantil e adolescente**: uma compreensão junguiana. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Programa de Estudos pós-graduados em Psicologia Clínica, Núcleo de Estudos Junguianos, da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.

MATURANA, Humberto R. **Da biologia à psicologia**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas: 1998.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. 6. ed. São Paulo: Palas Athena, 2007.

MEIER, Carl A. **Sonho e ritual de cura**: incubação antiga e psicoterapia moderna. São Paulo: Paulus, 1999. (coleção amor e psique).

MURDOCK, Maureen. **A filha do herói: mito, história e amor paterno.** São Paulo: Summus, 1998.

MURRAY, John B. Children's Dreams. **Journal of Genetic Psychology.** n. 156.3, p.303, 1995.

NEUMANN, Erich. **A grande mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente.** 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. **A criança: estrutura e dinâmica da personalidade em desenvolvimento desde o início de sua formação.** 2ªed. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. **A história da origem da consciência.** 5ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

OS TRÊS porquinhos. [Blumenau]: Brasileitura, [19--].

PENNA, Eloisa Marques Damasco. **Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica.** 2009.

PIERI, Paolo Francesco. **Dicionário junguiano.** São Paulo: Paulus, 2002.

PROVEDEL, Daniela; PRISZKULNIK, Léia. Freud e os sonhos de criança. **Estilos da Clínica.** V. XIII, n.25, 232-349, 2008.

RAMOS, Denise Gimenez. **Os animais e a psique: do simbolismo à consciência.** São Paulo: Palas Athenas, 1999.

RIOS, Ana M.G. **Um estudo junguiano sobre a imagem de Deus na infância dentro da tradição cristã.** Dissertação de Mestrado PUC-SP, 2008.

RONECKER, Jean-Paul. **O simbolismo animal**: mitos, crenças, lendas, arquétipos, folclore, imaginário. São Paulo: Paulus, 1997.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SAIZ, Mario E. AMEZAGA, Pilar. **Psiconeurociencia: Arquetipos y Psicopatología in Psicopatología psicodinámica simbólica-arquetípica: una perspectiva junguiana de integracion en psicopatologia y clínica analítica**. Montivideo: Prensa Médica Latinoamericana, 2008.

_____ **Psiconeurociencia y arquetipos – Construyendo un diálogo entre Psicología Analítica e Neurociência. Psicologia USP**, n. 16(3), p. 95-117, 2005.

SAMUELS, Andrew. **Jung e os pós-jungianos**. Rio de Janeiro: Imago, 1989. (Coleção psicologia psicanalítica).

SANFORD, John A. **Os sonhos e a cura da Alma**. São Paulo: Paulinas, 1991.

SCHREDL M; PALLMER, R. Nightmares in children. **Prax Kinderpsychol Kinderpsychiatr**; n.46, p.36-56, 1997.

SHAMDASANI, Sonu. **Jung e a construção da psicologia moderna: o sonho de uma ciência**. São Paulo: Ideias e letras, 2005.

SILVEIRA, Nise. **Jung: vida e obra**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1997.

SOUZA, Carolina Luz. **Um olhar junguiano sobre as relações de amizade masculinas na atualidade**. Dissertação de mestrado PUC-SP, 2010.

SPITZ, René A. **O primeiro ano de vida**: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

STEIN, Murray. **Jung o mapa da alma**: uma introdução. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

STERN, Daniel N. **A constelação da maternidade**: o panorama da psicoterapia pais/bebê. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

TOMAZELLA, Lourdes S. **Levantamento de características do conteúdo em sonhos de crianças de seis anos de idade**. Dissertação de Mestrado USP. São Paulo: 1984.

VON FRANZ, Marie-Louise. **Psicoterapia**. São Paulo: Paulus, 1999. (coleção amor e psique).

_____. **A individuação nos contos de fada**. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2003. (coleção amor e psique).

_____; BOA, Fraser. **O caminho dos sonhos**. 2º ed. São Paulo: cultrix, 1993.

WAHBA, Liliana L. Mano: um ensaio sobre o amor fraterno. **Junguiana**, São Paulo, v. 11, p. 10- 19, 1993.

WHITMONT, Edward C. **A busca do símbolo**: conceitos básicos de psicologia analítica. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1994. 301 p.

_____; PERERA, Silvia B. **Sonhos**: um portal para a fonte. São Paulo: Summus, 1995, 207p.

WILKINSON, Margaret. The dreaming mind-brain: a Junguian perspective. **Journal of Analytical Psychology**, n.51, p. 43-59, 2006.

ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah. Ao encontro da sombra: o potencial oculto ao lado da natureza humana. São Paulo: Cultrix, 1994.

FILMOGRAFIA

A Bela Adormecida. (Sleeping Beauty), 1959, Walt Disney Pictures. Dir. Clyde Geronimi. Walt Disney Home Video/ Abril video. (75 min.).

A Bela e a Fera. (Beauty and the Beast), 1991, Walt Disney Pictures. Dir. Gary Trousdale e Kirk Wise. Walt Disney Home Video/ Abril video. (84 min.).

A Pequena Sereia. (The Little Mermaid), 1989, Walt Disney Pictures. Dir Ron Clements / John Musker. Walt Disney Home Video/ Abril video. (83 min.).

Backyardigans. (The Backyardigans), 2004, Nelvana / Nickelodeon,

Bambi. (Bambi), 1942, Walt Disney Pictures. Dir. David Hand. Walt Disney Home Video/ Abril video. (70min.)

Ben10. (Ben10), 2007, Cartoon Network Studios. Dir. Duncan Roleau [et. al] Série. Cartoon Network Studios.

Branca de Neve e os Sete Anões. (Snow White and the Seven Dwarfs), 1937, WaltDisney Pictures. Dir.David Hand. Walt Disney Home Video/ Abril video. (83 min.).

Cinderela. (Cinderella) 1950, Walt Disney Pictures. Dir. Clyde Geronimi. Walt Disney Home Video/ Abril video. (75 min.).

Cocoricó. (Cocoricó), 1999, Núcleo infantil da TV Cultura. Dir. Arcângelo Mello / Eliana Andrade. Série. Núcleo infantil da TV Cultura. (15min.).

Era do Gelo. (Ice Age), 2002, 20th Century Fox. Dir. Carlos Saldanha e Chris Wedge.

20th Century Fox DVD. (81 min.).

Homem Aranha. (Spider Man), 2002, Columbia Pictures / Sony Pictures Entertainment. Dir. Sam Raimi. Columbia Pictures / Sony Pictures Entertainment. (121 min.).

Homem de Ferro 2. (Iron Man 2), 2010, Paramount Pictures. Dir. Jon Fraveau. Paramount Pictures DVD. (125 min.).

Madagascar. (Madagascar), 2005, Dreamworks Pictures. Dir. Eric Darnell / Ton McGrath. Dreamworks DVD. (86 min.).

Os Vingadores. (Marvel's The Avengers), 2012, Marvel Studios. Dir. Joss Whedon. Walt Disney Pictures/ Paramount Pictures. (143 min.).

Procurando Nemo. (Finding Nemo), 2003, Pixar Animation Studios. Dir. Andrew Stanton. Walt Disney Home Video. (100 min.).

Quarteto Fantástico. (Fantastic Four), 2005, 20th Century Fox / Marvel Entertainment. Dir. Tim Story. 20th Century Fox. (106 min.).

Shrek! (Shrek!), 2001, Dreamworks Pictures. Dir. Andrew Adamson e Vicky Jenson. PDI/ Dreamworks DVD. (93 min.).

Valente. (Brave), 2012, Pixar Animation Studios. Dir. Mark Andrews / Brenda Chapman. Walt Disney Pictures. (93min.)

ANEXOS

ANEXO A

PARECER DE PROTOCOLO DE PESQUISA – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
PUCSP



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP
SEDE CAMPUS MONTE ALEGRE

Protocolo de Pesquisa nº 440/2011

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica
Orientador(a): Prof.(a). Dr.(a). Ceres Alves de Araújo
Autor(a): Michel Alexandre Fillus

PARECER sobre o Protocolo de Pesquisa, em nível de Dissertação de Mestrado, intitulado ***A manifestação do arquétipo do herói na expressão de imagens oníricas de crianças***

CONSIDERAÇÕES APROVADAS EM COLEGIADO

Em conformidade com os dispositivos da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), em que os critérios da relevância social, da relação custo/benefício e da autonomia dos sujeitos da pesquisa pesquisados foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo concluir que o trabalho tem uma linha metodológica bem definida, na base do qual será possível retirar conclusões consistentes e, portanto, válidas.

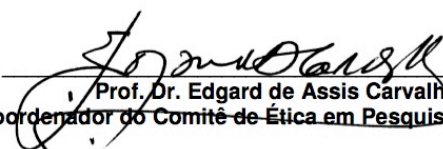
No entendimento do CEP da PUC-SP, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

CONCLUSÃO

Face ao parecer consubstanciado apensado ao Protocolo de Pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP – Sede Campus Monte Alegre, em Reunião Ordinária de **20/12/2011**, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº **440/2011**.

Cabe ao(s) pesquisador(es) elaborar e apresentar ao CEP da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, os relatórios parcial e final sobre a pesquisa, conforme disposto na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, inciso IX.2, alínea “c”, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), bem como cumprir integralmente os comandos do referido texto legal e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).

São Paulo, 20 de dezembro de 2011.


Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Os alunos matriculados nas séries do Pré I e II, da educação infantil, da Escola Municipal _____, CNPJ.: _____ localizada _____ neste ato representados por mim, _____, RG: _____ na qualidade de Diretora da Escola Municipal _____, estão sendo convidados a participar de um estudo denominado “A MANIFESTAÇÃO DO ARQUÉTIPO DO HERÓI NA EXPRESSÃO DE IMAGENS ONÍRICAS DE CRIANÇAS”, cujo objetivo é analisar a expressão do inconsciente das crianças, selecionando as imagens que simbolizam o herói no desenvolvimento infantil, e no processo de sonhar das crianças.

A participação dos educandos no estudo será de participar de uma “Oficina dos Sonhos”, representando uma atividade lúdica semanal da escola, na qual os educadores e pesquisador irão realizar uma “roda de conversa” e as crianças contarão os seus sonhos. Os educadores devidamente instruídos pelo pesquisador irão anotar cada relato no verso de uma folha de papel A4 e em seguida a mesma folha será oferecida à criança para que desenhe o seu sonho. Essa oficina terá 1 hora e 30 minutos de duração, semanalmente.

É possível esperar alguns benefícios para os alunos em relação ao desenvolvimento da espontaneidade e valorização da produção dos sonhos na atividade lúdica “roda de conversa” e recebi os esclarecimentos necessários de que não existem eventuais desconfortos ou riscos de qualquer natureza decorrentes da pesquisa. Estou ciente de que a sua privacidade será respeitada, ou seja, seus nomes ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificá-los, serão mantidos em sigilo.

Também fui informado de que pode haver recusa à participação no estudo, bem como pode ser retirado o consentimento a qualquer momento, sem precisar haver justificativa, e de que, ao sair da pesquisa, não haverá qualquer prejuízo. O pesquisador envolvido com o referido projeto é: Michel Alexandre Fillus, Psicólogo e aluno do Programa de Mestrado em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Com ele poderei manter contato pelo telefone: (XX) XXXX-XXXX

É garantido a mim o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da participação de quem represento.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do estudo, autorizo a participação dos alunos listados abaixo na referida pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação.

Certificamos que NÃO HAVERÁ QUALQUER DESPESA DECORRENTE DE SUA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo, devo entrar em contato com o CEP PUCSP pelo telefone (11) 3670-8466 ou escrever para cometica@pucsp.br.

_____, _____ de _____ de 2012.

Assinatura e RG do Representante Legal

Michel Alexandre Fillus
Pesquisador responsável

** (Acompanhará lista de alunos participantes, anexa e esse termo)*